Cândido M. S. Rondon



Cândido Mariano da Silva Rondon

ÍNDIOS DO BRASIL
DO CENTRO, NOROESTE E SUL DE MATO GROSSO

TOMO I

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL 254-A

SENADO FEDERAL 

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

O marechal Cândido Mariano da Silva Rondon, conhecido como marechal Rondon (Santo Antônio de Leverger, MT, 5 de maio de 1865 – Rio de Janeiro, Distrito Federal, 19 de janeiro de 1958), foi um engenheiro militar e sertanista brasileiro, famoso por sua exploração do Mato Grosso e da Bacia Amazônica Ocidental e por seu apoio às populações indígenas brasileiras. Descendente de portugueses e espanhóis miscigenados com guanás, indígenas da região, por parte do pai, e da mãe descendente de bororos e terenas.

Um dos maiores sertanistas brasileiros, senão o maior e mais famoso, integrou-se inteiramente à sua formação militar desde a adolescência, galgando na carreira todos os postos, até o mais elevado, marechal.

Pela segurança e competência com que construiu, pelas selvas de Mato Grosso, as linhas telegráficas brasileiras, foi encarregado de estendê-las pela Amazônia adentro. Descobriu o rio Juruema (afluente dos Tapajós) e estabeleceu contato estreito com os nambiquaras. Em 1909 iniciou sua mais longa expedição, até o rio Madeira.

Acompanhou o militar e político norte-americano Theodore Roosevelt em busca do chamado rio da Dúvida (hoje rio Roosevelt).

Rondon foi quem concebeu a criação do Serviço Nacional de Proteção aos Índios, do qual foi o primeiro presidente.

Cândido Mariano da Silva Rondon morreu aos 92 anos, em janeiro de 1958, no Rio de Janeiro, deixando uma legenda de glória em relação a possíveis confrontos com os índios:

"Morrer se for preciso;
matar, nunca!"

A história deste livro tem uma ligação muito forte com a família de Kurt Krakauer, autor das ilustrações de capa de *Os índios do Brasil*. Judeus refugiados da Segunda Guerra obtiveram cidadania brasileira por interseção direta do marechal Rondon, pelo envolvimento desinteressado na elaboração desta obra.

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Obras sobre a Amazônia e o Centro-oeste publicadas pelo Senado Federal

- Cândido Mariano da Silva Rondon. *Missão Rondon*.
- Alfred Russel Wallace. *Viagens pelo Amazonas e rio Negro*.
- Marcos Carneiro de Mendonça. *A Amazônia na era pombalina*.
- Nelson de Figueiredo Ribeiro. *A questão geopolítica da Amazônia, da soberania difusa à soberania restrita*.
- Paul Walle. *No Brasil, do rio São Francisco ao Amazonas*.
- Euclides da Cunha. *Um paraíso perdido: ensaios amazônicos*.
- Gilberto Paim. Amazônia ameaçada. *Da Amazônia de Pombal à soberania sob ameaça.*
- Jarbas Passarinho. *Amazônia, patrimônio universal?*
- A. Gonçalves Dias. *Viagem pelo rio Amazonas: cartas do "Mundus Alter".*
- Vítor Godinho e Adolfo Lindenberg. *Norte do Brasil: através do Amazonas, do Pará e do Maranhão.*
- Raimundo Morais. *O meu dicionário de cousas da Amazônia.*

Cândido M. S. Rondon



Ilustração de Kurt Krakauer
* Dezembro, 1921 – Agosto, 2007

Índios do Brasil

Edições do Senado Federal – Vol. 254-A

Índios do Brasil
do
centro, noroeste e
sul de Mato Grosso

Volume I

Cândido Mariano da Silva Rondon



Brasília – 2019

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
Vol. 254-A

Organização e Revisão: Joaquim Campelo Marques
Editoração eletrônica: Cintia Barbosa dos Santos,
Ingrid Viviane Rodrigues Martins Machado e
Renata Gomes Chilano Decaro
Ilustração de capa: Kurt Krakauer

Projeto gráfico: Serviço de Multimídia do Senado Federal (Semid)

Congresso Nacional
Praça dos Três Poderes s/nº – CEP 70165-900 – DF
cedit@senado.gov.br
http://www.senado.gov.br/web/conselho/conselho.htm

ISBN (obra completa): 978-85-7018-949-3
ISBN: 978-85-7018-950-9

Rondon, Marechal, 1865-1958.
Índios do Brasil / Cândido Mariano da Silva Rondon. – Brasília : Senado Federal, Conselho Editorial, 2019.
3 v. : il. 376 p. – (Edições do Senado Federal ; v. 254 A-C)

Conteúdo: v. 1. Índios do Brasil do centro, noroeste e sul do Mato Grosso – v. 2. Índios do Brasil das cabeceiras do Rio Xingu, rios Araguaia e Oiapoque – v. 3. Índios do Brasil do norte do Rio Amazonas.

1. Índios, Brasil. 2. Índios, usos e costumes, Brasil. 3. Arte indígena, Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 980.41

Sumário

SOB ESTE TÍTULO começarão a ser publicadas, oficialmente, as fotografias dos nossos índios e de assuntos que lhes dizem respeito, obtidas no sertão do Brasil por vários serviços em que colaboramos e por outros cuja direção nos foi confiada, em épocas diversas, desde 1890 até o presente momento.

Do numeroso arquivo que vimos religiosamente amealhando, através de mais de meio século de intenso trabalho, em que tão ajudado fui por uma plêiade de oficiais do Exército e pessoal civil, todos vibrantes de entusiasmo cívico pela Causa Indígena, pelo progresso de nossa pátria e pelo bem da Humanidade – teremos oportunidade de escolher a mais expressiva documentação daquela espécie, iniciando a reprodução das fotografias que constituirão os três primeiros volumes desta importante e valiosa coletânea.

O *1º volume* conterá fotografias dos índios do Centro, do Noroeste e do Sul de Mato Grosso, distribuídos pelos seguintes grupos ou tribos, relacionados em ordem alfabética:

1 – Anuzê
2 – Ariqueme
3 – Ariti (Pareci)
4 – Bororo
5 – Cabixi
6 – Cadiuveo
7 – Caiuá
8 – Canoê
9 – Caripuna
10 – Caxiniti
11 – Cozárini
12 – Guató
13 – Ipoteuate
14 – Iranche
15 – Jaru
16 – Mamaindê
17 – Maçacá
18 – Navaitê
19 – Nenê
20 – Nhambiquara
21 – Parintintim
22 – Parnauate (Tupi)
23 – Pirarrã
24 – Quepiquiriuate
25 – Quiapure
26 – Rama-rama
27 – Salamãe
28 – Tacuatepe
29 – Tagnani
30 – Tauitê
31 – Terena
32 – Uaimaré
33 – Uamandiri
34 – Umutina
35 – Urumi
36 – Urupá

O *2º volume* será dedicado aos índios das cabeceiras do rio Xingu e dos vales deste rio e de seu formador – o Ronuro – bem assim dos rios Araguaia e Oiapoque, aí figurando os seguintes grupos ou tribos:

Rios Xingu, Ronuro e Teles Pires (Antigo Paranatinga)

1 – Anauquá
2 – Aueti (Tupi)
3 – Bacairi (Caraíba)
4 – Cajabi
5 – Camaiurá (Tupi)
6 – Meinaco
7 – Suía (Jê)
8 – Trumai
9 – Ualapiti
10 – Uaurá

Rio Araguaia

Carajá

Rio Oiapoque

1 – Banaré
2 – Caripuna
3 – Galibi
4 – Iarupi
5 – Oiampi
6 – Paricura

O *3º volume* abrangerá as tribos e grupos dos vales do rio Trombetas e seu afluente Cuminá: rios Jari, Negro e Branco e seu afluente Uraricoera (é) a saber:

Rio Cumiiná – Rio Jari

1 – Aparaí
2 – Pianacotó
3 – Tirió do Grupo Rangu-Piqui

Rio Uraricoera – Rio Branco

1 – Macu
2 – Macuxi
3 – Maiongom
4 – Taurepã
5 – Uapichana
6 – Xirianã

Rio Uaupés (afluente do rio Negro)

1 – Baré
2 – Deçana
3 – Tariano
4 – Tocano
5 – Tuiuca
6 – Uanana

Provém esta documentação fotográfica das comissões a que vamos referir-nos, o mais sumariamente possível.

São elas: todas as Comissões Construtoras de Linhas Telegráficas no Estado do Mato Grosso, desde a primeira (1890), que ligou este estado à rede geral brasileira e que teve como emérito engenheiro-chefe o então major Gomes Carneiro, de quem nos honramos de ter sido ajudante e a quem substituímos nessa chefia, quando o grande soldado de dirigiu ao Estado do Paraná, para ali escrever uma das mais brilhantes páginas da nossa história militar, no cerco da Lapa, onde o herói invencível caiu morto, com as armas na mão, para só assim descansar da luta, depois de inscrever seu nome entre os dos nossos mais gloriosos generais!

Além deste primeiro contingente com que a República beneficiou nosso estado natal, desvanecemo-nos de haver chefiado todas as demais comissões que se encarregaram de estender até as principais cidades, vilas e fronteiras, a rede telegráfica terrestre de Mato Grosso, inclusive a última delas

(Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas) e de maior vulto e larga projeção em outros setores de atividade e progresso, aí compreendido o grave "Problema Indígena", que tivemos de resolver, ao penetrar nas zonas de sertão em que os nossos índios viviam livres do contato dos civilizados, tantas vezes prejudiciais à sua paz e à sua independência.

Ao terminarem os trabalhos desta última (1916) havíamos dotado Mato Grosso de 4.502,502 km de linhas telegráficas, assim então distribuídas:

1º Distrito Telegráfico –	1.283,639 km com 16 estações
2º Distrito Telegráfico –	1.433,195 km com 14 estações
3º Distrito Telegráfico –	1.785,668 km com 25 estações
SOMA..........................	4.502,502 km com 55 estações

Concomitantemente executáramos explorações e levantamentos que ascenderam a 50.000 km, aí incluídos os de vários cursos d'água da vasta área a que Roquette Pinto emprestou a denominação de *Rondônia*. Deste total destaco propositadamente a parcela que tocou ao período de 1907 a 1909, assim discriminado:

Expedição de 1907..................	1.781 km
Expedição de 1908.................	1.653 km
Expedição de 1909.................	2.232 km
SOMA..................................	5.666 km

Finalmente, apresentamos uma documentação captada pela extinta Inspetoria de Fronteiras (1934/8), cuja direção nos fora também confiada.

Pois bem, os álbuns fotográficos que ora nos foi permitido publicar, graças ao apoio do governo e à decisiva opinião de órgãos administrativos que os examinaram antes e os julgaram merecedores desta divulgação, abrangem todos esses trabalhos, ininterruptamente, desde 1890 até 1938. Cabem aqui, a propósito, os nossos agradecimentos ao presidente do Departamento Administrativo do Serviço Público (D.A.S.P.), em boa hora criado e confiado à competência do Sr. Luís Simões Lopes, bem assim às autoridades dos Ministérios da Agricultura e da Fazenda; àquele presidente, principalmente, que, convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios, compareceu prontamente e decidiu empenhar seu incontestável prestígio administrativo para que se transformasse em simpática realidade a vibrante e esclarecida proposta do ilustre vice-presidente do C.N.P.I., Dr. Edgard Roquette Pinto, quem primeiro aventara tal medida, por necessária e inadiável.

*

Deste exórdio que nos esforçamos em reduzir ao mínimo de palavras, se depreende que possuímos fotografias que foram batidas no meio das selvas há mais de 50 anos, isto é, ao tempo em que a arte fotográfica não havia atingido o adiantamento que hoje apresenta e que entanto simplifica o volume e o peso do material a isto destinado, assim como os processos de obtenção dos negativos e sua impressão em positivo, com as facilidades das ampliações, ora tão aperfeiçoadas.

Além disso, cumpre lembrar o esforço que, na maioria dos casos, representa a documentação fotográfica através dos sertões brutos. Pesados pacotes, então, de chapas de vidro que escapavam de se desfazerem em cacos, nos rudes transportes por terra ou na travessia de cachoeiras e corredeiras, onde

tantas canoas, materiais e vidas preciosas ficaram para sempre sepultados, era quase por milagre que chegavam aos nossos gabinetes fotográficos nas cidades!

Ainda mais, fora preciso numerosas vezes que os artistas fotógrafos carregassem eles próprios os pesados e preciosíssimos negativos e outros materiais indispensáveis, imitando dedicações estoicas como aquela de um Alípio de Miranda Ribeiro, de físico frágil, mas de sublimada energia moral para suportar às próprias costas os espécimes zoológicos por ele coligidos no sertão, quando não havia mais animais de carga, nem soldados e civis disponíveis para esse transportes de carga – absolutamente considerada secundária – no crítico momento em que as hostilidades do meio ameaçavam a própria vida dos expedicionários!

Nenhum exagero, portanto, representa o afirmar, neste bosquejo incolor, mas expressivamente verídico, que muitas destas fotografias agora folheadas tranquilamente em ambientes civilizados e oferecidas aos estudiosos da ciência e aos concidadãos que se interessam pelas coisas essencialmente brasileiras e olham com simpatia o "problema do índio", custaram muita abnegação, muito esforço patriótico, muito suor, muito cansaço e quiçá também o sangue e a vida de patrícios nossos, para que ora as pudéssemos contemplar e comentar, acomodados em compartimentos confortáveis.

*

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes, encontram-se fotografias de índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos bandeirantes – como é o caso típico dos aritis, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de parecis pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Ariti", conforme verificamos, estudando a sua língua e os seus costumes – assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os nhambiquaras, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que transcrevemos a fls. 49 de nosso modesto trabalho: "'Etnografia' – Anexo nº 5 – Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas", no qual tratamos resumidamente dos aritis e dos nhambiquaras (edição há muito inteiramente esgotada).

*

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se for preciso; matar, nunca!"

Estão nestas condições os quepiquiriuates; os dois grupos tupis: parnauate e tacuatepe; os umutinas, os pirarrãs (parintintins); os pianacotós e rangu-piquis; maiongons; xirianãs; urumis; ariquemes; jarus; urupás.

*

Não foram isentas de perigo, como já insinuamos, as nossas incursões em território de várias Nações Brasilíndias, como vamos ligeiramente recordar, citando alguns casos concretos:

a) A Expedição ao rio Jaci-Paraná (1909) foi atacada por um grupo de índios caritianas, do que resultou a morte de um remador e ferimentos do médico da turma e da nossa Marinha, dr. Paulo Fernandes dos Santos, e de outro remador. De várias publicações – entre as quais citamos com prazer os livros da autoria do atual secretário do C.N.P.I., cel. Amílcar A. Botelho de Magalhães: *Impressões da*

Comissão Rondon e *Pelos sertões do Brasil* – consta minuciosamente a descrição deste episódio, em que os índios caritianas, confundindo o médico com um seringueiro Minervino, que os atacara, a bala, no rio Branco do Jaci-Paraná, promoveram essa represália, dirigindo-a exclusivamente contra a pequena canoa que conduzia a mira graduada para as visadas do levantamento, a luneta Lugeol e a bússola, embarcação em que viajava o dr. Paulo. Não ofenderam em nada, quer o grande batelão da vanguarda, quer a última canoa em que iam os engenheiros-militares: o saudoso cap. M. T. Costa Pinheiro e o então 1º ten. Amílcar A. Botelho de Magalhães.

b) Eu próprio e as minhas turmas de exploração de 1907 e 1908 fomos duas vezes violentamente agredidos a flechadas, pelos altivos guerrilheiros nhambiquaras, às margens do famoso rio Juruena. Nos livros acima citados e no 1º volume do meu Relatório Geral (Publicação nº 1 da Com. L. T. Estr. Mato Grosso ao Amazonas) estão descritos estes dois episódios, dos quais, infelizmente, não provieram nem ferimentos nem mortes!

c) No curso da "Expedição de 1909" tivemos de acudir apressadamente ao soldado Rosendo, flechado por nhambiquara, atocaiado na mata da Canga, por trás do tronco secular que fez jus ao cognome de "pau gigante", com que ficou conhecido entre os expedicionários.

d) Os então 1º ten. Nicolau Bueno Horta Barbosa – o dedicado ajudante e provecto engenheiro-militar, primaz na constância de sua colaboração nos trabalhos do sertão, o qual ainda hoje, como tenente-coronel da reserva do Exército, convocado, presta serviços inestimáveis como chefe da Inspetoria de S. Paulo e do sul de Mato Grosso – e aspirante a oficial Tito de Barros – ora oficial superior da mesma reserva – ambos no exercício de funções concernentes à construção da linha telegráfica entre as estações e Juruena e Nhambiquaras, foram flechados pelos índios desta última denominação, em pleno peito. Fiel ao nosso lema, o tenente Nicolau, comprimindo o ferimento donde brotava abundante, tão generoso sangue brasileiro, não consentiu de modo algum que perseguissem nem atirassem contra os selvícolas e, ao contrário, mandou empilhar presentes, destinados aos agressores, no próprio local em que eles o hostilizaram!

e) A turma exploradora do rio Ananás, cujos trabalhos foram iniciados em 1º de março de 1915, sob a chefia do 2º ten. Francisco Marques de Sousa, foi rudemente combatida por índios que supomos pertencer à tribo dos araras, que, de surpresa, a atacaram no dia 29 de maio daquele ano, vitimando o abnegado oficial e o hábil fabricante de canoas Tertuliano Ribeiro de Carvalho, carpinteiro e capataz da referida turma.

*

Bastam estes exemplos, supomos, para comprovar a afirmativa que avançamos e a aplicação que têm tido, no domínio da prática, os métodos que – fiéis aos conselhos do grande estadista José Bonifácio de Andrada e Silva – adotamos nas nossas relações com as tribos indígenas de nossa pátria.

*

Além das fotografias que interessam ao índio e seus costumes, incluímos algumas que reproduzem aspectos notáveis dos sertões que palmilhamos, como os saltos e as cachoeiras, morros, matas, etc., bem assim as de estações telegráficas e outras construções que ali realizamos.

Particularmente, quanto a certas tribos e grupos ameríndios, teremos ainda oportunidade de expor, ao abrir os álbuns em que eles figuram, o mais sinteticamente possível, passagens que interessam a nossa atuação perante eles e referir episódios característicos, ocorridos no decorrer de providências para anular a sua aversão aos civilizados.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro, 10 de março de 1944.

Cândido Mariano da Silva Rondon
General, presidente do C.N.P.I.

Os nhambiquaras

. . . .

Os nhambiquaras

Os PRIMEIROS ESTUDOS feitos sobre estes índios, com caráter científico, foram realizados através dos trabalhos dirigidos pelo atual general de divisão reformado Cândido Mariano da Silva Rondon, durante as explorações que desvendaram os sertões de Mato Grosso, desde o rio Juruena até a zona dos principais afluentes do rio Madeira, um dos mais importantes contribuintes do caudaloso Amazonas. Nessa zona está a chamada serra do Norte, da cartografia antiga e que não é mais que um trecho do grande chapadão dos Parecis, que corre em direção N.W., desde as circunvizinhanças de Cuiabá até proximidades do rio Mamoré.

Os principais estudos etnográficos relativos aos nhambiquaras, constam de uma notável publicação: *Rondônia*, da autoria do dr. Edgard Roquette Pinto[1], professor e ex-diretor do Museu Nacional do Rio de Janeiro e que os realizou sob os auspícios da Comissão Rondon. Rondônia, chamou este autor pela primeira vez, à zona das principais descobertas do general Rondon e que abrange meio milhão de quilômetros quadrados de superfície; e o nome, divulgado, foi acolhido por todos os intelectuais, geógrafos e historiadores brasileiros, como uma justa homenagem ao grande sertanista! As explorações de Rondon visavam principalmente o projeto da construção da linha telegráfica que ligou Mato Grosso ao Amazonas, através desse vasto sertão, cujos trabalhos começaram na capital do Estado de Mato Grosso em 1907 e terminaram, nas margens do Mamoré, em 1915.

As explorações que, diretamente, visavam o lançamento do fio telegráfico, foram levadas a efeito sob a chefia pessoal de Rondon, em três etapas:

Expedição de 1907 - de Cuiabá ao rio Juruena (1.781 quilômetros de explorações totais)
Expedição de 1908 - do rio Juruena à serra do Norte (1.653 quilômetros idem)
Expedição de 1909 - da serra do Norte ao rio Madeira (2.232 quilômetros idem)

As 1ª e 2ª expedições foram atacadas pelos guerrilheiros nhambiquaras – ou nambiquaras, como prefere dizer Roquette Pinto – assim como, durante a construção da linha telegráfica, atacaram estes índios as turmas encarregadas de vários trabalhos parciais e os nossos comboios de gêneros e de materiais para a linha.

Mas Rondon sempre foi fiel ao seu extraordinário lema, que nunca será demais repetir:

"Morrer, se preciso for; matar, nunca!"

---

1 Atualmente membro do Conselho Nacional de Proteção aos Índios e seu vice-presidente desde a criação do dito Conselho.

fazia amontoar – nos próprios locais desses ataques – presentes de toda a espécie, constituídos por objetos que os índios mais cobiçavam: machados de aço – a libra esterlina dos nhambiquaras, no dizer pitoresco de Roquette – facões de mato, tesouras, canivetes, fósforos, espelhos, miçangas e outras contas, pentes, etc. E quando os selvícolas se decidiam afinal a carregar os primeiros presentes, uma nova série lhe era religiosamente oferecida, no mesmo lugar, até que eles começavam também a retribuir, deixando-nos suas flechas, seus arcos, seus rústicos artefatos – para afinal um dia confraternizarem conosco, surgindo da mata, esquivos, medrosos de uma cilada como tantas outras que os civilizados lhes haviam feito sentir!

Da expedição de 1907, narra o então coronel Rondon e o autor destas notas (V. *Pelos sertões do Brasil* – 2ª ed. 1941 – fls. 260/3):

"Longe estávamos de supor, porém – diz o relatório – que os nhambiquaras nos seguiam os passos, projetando um ataque à expedição, naturalmente em represália ao que sofreram da expedição de Pedro Vigner, que se aventurou a internar-se pelo vale do Uatiá-uiná, onde deu combate àqueles índios, que a repeliram, fazendo-a voltar. Vimos com nossos próprios olhos duas sepulturas recém-abertas, à margem esquerda da cabeceira do Buriti. Esses assassínios realizaram-se em julho, seguindo aquele ousado seringueiro para o Papagaio, onde explorou o salto a que denominei de Uatiá-uiná, lugar em que deu combate aos nhambiquaras.

"Esta incursão violenta foi causa da hostilidade com que os nhambiquaras receberam os expedicionários da Comissão Rondon, confundindo-os com os seringueiros.

"Assim foi que os silvícolas se emboscaram e atacaram a turma de exploração, quando esta havia caminhado cerca de um quilômetro em direção ao aldeamento indígena, que pretendia visitar e para onde conduzia, em sacrifício, muitos presentes, inclusive os machados e foices até então utilizados na abertura do pique. Narra o general Rondon essa passagem perigosa:

"Preparei-me para visitar a aldeia dos índios. Levava-lhes tudo quanto ali podia dispor para presenteá-los.

"Na frente ia o Domingos, armado de carabina Winchester, em seguida eu, com uma Remington de caça, a tiracolo, depois o ten. Lira e o fotógrafo Leduc, ambos armados de pistolas Colt. mais atrasado vinha o resto do pessoal.

"O nosso pensamento vagueava entre as dificuldades vencidas e a satisfação do triunfo, entre as agruras sofridas, e a alegria da volta com o dever cumprido.

"De repente, um sopro perpassou-me; pareceu-me um pássaro que me cruzasse rápido o caminho e o acompanhei à direita, indo esbarrar com a vista na choupa, ainda vibrante, de uma flecha, cuja ponta mergulhara no solo arenoso, errando o alvo.

"A compreensão súbita do que se passava me desalojou da sela, para atravessar o animal e preparar a defesa, a que fui levado instintivamente; isto foi num pulo. Já, no capacete, à nuca, viera rocegar a pena doutra flecha disparada contra mim, e próximo, a doze passos, dois possantes nhambiquaras retesavam os seus arcos, inclinados para mim. Pareceu-me sentir o seu olhar tão duro como as pontas das flechas que eles pretendiam cravar-me.

"A esse tempo lhes dava resposta, a um e outro, tudo num relance tão fugaz que, dos meus companheiros, nenhum se apercebeu do que se passava, senão depois.

"Domingos fora alvejado por duas flechas, eu por três, a terceira das quais viera quebrar-se de encontro a minha arma, no momento em que a desfechei sobre o selvagem da esquerda, o que me alvejou no peito. Não sei por que acaso encontrou esta flecha o furo da bandoleira onde se engastou, senão ter-me-ia fatalmente morto.[2]

2 Entre as fotografias dos nhambiquaras, encontram-se a da bandeira com a flecha partida e o grupo de expedicionários atacados. Rondon, o saudoso tenente Lira, o fotógrafo Leduc e o camarada Domingos.

"Mais me custou, passada a surpresa, que foi enorme, conter meus companheiros. Quiseram todos precipitar-se, perseguindo os índios. Os dois em que atirei, eu os vi abaixarem-se e desaparecerem no cerrado. Os cães saíram-lhes no encalço e em pouco ouvimos os uivos de um que fora atingido por certeira flecha. Deste fato concluí que a guerrilha tinha segunda linha, naturalmente reforçada, que nos deveria atacar a descoberto, o que foi confirmado pelo guia Uazacuririgaçu, que bateu o cerrado em derredor e verificou que havia quatro índios na segunda linha e maior número na terceira.

"Organizei desde logo a retirada, fazendo sentir aos meus companheiros que a nossa missão estava terminada. Não viéramos conquistar índios, mas trazer até o Juruena o reconhecimento indispensável à nossa construção e isto estava feito. Antes de tudo, por dever de humanidade, e depois em consideração ao próprio serviço que àqueles sertões nos levava, era-nos vedado abrir lutas.

"A nossa principal preocupação deve ser, sistematicamente, o estabelecimento das melhores relações com os habitantes do território que invadimos. Em uma palavra: só pela paz e jamais pela guerra, devemos penetrar pelos sertões."

Em obediência a tais diretivas, a coluna expedicionária, depois de deixar aos índios muitos presentes no próprio local do ataque, retrocedeu, e no mesmo dia percorreu 31 km, apesar do cansaço geral e da deficiência de alimentação, indo acampar na mata do Saueruiná às 20 horas. Seguiram-na os selvícolas, sem propriamente persegui-la, mas negaceando e matando os muares que afrouxavam e ficavam para trás, sorte cruel que também teve "o velho e ótimo perdigueiro *Lord*", ferido por um queixada, e que com dificuldade acompanhava a marcha da coluna.

Cumpre assinalar que os disparos feitos o foram sem pontaria e para o ar, no intuito de afugentar os índios.

Os mesmos índios atacaram, nas margens do Juruena, a Expedição de 1908. Dou a palavra a mim mesmo, no meu livro já citado:

Deu-se nesse ponto o episódio que a seguir descreve o relatório de Rondon:

"O avultado número de pegadas, que observáramos, em todos os trechos indígenas da região, me preocupava o espírito. Sabia bem que os índios fugiam em nossa frente e talvez nos quisessem preparar uma emboscada na travessia do rio que eles defendem, com ardor indígena de verdadeiros patriotas. Por isto, após a pose realizada sobre a pedra de arenito que aflora nas proximidades do porto, para fotografarmos o grupo da vanguarda, fiz um ligeiro reconhecimento com a minha matilha – que se compunha de trinta cães – abaixo e acima do ponto de chegada, nas matas da margem direita do rio.

"Os cães espalharam-se na mata em todos os sentidos, sem darem sinal algum, nem de caça.

"Voltamos, após cerca de uma hora de excursão, descansados, pensando não haver perigo algum nos arredores.

"Havíamos descoberto uma grande árvore cujo tronco media 4 m de circunferência e que se prestava perfeitamente para dela extrairmos a madeira em que tínhamos de vazar a canoa, para o acesso à outra banda: ordenara, pois, sua derrubada, que foi executada em poucos momentos.

"A picada da abertura do caminho havia chegado ao rio e eu mandara abrir, em maior largura, o trecho de acesso, com o intuito de evitar qualquer emboscada.

"O caminho, que era um trilho velho dos índios, beira em grande extensão o capão da mata à direita do campo em que nos metemos e que resultara da roça que nesse lugar houvera em outros tempos.

"Deixei a minha arma e o meu capacete junto à pedra de arenito e dirigi-me à árvore da canoa, que já se achava no chão: continuei, assim, desarmado, após o exame da madeira derrubada, a caminhar para a picada, onde se achava o grupo de soldados efetuando a limpeza, juntando e removendo os paus cortados. Aproximara-me de uma árvore caída, de cerne vermelho, para examiná-la, quando ouvi uma gritaria das praças da retaguarda.

"Compreendi imediatamente tratar-se de ataque dos índios, e assim como estava, corri para onde se achavam as praças, recomendando que não corressem nem gritassem. Na frente, arrastando toda a massa que corria desabridamente, sem armas, encontrei um anspeçada gritando: 'Uma cabocla me flechou!'

"Tudo não passava de um medo horroroso. Cheguei até próximo dos índios, completamente desarmado, e só então resolvi retroceder, para reunir o pessoal e, no lugar da emboscada, investigar o acontecimento.

"Dado o toque de reunir, todo o pessoal formou e então marchei para o local do ataque. Lá encontramos quatro flechas fincadas no chão, por entre o taquarizal existente, na borda da mata, de onde os índios fizeram a emboscada. Os soldados mostraram os lugares de onde os índios, de joelhos, desferiram as flechas que, felizmente, nenhum mal fizeram.

"Para afugentar os selvícolas, fizemos os nossos cães penetrar na mata e para isto conseguir, disparei a minha arma para o ar. Infelizmente tal ato determinou no meu pessoal um movimento impulsivo que, com dificuldade, consegui deter, mandando cessar fogo.

"Penetramos na mata, para ver qual o rumo que os assaltantes teriam tomado, e dentro dela encontramos um arco e várias flechas, deixadas por algum guerreiro que, no afã de fugir, não pôde se desvencilhar do emaranhado dos cipós e arbustos que crescem debaixo das grandes árvores daquela região.

"Os nhambiquaras que nos atacaram eram em número considerável, o que pudemos verificar pelas 'batidas' deixadas em diferentes rumos, por onde se dispersaram. Um grande grupo atirara-se ao Juruena, atravessando para o outro lado do rio."

*

"Restabelecida a ordem no acampamento e a calma nos espíritos, prosseguiu Rondon desassombradamente para a frente, atravessando o Juruena por meio da canoa que fizera construir com esse fim, e iniciando na margem oposta (esquerda) a instalação do 'Destacamento do Juruena', terminada e festejada juntamente com a magna data nacional, a 7 de setembro. Apenas tomou precauções ainda mais rigorosas, principalmente à noite, para evitar qualquer ataque de surpresa, por parte dos guerreiros juruenenses, revestindo de formalidades militares a defesa dos acampamentos, cuja vigilância era feita sobre todos os pontos de onde pudessem surgir os selvícolas."

*

Na expedição de 1909, na mata da Canga, ainda os nhambiquaras flecharam o comboio de gêneros e feriram gravemente, no peito, o soldado-tropeiro Rosendo.

Com a linha já em tráfego, os nhambiquaras surpreenderam o destacamento do rio Juína, aí instalado principalmente para tomar conta da balsa em que era feita a travessia deste curso d'água, e mataram todos os soldados.

*

De meu livro *Rondon – Uma relíquia da Pátria* – 1ª edição 1942 da Editora Guaíra Limitada, de Curitiba – Estado do Paraná – transcrevo agora o trecho a seguir, pelo qual se verifica a atitude pacífica ultimamente tomada pelas tribos nhambiquaras e que elas continuam a manter em 1942 (v. fls. 48/9):

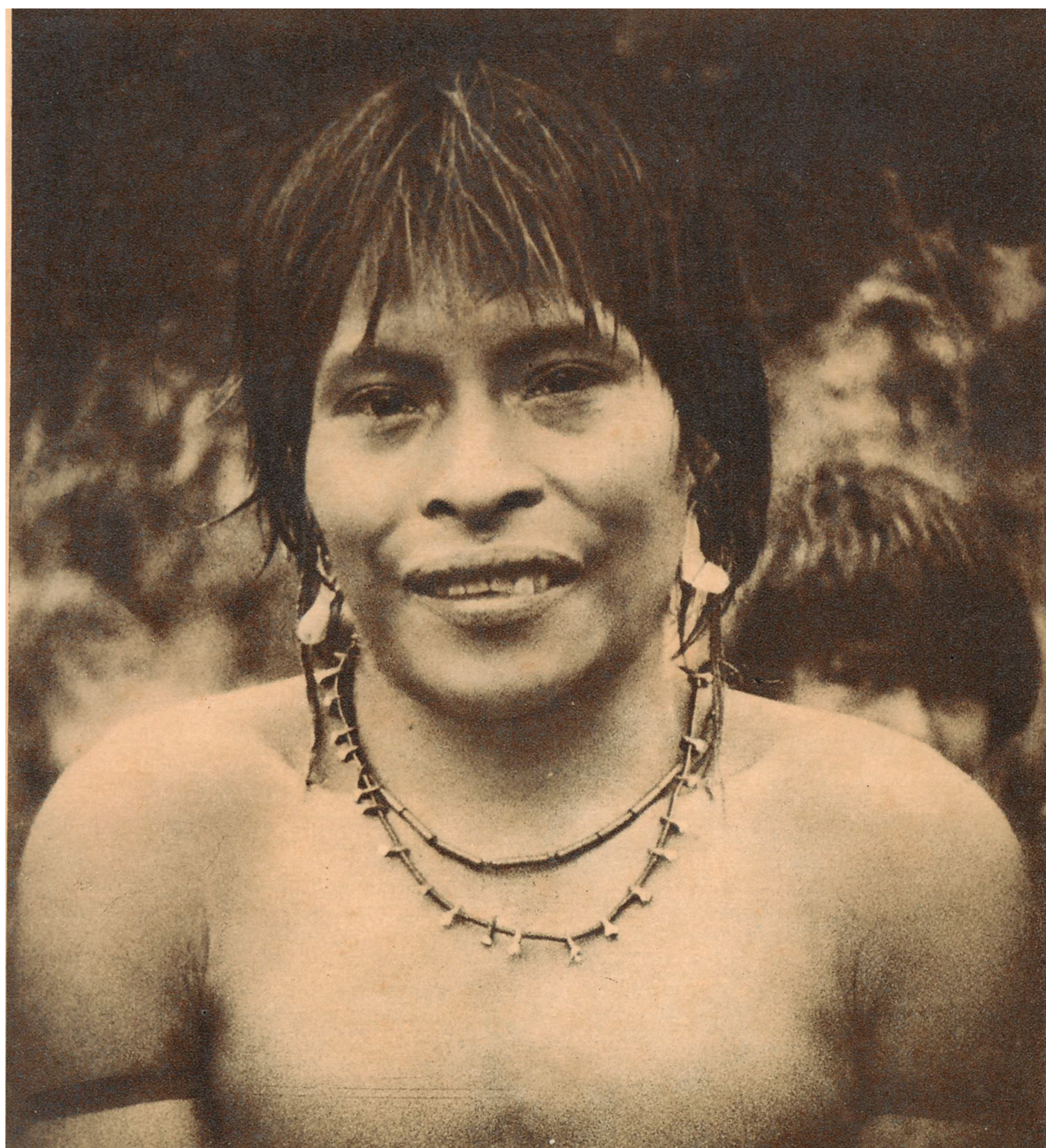
"Dos resultados práticos dessa assistência aos índios em contato com a linha telegráfica, numa paciente e ininterrupta campanha, no recesso das matas, sem 'reclame' poderemos ter pálida ideia transcrevendo alguns trechos do relatório de 1919, do chefe da Zona Sul do Distrito Telegráfico do Sertão,

o emérito telegrafista-chefe Germano José da Silva, agora aposentado e residindo em Campo Grande, no sul de Mato Grosso, após longa e prestimosa colaboração prestada a Rondon, durante muitos anos:

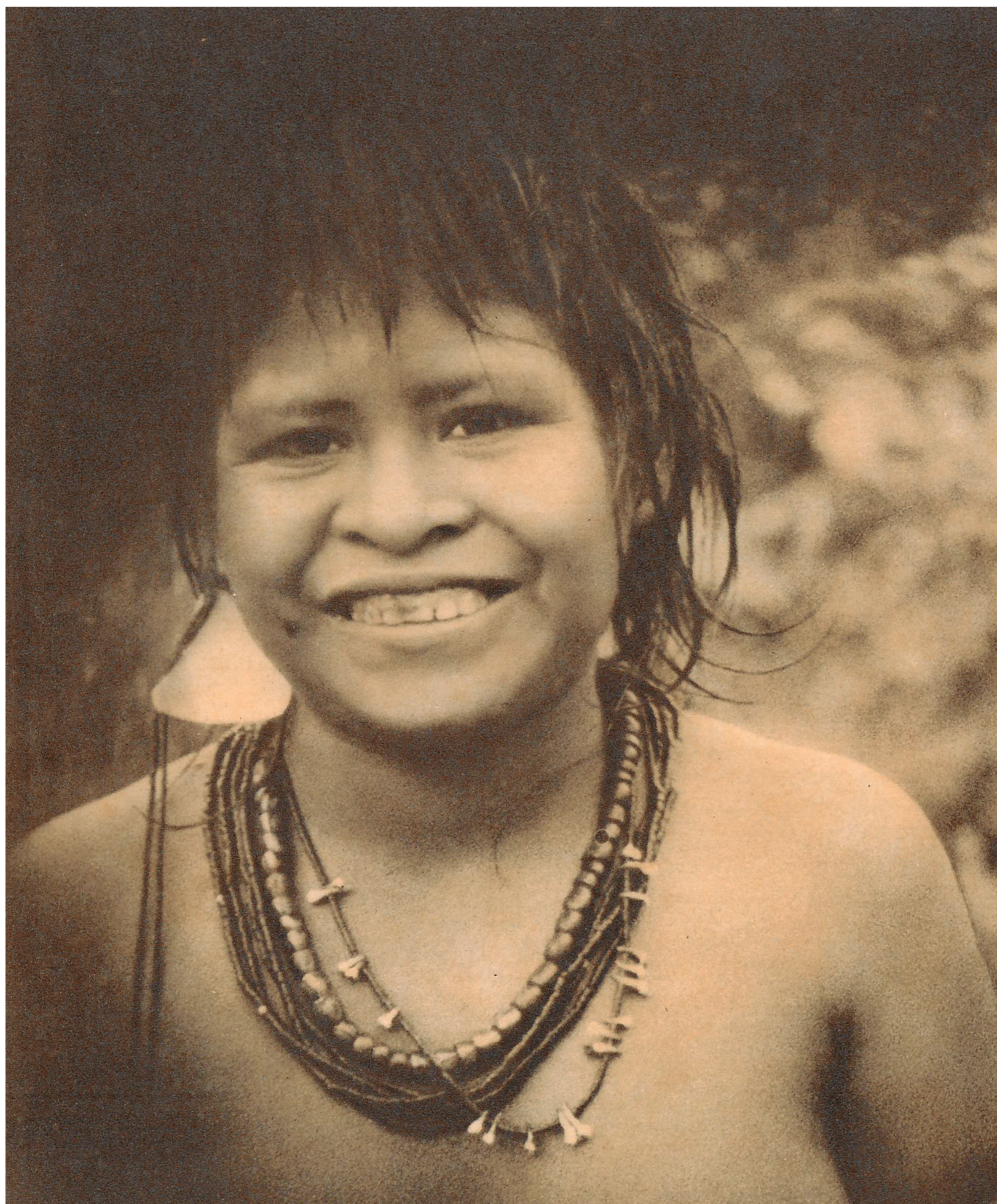
'... O quadro E registra o número de índios parecis, num total de 107, discriminadamente por sexos e idades, mencionando o número de menores matriculados na Escola Pública... Dos 20 índios empregados no serviço de conservação da linha, quatro são telegrafistas (sendo dois encarregados das estações de Barão de Capanema e Nhambiquara e os outros dois outros auxiliares da de Utiariti), os 16 restantes, como se vê do quadro, são guarda-fios, tropeiros, carpinteiros, etc., quase todos já sabendo ler e escrever... Infelizmente, por falta de professor, a aprendizagem de música instrumentada foi interrompida, há cerca de três anos, bem assim, por falta de matéria-prima, a oficina de sapataria... A tendência evolucionista dos índios nhambiquara, ao longo da linha, no sentido da civilização, já é bem caracterizada pelo auxílio espontâneo que vão prestando ao serviço de conservação. De maio a agosto grandes turmas de nhambiquaras das matas da Canga e de índios sabanês, num total de 149, estiveram trabalhando em roçadas do picadão, 'aceiramento' de postes e até na substituição de posteação, do córrego Chimarrão à mata do Toloiri'."

Amílcar Armando Botelho de Magalhães.
Coronel secretário do C.N.P.I.

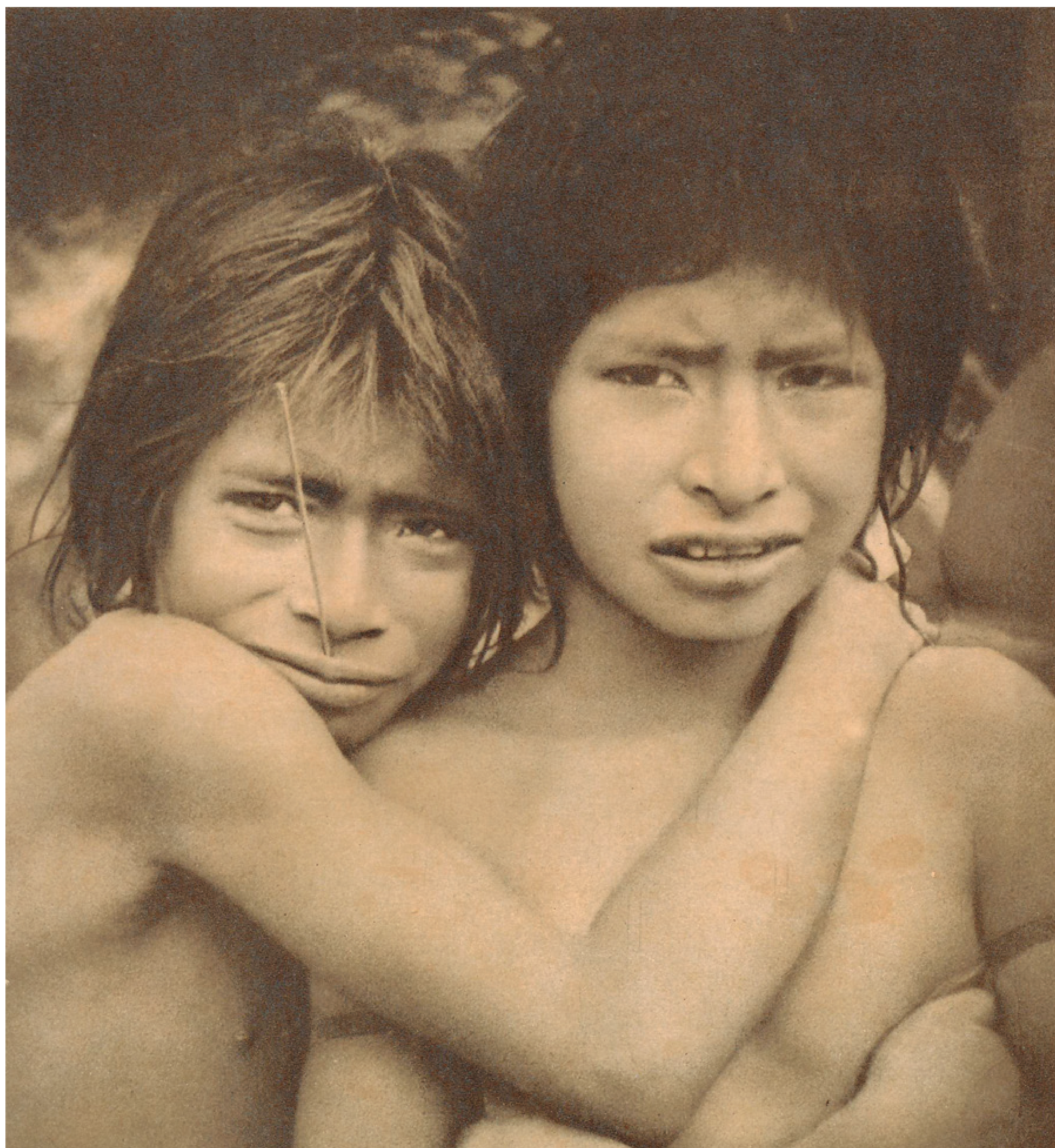
(Publicado no nº 4, de outubro de 1943, da revista América Índigena).



1 – Índio nhambiquara-mamaindê, rio Cabixi.
Foto major Tomás Reis.



2 – Índia nhambiquara-mamaindê, rio Cabixi.
Foto major Tomás Reis.



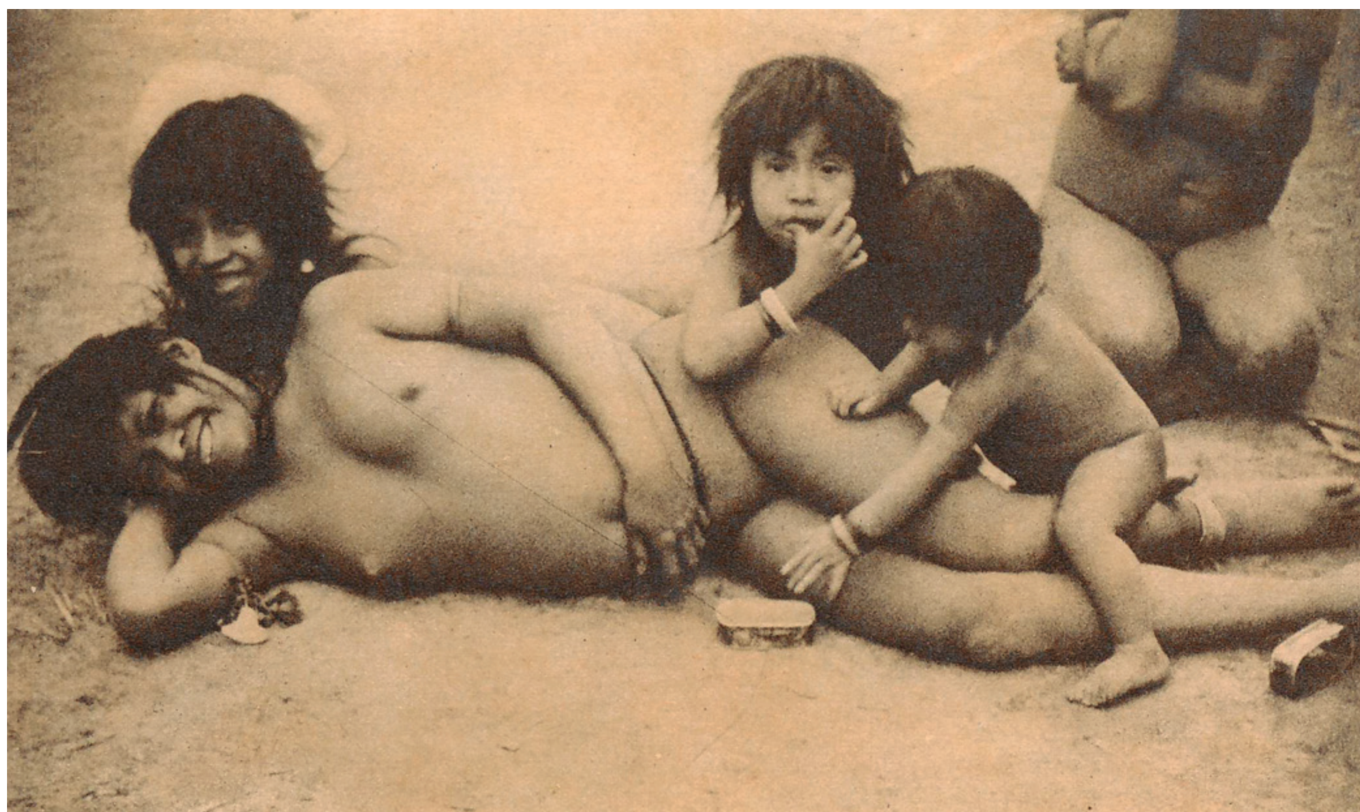
3 – Índios nhambiquaras-mamaindês, rio Cabixi.
Foto major Tomás Reis.





4 e 5 – Porto Amarante, no rio Cabixi, onde o gal. Rondon encontrou-se com os índios nhambiquaras-mamaindês. A tribo está pacificada, conservando, entretanto, os seus hábitos guerreiros.

Fotos major Tomás Reis.



6 – Mulher nhambiquara-mamaindê com seus filhos. Rio Cabixi. Eles deitam-se de preferência no chão, não usam redes e não se cobrem com qualquer tecido.





7 e 8 – Índias nhambiquaras-mamaindês do rio Cabixi.
Fotos major Tomás Reis.



9 – Índia nhambiquara-mamaindê socando abacaxis silvestres.



10 – Espremendo os abacaxis para bebida. Rio Cabixi.

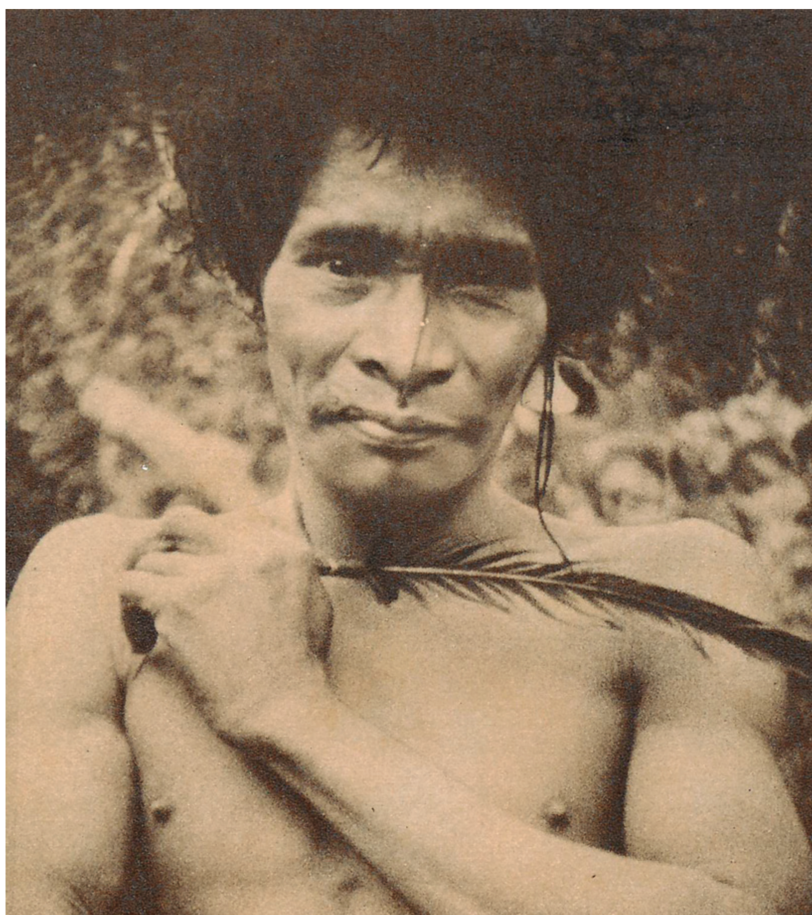
Fotos major Tomás Reis.



11 – Mulher nhambiquara-mamaindê bebendo o suco de abacaxi. Rio Cabixi.
Foto major Tomás Reis.



12 – Criança nhambiquara-mamaindê brincando com abacaxis silvestres.
Foto major Tomás Reis.



13 – Cacique nhambiquara-mamaindê do rio Cabixi.



14 – Índias nhambiquaras-mamaindês do rio Cabixi.

Fotos major Tomás Reis.



15 – Índia nhambiquara-mamaindê.



16 – Índia nhambiquara-mamaindê.
Rio Cabixi.
Fotos major Tomás Reis.



17 – Rio Cabixi.



18 – Índia nhambiquara-mamaindê.
Fotos Tomás Reis.



19 – Maloca de nhambiquara-uamandiri. Rio Cabixi.
Fotos cap. Amarante.



20 – Capitão Amarante com a turma expedicionária e índios nhambiquara-mamaindê.
Expedição Guaporé-Vilhena pelo rio Cabixi.



21 – O Zuiú-iná (rio Juína) acima da confluência do Zocô-Zocôrezá (rio Formiga) forma um salto.



22 – Zuiú-iná (rio Juína). Balsa com índios nhambiquaras-nenê.
Fotos José Louro.



23 – Balsa com muar passando o Zuiú-iná (rio Juína).



24 – Posto militar e telefônico de Zuiú-iná (rio Juína), célebre pela frequente incursão e ataques de nhambiquaras.
Fotos José Louro.



25 – Nhambiquara-nenê do Zuiú-iná (rio Juína), em peregrinação pelos campos.
Foto José Louro.



26 – Índios nhambiquara-nenê divertindo-se no caminho.
Foto major Tomás Reis.



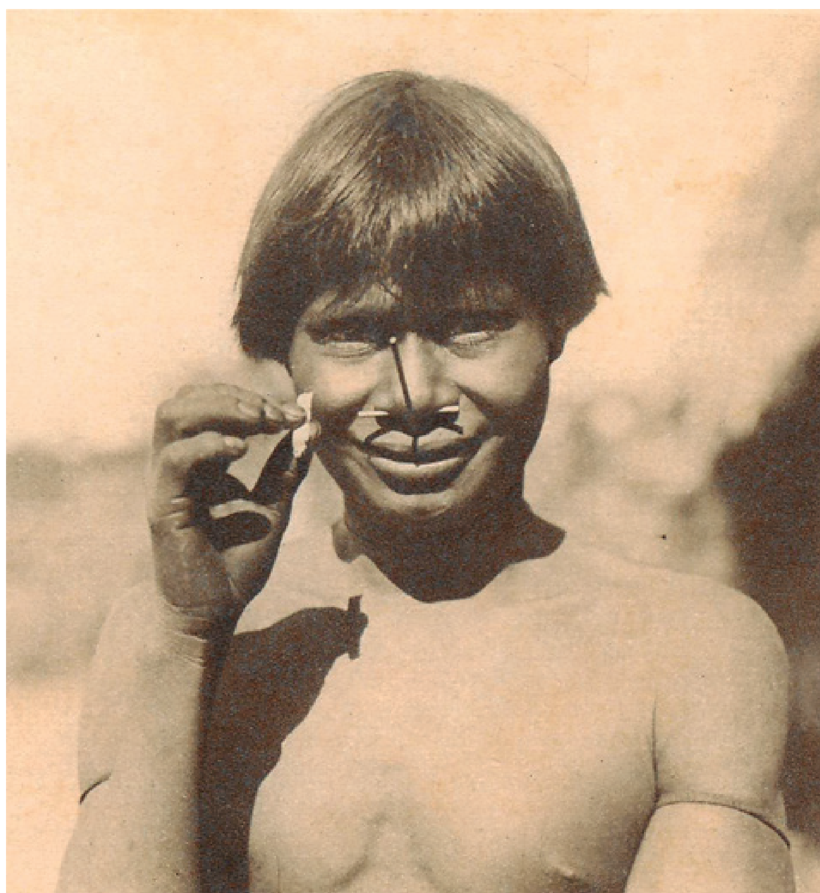
27 – Jovem índia nhambiquara-nenê.
Foto José Louro.



28 – Índio nhambiquara-nenê.
Foto Dr. Roquette Pinto.



29 – Índio nhambiquara-nenê.
Foto major Tomás Reis.



30 – Rapaz nhambiquara-nenê do Juína.



31 – Um casal nhambiquara-nenê (rio Juína).
Fotos José Louro.



32 – Índio nhamiquara-nenê fumando.
Foto major Tomás Reis.



33 – Cavaignac, nhambiquara-nenê, preparado para a caça.
Foto José Louro.



34 – Grupo de mulheres nhambiquaras-nenês do Zuiú-iná (rio Juína), pacificadas pela Comissão Rondon.
Foto José Louro.



35 – Índios nhambiquaras-nenês.
Foto major Tomás Reis.



36 – Índios nhambiquaras-nenês divertindo-se no caminho.



37 – Atitudes dos índios e índias nhambiquaras do grupo nenê.
Fotos major Tomás Reis.



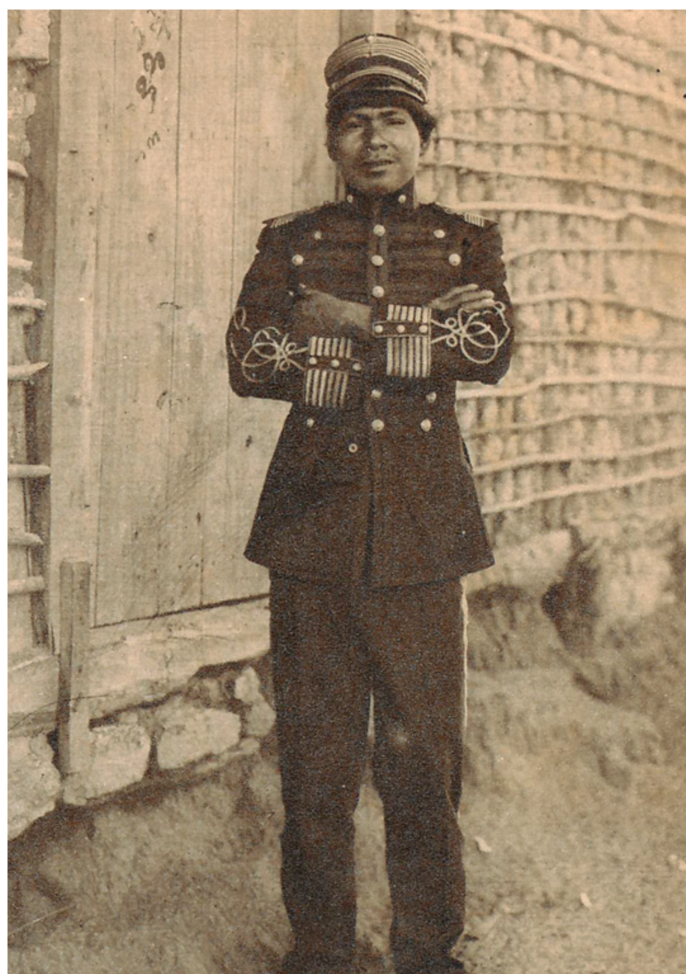
38 – Outro aspecto dos índios nhambiquaras-nenês em momento de recreio.



39 – Índios nhambiquaras-nenês dançando. Núcleo indígena Utiariti.
Fotos major Tomás Reis.



40 – Um presente de uniforme, mandado pelo chefe da Comissão Rondon ao cacique nhambiquara-nenê apelidado Cavaignac.



41 – Cel. Cavaignac, cacique nhambiquara-nenê do Zuiú-iná (rio Juína).

Fotos José Louro.



42 – Moça nhambiquara-nenê do Zuiú-iná (rio Juína).
Foto José Louro.



43 – Grupo de índios nhambiquara-nenê.
Foto major Tomás Reis.



44 – A elegante seringueira domina em altura.
Zuiú-iná (rio Juína).



45 – O salto Juína quase um rápido na época da cheia.



46 – A balsa do Ana-u-iná (rio Juruena).
Foto José Louro.



47 – Lira, Rondon e Leduc no grupo dos oito expedicionários que primeiro atingiram o rio Juruena, em 1907.
Foto Leduc.



48 – Os quatro expedicionários que foram atacados a flechadas pelos nhambiquaras.
Fotos Leduc.

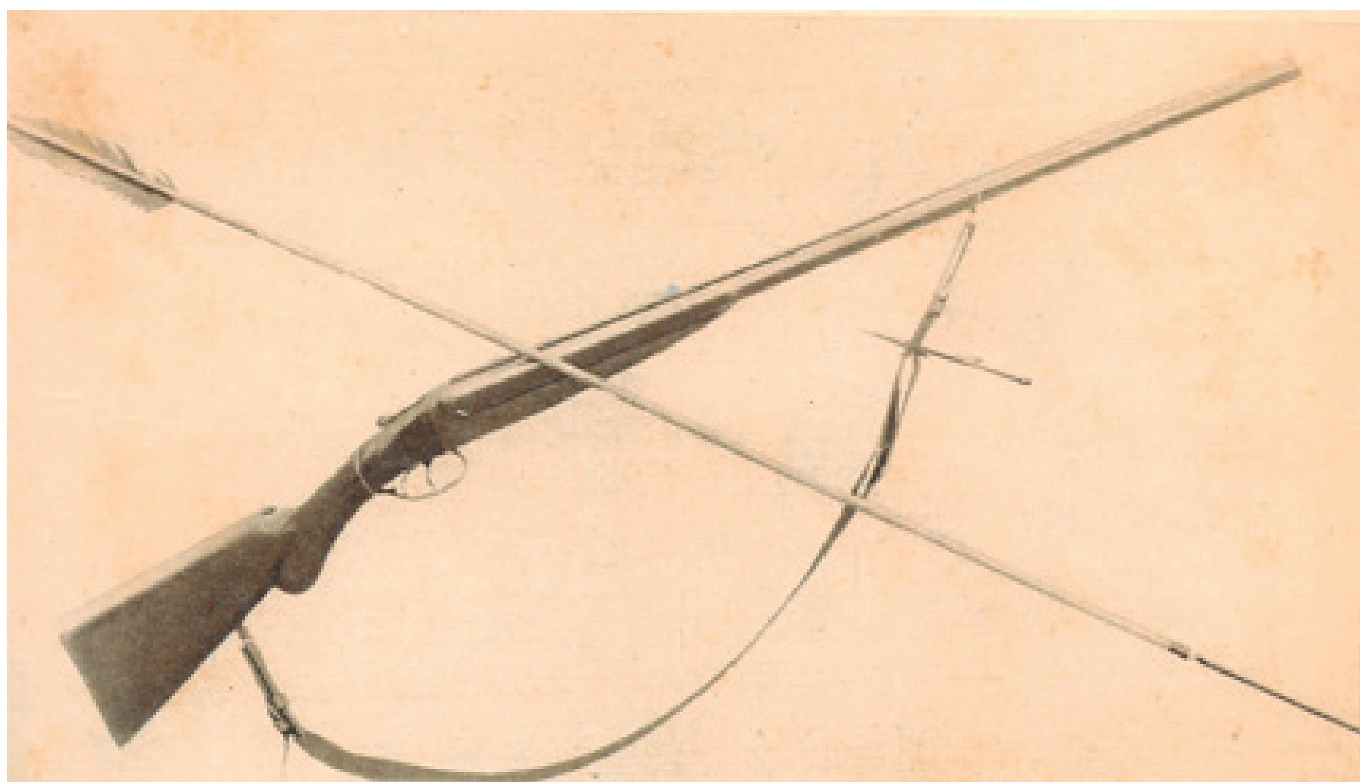


49 – Os expedicionários e o índio ariti Uazacuririgaçu depois do ataque dos nhambiquaras, cujas flechas foram reunidas.
Expedição 1907. Diamantino-Juruena.



50 – O guia da expedição, Matia Toloiri, índio ariti cozárini. Aldeia Queimada.

Fotos Leduc.



51 – Bandoleira do gal. Rondon atravessada pela flecha nhambiquara.

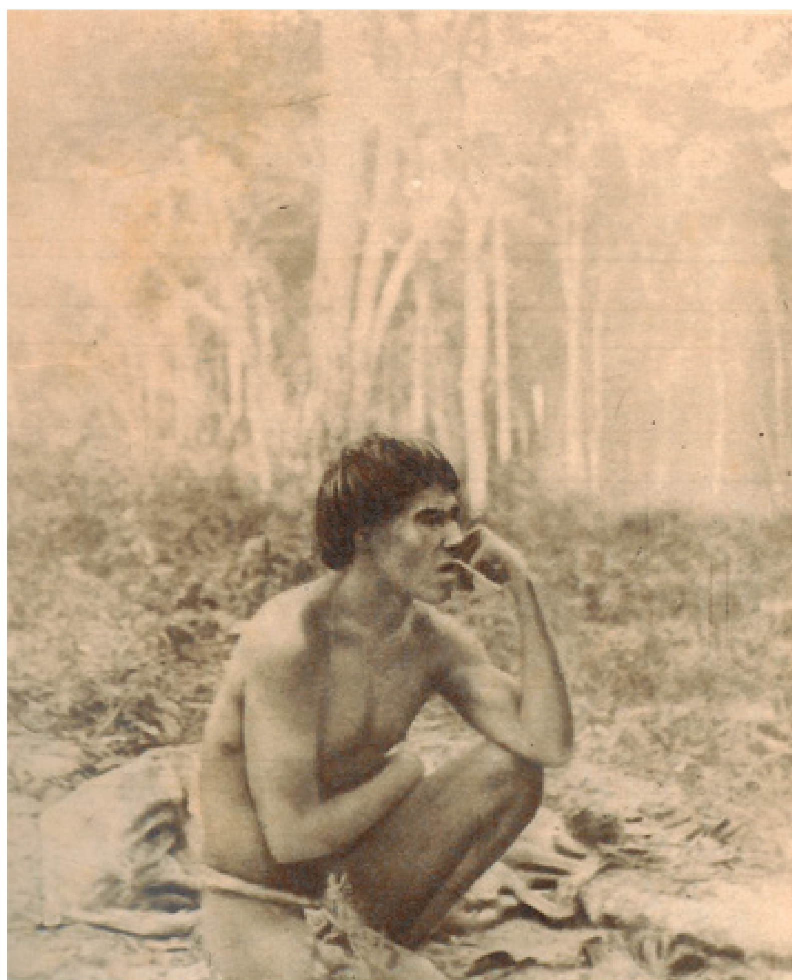




52 e 53 – Primeiro encontro com os índios nhambiquaras além do Juruena.
Gal. Rondon com nhambiquaras depois de presenteá-los.



54 – Estação Telegráfica de Juruena.
Foto José Louro.



55 – Índio nhambiquara-nenê.
Foto Dr. Roquette Pinto.



56 – Mulher nhambiquara-tauitê.



57 – Mãe nhambiquara com o seu filho.
Fotos José Louro.



58 – Travessia do Zocô-Zocorezá (rio Formiga) em pelotas de couro. Expedição de 1908.
Foto Leduc.



59 – Índios nhambiquaras.
Foto major Tomás Reis.





60 e 61 – Índios nhambiquaras



62 – Vista de José Bonifácio.
Fotos José Louro.



63 – Estação Telegráfica de José Bonifácio.



64 – Uma robustez admirável em mulher nhambiquara.



65 – Menino nhambiquara-tauitê. Um telegrafista para o futuro.

Fotos José Louro.



66 – Cacique Nuchilaitê.



67 – Índia nhambiquara-tauitê, mulher de Nuchilaitê, de José Bonifácio.

Fotos José Louro.



68 – O modo de preparar os seus beijus de mandioca. Índias nhambiquaras-tauitês.
Fotos José Louro.



69 – O beiju é colocado sobre a cinza quente, para cozinhar.



70 – *Índios nhambiquara-tauitê na sua aldeia perto de José Bonifácio.*



71 – Irmãs nhambiquara-tauitês da Estação Telegráfica José Bonifácio.

Fotos José Louro.



72 – Índios nhambiquaras com suas mulheres e filhos visitando as estações telegráficas da Comissão.



73 – Chiquinho, índio nhambiquara-anuzê.
Fotos José Louro.



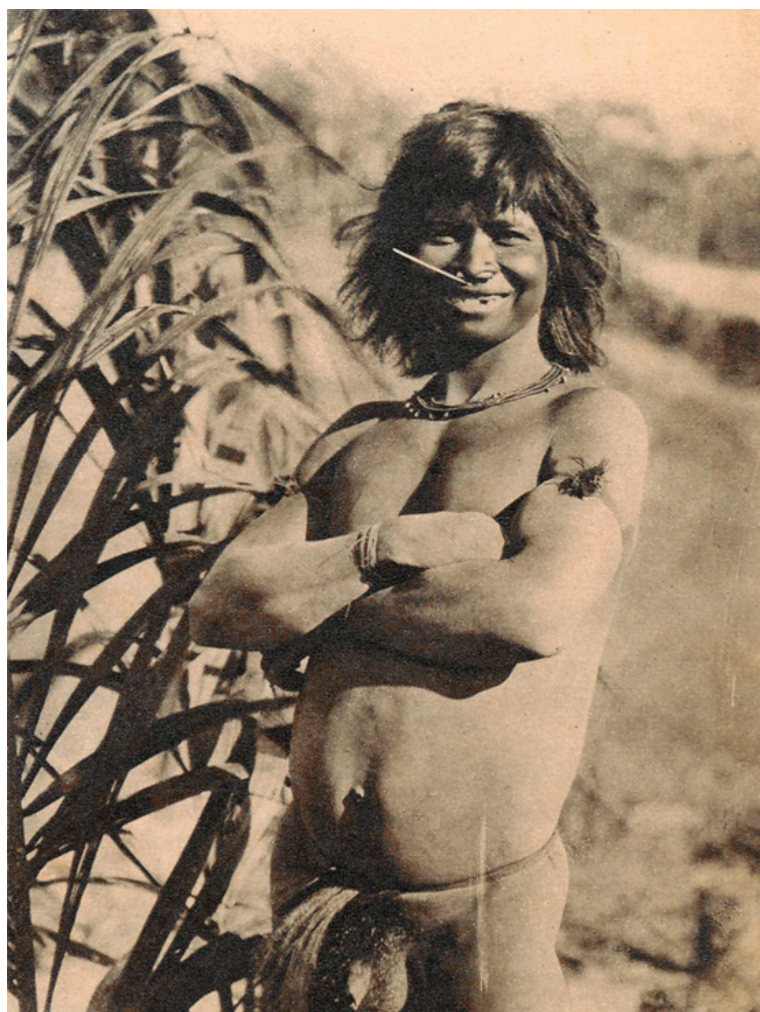
74 – Mãe nhambiquara com o seu filho.
Foto José Louro.



75 – Índio nhambiquara armado. Três Buritis.
Fotos Dr. B. Rondon.



76 – Jovem índia nhambiquara.



77 – Índio nhambiquara de Três Buritis.
Fotos Dr. B. Rondon.



78 – Vista da Fazenda Três Buritis.



79 – Grupo nhambiquara de Três Buritis com "baquités".



80 – Guerreiro nhambiquara de Três Buritis.
Fotos Dr. B. Rondon.



81 – Estação telegráfica Campos Novos.
Fotos José Louro.



82 – As invernadas da Fazenda da Comissão Rondon, em Campos Novos.



83 – Campos Novos da Serra do Norte.



84 – Aspecto de gado na nossa Fazenda em Campos Novos.

Fotos José Louro.



85 – Sicê Nhambiquara, Serra do Norte.
Foto Dr. Roquette Pinto.





86 e 87 – A Fazenda de Campos Novos. Índios nhambiquara do grupo anuzê.
Fotos major Tomás Reis.

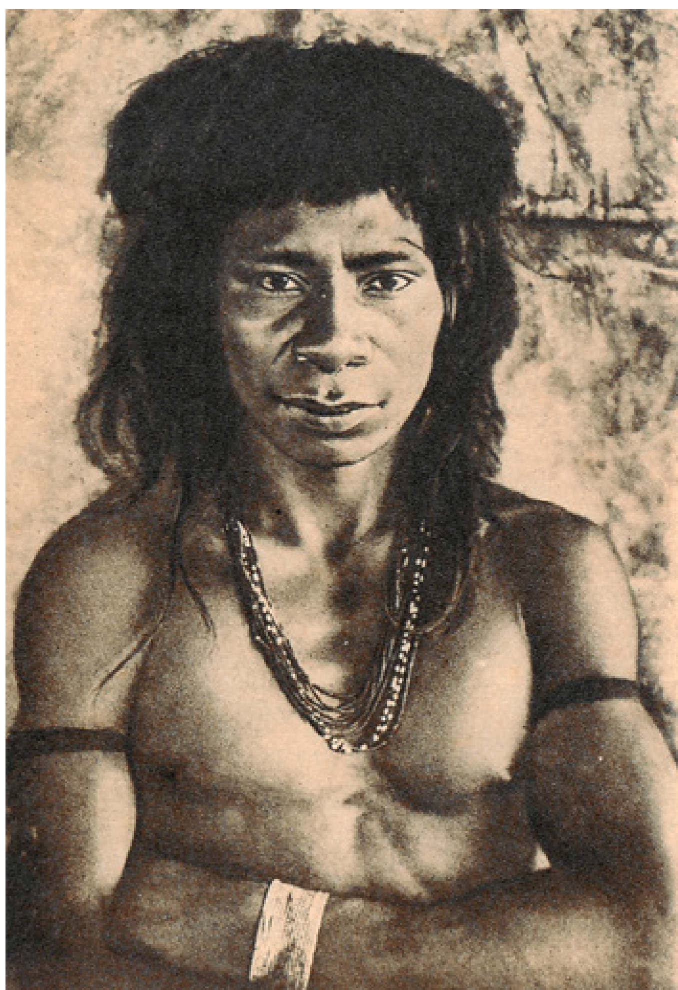


88 – Nhambiquara-anuzê. Campos Novos.



89 – Jovem guerreiro nhambiquara-anuzê. Campos Novos.

Fotos Dr. Roquette Pinto.



90 – Índio nhambiquara-tagnani.



91 – Nhambiquara-tagnani.
Fotos Dr. Roquette Pinto.



92 – Índios nhambiquara voltando da roça.
Foto major Tomás Reis.



93 – Nhambiquaras-tagnanis.
Foto Dr. Roquette Pinto.



94 – Cacique nhambiquara-tagnani.



95 – Mulheres nhambiquara-tagnanis.
Fotos Dr. Roquette Pinto.



96 – Nhambiquara de Campos Novos.



97 – Menino nhambiquara de Campos Novos.
Fotos. Dr. B. Rondon.





98 e 99 – Estação Telegráfica Barão de Melgaço. Índios nhambiquara-navaitês.

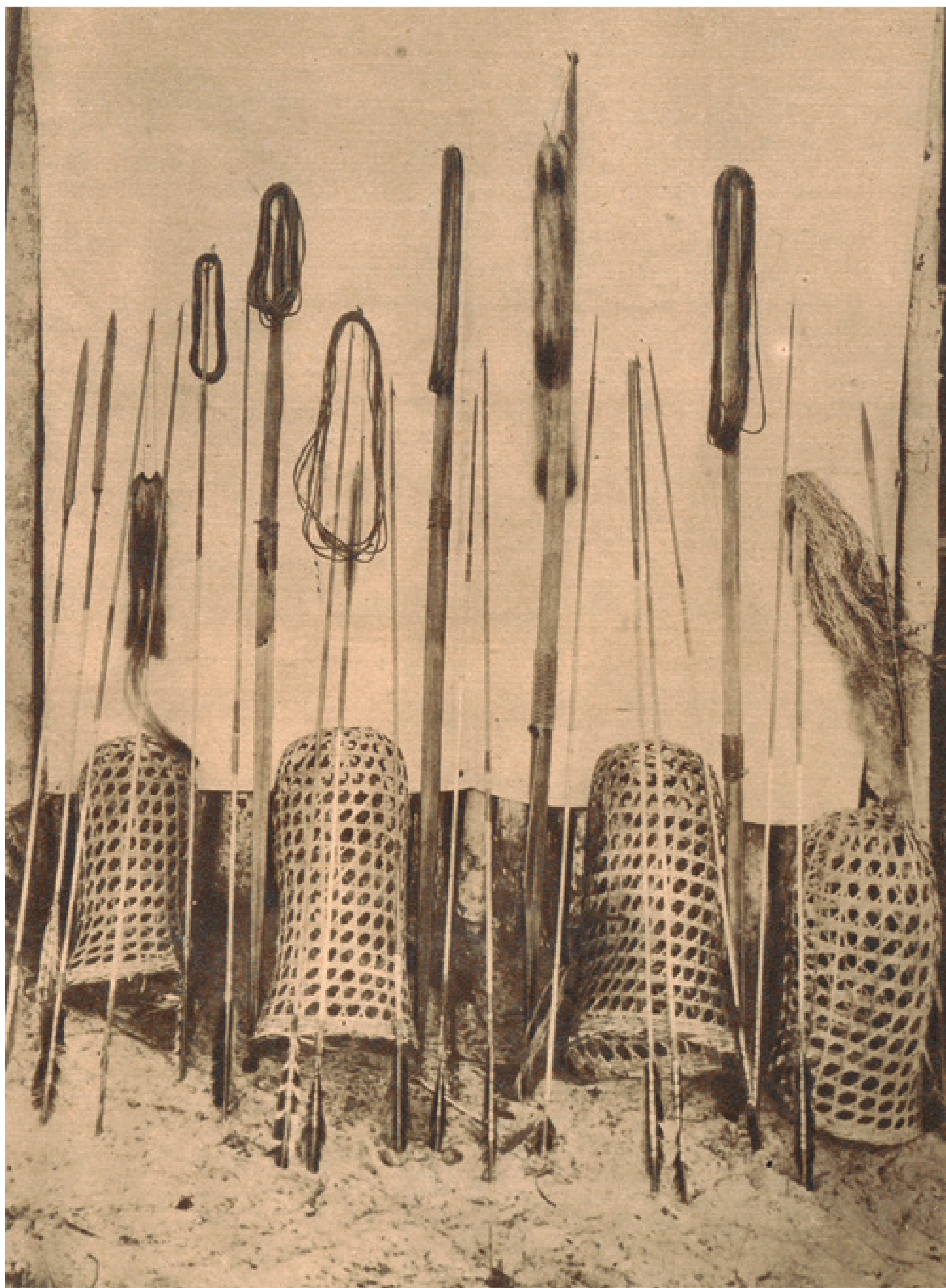
Fotos José Louro.



100 – Cel. Rondon e Cel. Roosevelt entre um grupo de nhambiquaras.
Foto Dr. Kermit Roosevelt.



101 – Índios nhambiquaras vestidos na barraca do cel. Roosevelt.
Foto Lira.



102 – Artefatos indígenas dos índios nhambiquaras.
Foto Dr. Roquette Pinto.

Os aritis

Os aritis

CONQUANTO DATE de mais de dois séculos o conhecimento dos parecis, ou melhor, como já justificamos, dos aritis, reestudamos os seus hábitos e o seu idioma e publicamos as nótulas etnográficas a que aludi linhas atrás, ao prefaciar a edição destes álbuns fotográficos, além de múltiplas referências constantes das 88 publicações editadas pela derradeira Comissão Telegráfica e quase todas completamente esgotadas.

Ao lançarmos a grande linha telegráfica de Mato Grosso ao Amazonas, depois de ligarmos os principais núcleos de povoação do centro e do sul daquele estado, partimos de Diamantino para o sertão, atravessando primeiro o "reino dos aritis", que abrange a vasta zona do noroeste, sobre a qual corre a faixa do "Planalto de Parecis", mais ou menos entre as posições geográficas marcadas pelo cruzamento do paralelo de 14º30' de latitude sul com o meridiano de 13º16' de longitude oeste do Rio de Janeiro; e do paralelo de 12º50' (lat. S.) com o meridiano de 15º58' (long. W. Rio).

*

Três são os ramos em que se divide a tribo dos aritis:

1º – Caxiniti
2º – Uaimaré
3º – Cozárini

Conforme esclarecemos na publicação nº 2 da C.L.T.E.M-Gr.Am., o grupo "cabixi", suposto pertencer também aos aritis, corresponde à denominação por que eram conhecidos os índios que, constantemente, atacavam a população da vila de Mato Grosso, antiga Vila Bela, no Guaporé: são indivíduos da tribo dos nhambiquaras. O apelido "cabixi" é, no conceito de todo ariti, absolutamente deprimente[1].

Para este resumo, julgamos necessário transcrever o que consta de fls. 12/13 da Publ. nº 2:

"Para terminar o estudo da divisão da grande tribo dos parecis convém dizer que os uimarés ainda falam em dois grupos seus parentes, que não sabem dizer para onde foram: o grupo salumá e o

1. Posteriormente verificamos que os cabixis não pertencem à tribo nhambiquara.

grupo oazané. Durante a expedição de 1909 o major Libânio esperava encontrá-los. Acrescenta o major que os oazanés eram filhos de camaicorê e os salumás seus netos. Ambos viviam na margem esquerda do Juruena. Os oazanés faziam canoas da casca do jatobá, comiam peixes e algumas aves (mutum, jacu, inhambu) e não comiam "bicho de pelo". Salumá comia tudo, como uaimaré."

Da mesma publicação constam os seguintes capítulos: 1) NOTÍCIA HISTÓRICA – 2) DADOS ANTROPOMÉTRICOS – 3) TERAPÊUTICA – 4) NOSOGRAFIA – 5) VOCABULÁRIO (inclusive, em ordem alfabética, um pequeno dicionário português-ariti) – 6) FRASES SOLTAS – 7) USOS E COSTUMES (inclusive o uso do original escudo de folhagens para a caça, "zaiacuti"; o batizado, "cavaloconotitá"; o casamento, "caianeteorê"; cerimônias fúnebres; cantos, "ualalocê"; teiru, ulalu, iatoquê; lendas do milho, da mandioca, da origem do homem, todas em ariti, acompanhadas das traduções em vernáculo – 8) ESTATÍSTICA.

*

Da 1ª seleção de chapas dos aritis que deveriam figurar nos volumes 1º a 3º destes *Álbuns Fotográficos*, separamos sessenta (60), material este passível ainda de redução, ao ser submetido ao exame técnico da Imprensa Nacional; todavia, para a presente exposição nos guiaremos pelos números com que figuram nos nossos arquivos os respectivos negativos.

Tornam-se indispensáveis estas referências, não só como explicativas do material ora divulgado, como pela necessidade de documentar a ação de civilização e progresso que caracterizou a atuação, sempre desvelada e protetora, nas nossas relações com as nações indígenas.

As fotos 122/3, 126 e 137/8, do arq. documentam cenas de distribuição de brindes aos aritis e a que sistematicamente eu presidia, de cada vez que, partindo dos centros civilizados, penetrava no sertão.

Na de nº 171 pode-se ver a modesta Estação Telegráfica de Parecis, 1ª construção no sertão (Lat. 14º9'14",76 – Sul; Long. 13º45'43", 80-W.Rio).

Em 176/7 se reconhecem as figuras dos índios Antônio e Jacinto, como educandos do Instituto João Alfredo, desta Capital.

À vista das fotos de nº 152 a 157, podemos ter pálida ideia da instrução primária ministrada pela esposa do telegrafista e outros auxiliares, inclusive a relativa ao ensino posterior da música e à organização de uma banda, criada no núcleo indígena da estação Utiariti.

A de n. 165 documenta uma fase do interessante jogo: "zicunati", a que, com grande propriedade, Theodore Roosevelt chamou "head-ball", divertimento que muito encantou ao saudoso e notável estadista norte-americano, quando, *in loco,* assistiu a uma partida muito disputada.

Contemplando a fot. 156, pode-se bem apreciar o desenvolvimento que demos aos exercícios de ginástica sueca e, portanto, à sistematização da educação física da infância que frequentava as nossas escolas.

Ainda em 163/4 e 175 documentamos a formação de telegrafistas e guarda-fios que, após a necessária praticagem, eram incluídos nos respectivos quadros funcionais.

Finalmente, para não alongar demasiado estes apontamentos, rendemos as nossas mais efusivas homenagens à memória dos dois caciques aritis: Matias Toloiri (cozárini) e "major" Libânio Coluízorocê (uaimaré), que foram prestimosos guias das Expedições de Exploração de 1907 e de 1909, e a cuja colaboração leal, ativa e vigilante muito deve o êxito da nossa travessia do sertão mato-grossense, da vila de Diamantino às margens do rio Madeira.

N. B. – Superintendidas por esta presidência, foram organizadas umas notas – sobre várias tribos e grupos indígenas envolvidos nas malhas da grande rede de nossas atividades através do *hinterland* brasileiro – pelo secretário do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, coronel da reserva da 1ª classe

do Exército, Amílcar Armando Botelho de Magalhães, distinto engenheiro militar que tem prestado sua preciosa colaboração aos trabalhos a meu cargo, tanto em pleno sertão, como nesta capital.

Estas notas, abstração feita naturalmente dos termos lisonjeiros à minha pessoa, de que foram pontilhadas, aqui e ali, e que devem ser postos de quarentena, estão sendo publicadas na revista trimensal *América Indígena*, órgão do Instituto Indigenista Interamericano, do México. Nelas figuram, sob o título genérico: *O Problema da Civilização dos Índios no Brasil,* os seguintes grupos ou tribos brasilíndias: 1) Bororo – 2) Caingangue – 3) Nhambiquara – 4) Tribos do rio do Sangue – 5) Bacairi e Cajabi – 6) Botocudo – 7) Xavante e 8) Anauquá.

Calcadas nos meus relatórios e outros documentos oficiais do nosso arquivo, prestam-se elas perfeitamente ao objetivo das explicações que venho prestando às ilhargas desta 1ª edição de *Álbuns Fotográficos;* daí a resolução que tomei de as incorporar no histórico desta coletânea documental.

Rio de Janeiro, 25 de março de 1944.

CÂNDIDO MARIANO DA SILVA RONDON
General, presidente do C.N.P.I.



103 – Salto de Utiariti no Saueruiná (rio Papagaio), com oitenta metros de altura. Vista tomada da parte esquerda.
Foto José Louro.



104 – Acampamento em Saueruiná.
Foto Leduc.



105 – Salto de Utiariti no Saueruiná (rio Papagaio).
Foto major Tomás Reis.



106 – Balsa com banhistas sobre o Saueruiná. Estação telegráfica de Utiariti.



107 – Ponte de madeira sobre o Zutiá-haruiná (rio do Sangue).

Fotos José Louro.



108 – Acampamento nas cabeceiras do Zolaharuiná (rio Buriti).
Foto Brand.



109 – Salto Belo, no Timalatiá (rio Sacre).
Foto José Louro.



110 – A invernada do Timalatiá (rio Sacre).
Foto José Louro.



111 – Salto da Mulher no Timalatiá (rio Sacre) denominado pelos aritis *Zuzirô Uamolonê*



112 – Vista da Ponte de Pedra, corredeira do Sacuriú-iná (rio Ponte de Pedra).
Foto Leduc.



113 – Catarata acima da Ponte de Pedra, Sacuriú-iná.
Foto José Louro.



114 – Ponte de Pedra sobre o Sacuriú-iná (rio Ponte de Pedra).
Fotos José Louro.



115 – Blocos de arenito na vertente setentrional do Sacuriú-iná (rio Ponte de Pedra).



116 – Outro arenito de grandes dimensões perto de Ponte de Pedra.
Fotos José Louro.



117 – Vista de Ponte de Pedra com a Estação Telegráfica deste nome.



118 – Índias aritis com os seus filhinhos.

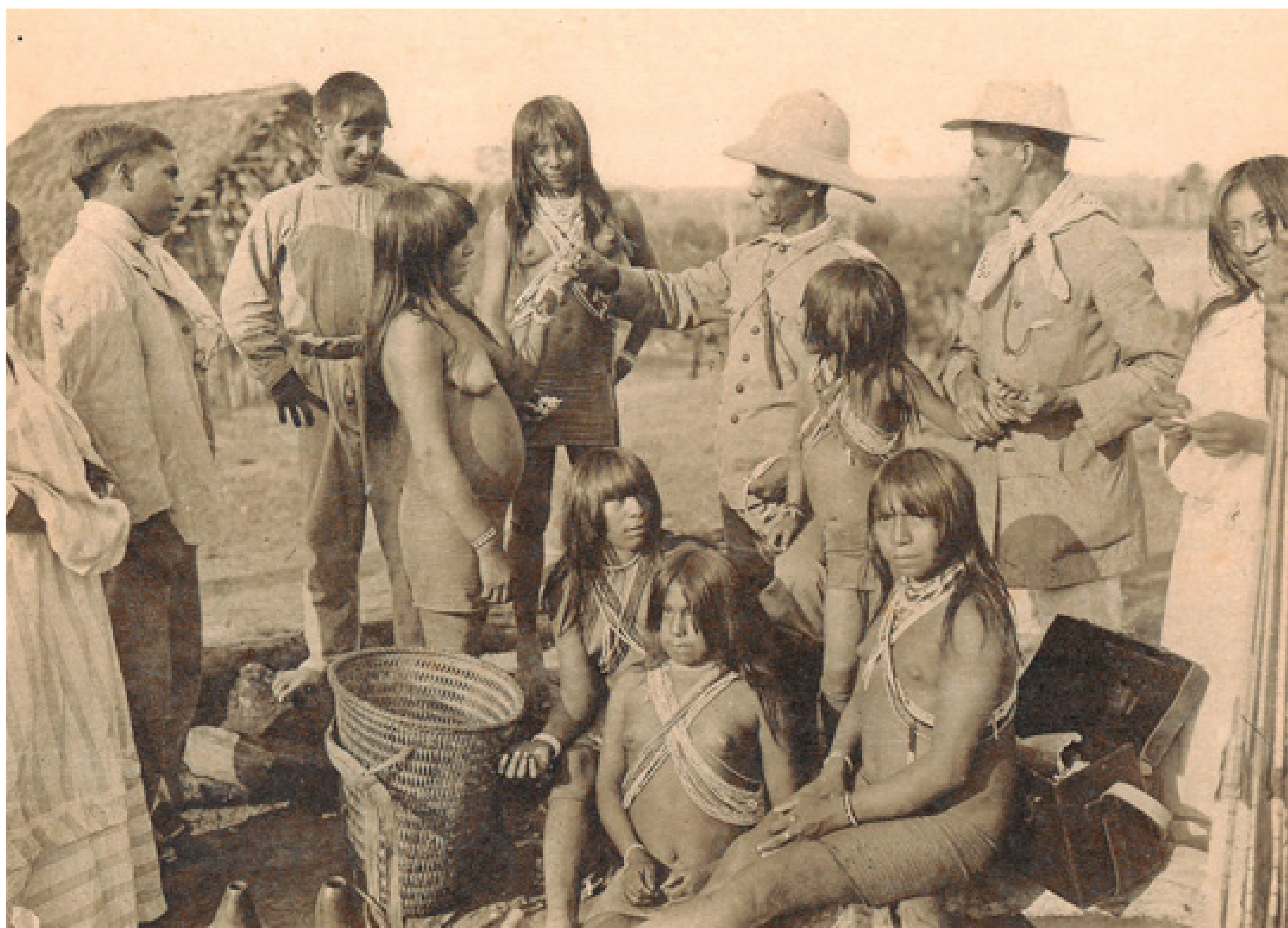


119 – Coronel Rondon entre os ariti-uaimarés.
Fotos major Tomás Reis.





120 e 121 – Na aldeia dos aritis.
Fotos major Tomás Reis.





122 e 123 – Núcleo indígena Utiariti. Cenas de distribuição de brindes aos aritis.
Fotos major Tomás Reis.



124 – Caciru. Moça ariti-uaimaré. Tipo de beleza indígena.
Foto major Tomás Reis.



125 – Chefe dos ariti-uaimarés, Uazacuririgaçu.
Foto major Tomás Reis.



126 – Depois de uma distribuição de roupas, os índios pareciam habitantes das cidades civilizadas.



127 – Índia ariti preparando a alimentação.
Fotos major Tomás Reis.





128 e 129 – Núcleo indígena utiariti. Índias ariti-uaimaré socando milho no pilão.
Fotos major Tomás Reis.



130 – Cena da vida diária dos aritis junto ao fogo.



131 – No momento da visita, as índias ocupavam-se dos seus trabalhos caseiros.
Fotos major Tomás Reis.



132 – Índia ariti-uaimaré: Camulu. Núcleo indígena Uriariti.
Foto major Tomás Reis



133 – Mãe ariti com filho, tecendo redes de dormir.



134 – Índia ariti tecendo.
Fotos major Tomás Reis.



135 – Índia ariti fiando algodão.



136 – Meninas ariti-uaimarés, sentadas na rede. Núcleo indígena utiariti.
Fotos major Tomás Reis



137 – O tenente Tomás Reis entre os índios ariti-uaimarés, distribui brindes. Núcleo indígena Utiariti.
Foto major Tomás Reis



138 – Núcleo indígena utiariti, entre os índios ariti-uaimaré.

Foto major Tomás Reis



139 – Índia ariti-uaimaré.



140 – A sesta do meio-dia. Índia ariti-uaimaré. Núcleo indígena Utiariti.
Fotos major Tomás Reis



141 – Tahin-aná e Camulu, índias ariti-uaimarés.



142 – Índias aritis em viagem.
Fotos major Tomás Reis



143 – Interior de uma maloca ariti.



144 – Índios e índias aritis carregados com utensílios de suas casas acompanham o gal. Rondon por curiosidade.
Fotos major Tomás Reis



145 – Índio ariti da velha geração, com o seu aparelho de caça "zaiàcuti". Sobre esta armação que se vê na frente, colocam-se ramos grandes de árvores em tal número que possa constituir tapagem ao caçador. O animal, assim, não o vê e ele pode aproximar-se da caça a tiro seguro.
Foto José Louro



146 – Mãe ariti com filho.



147 – Índia ariti-cozárini.
Fotos major Tomás Reis



148 – Índia ariti-uaimaré.
Foto major Tomás Reis



149 – Visita dos índios ariti-uaimarés ao acampamento Cabeceira dos Veados.
Foto Leduc



150 – Utiariti, núcleo fundado pela Comissão Rondon.



151 – Estação telegráfica Utiariti.
Fotos José Louro



152 – Vista da escola dos aritis e sua banda de música. Comissão Rondon.



153 – Nossos instrutores entre os aritis na Comissão Rondon.
Fotos José Louro



154 – Os jovens aritis e seus professores. Comissão Rondon.



155 – A instrução dos índios aritis, dirigida por D. Olga Higgins. Comissão Rondon.
Fotos José Louro



156 – Comissão Rondon. Exercícios de ginástica pelos alunos aritis.



157 – A classe de música e seu dirigente. Comissão Rondon.
Fotos José Louro



158 – Moça ariti, com o curso da escola.



159 – Filha do major Libânio, ariti-uaimaré, em Utiariti.
Fotos José Louro



160 – A professora D. Olga Higgins com alunas. Escola de Utiariti, da Comissão Rondon.



161 e 162 – Alunas da escola Utiariti.
Fotos José Louro



163 – Ariti empregado como guarda de linha, instruído pela Comissão Rondon.



164 – Jovem ariti educado na escola de Utiariti. Praticante de telegrafista.



165 – Fase do jogo "zicunati" dos índios aritis denominado pelo cel. Roosevelt headball.
Fotos José Louro



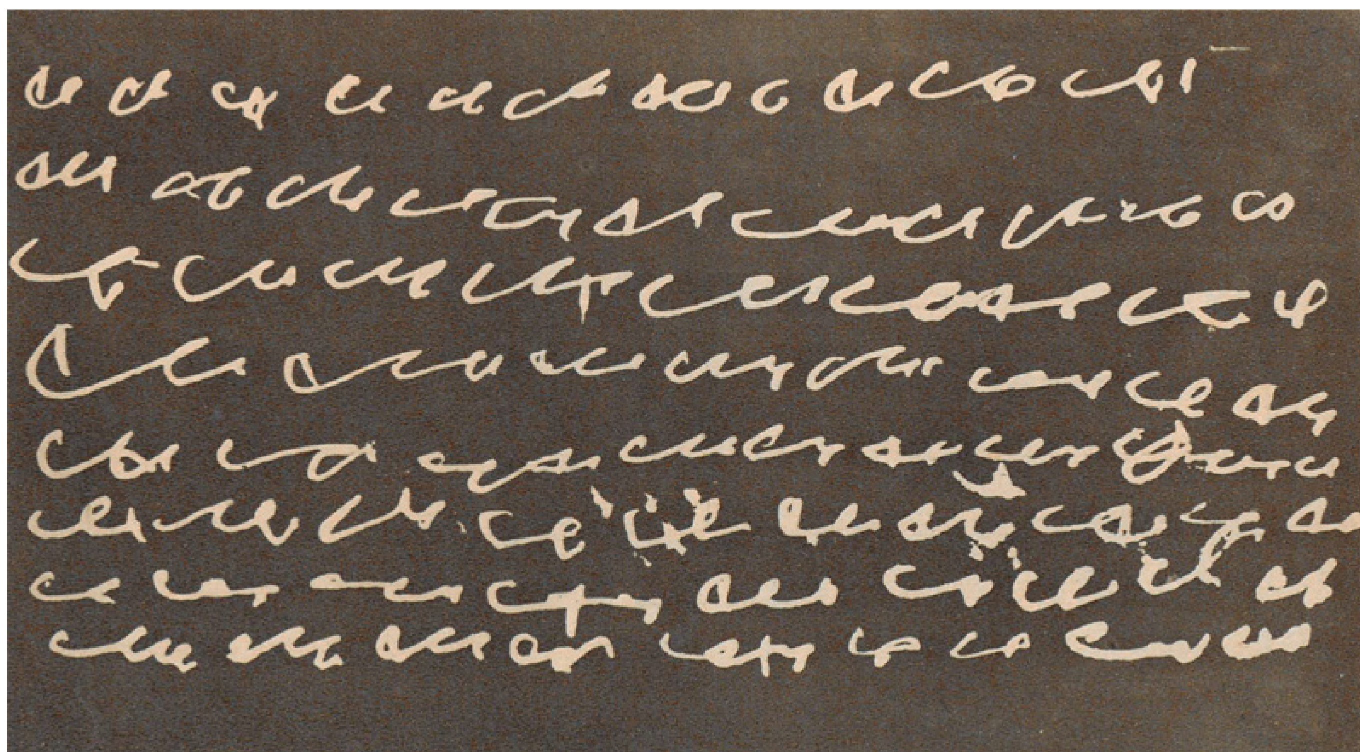
166 – Túmulo de Joaquim Pareci em Vilhena. Vítima do tétano que lhe sobreveio na operação de uma perna, em virtude de mordedura de cobra jararacuçu.



167 – Índia ariti com trajo domingueiro.
Fotos José Louro



168 – O Major Libânio Coluizorocê, cacique dos aritis.
Foto José Louro



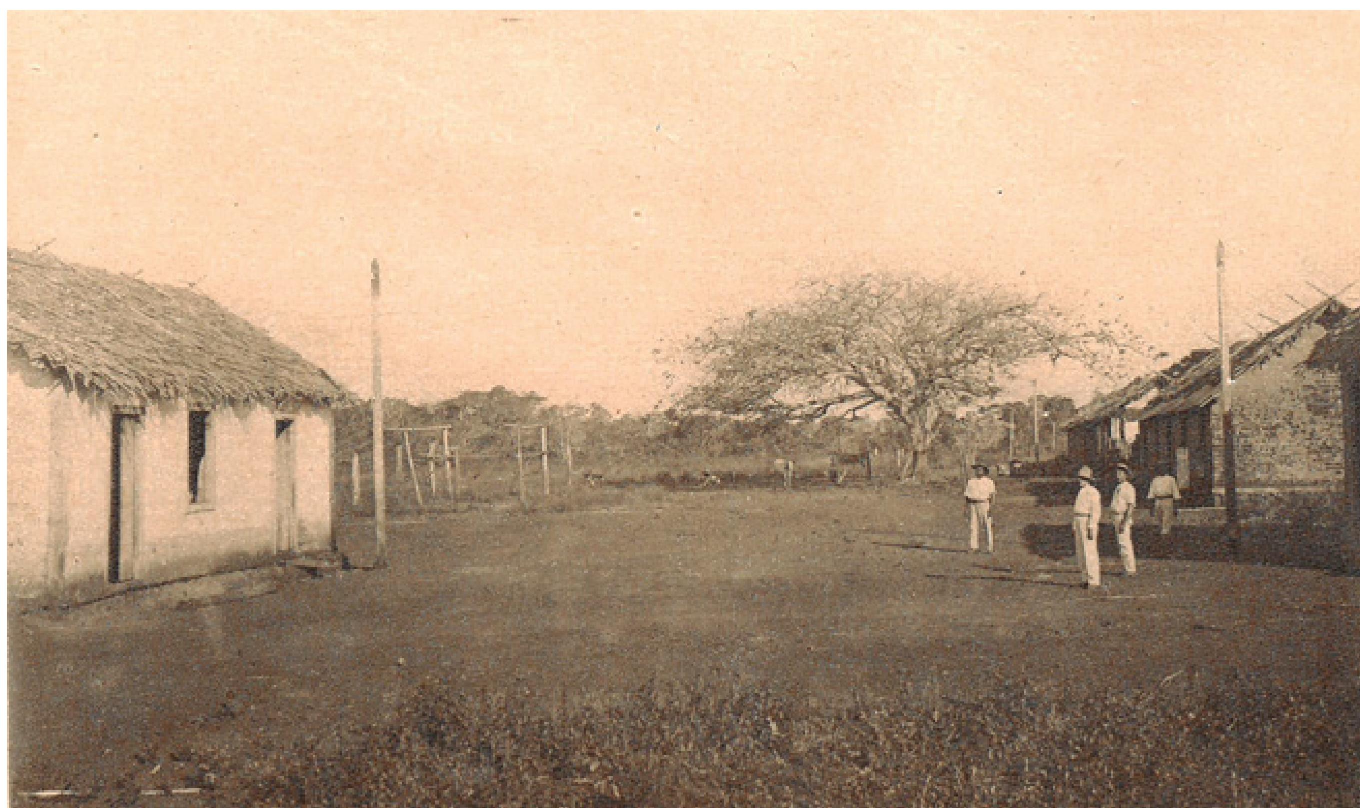
169 – Lenda da mandioca em caracteres aritis, autógrafo de Coluizorocê.
O grupo inicial é a representação gráfica de Zatiamare.
Foto Dr. Roquette Pinto



170 – Estação telegráfica de Barão de Capanema no planalto dos Parecis.



171 – Estação telegráfica de Parecis, no planalto do mesmo nome.
Fotos José Louro



172 – Vista de Afonso, ramal Parecis-Barra dos Bugres.



173 – Estação telegráfica de Afonso, ramal Parecis-Barra dos Bugres.
Fotos José Louro



174 – Estação telegráfica Vilhena, situada nos Campos de Comemoração.



175 – Estação telegráfica de Vilhena. Índios aritis como praticantes da estação.
Fotos major Tomás Reis



176 – Índio ariti-caxiniti, Antônio, como aluno do Instituto João Alfredo, Rio de Janeiro (falecido).



177 – Índio ariti Jacinto, educando-se no Instituto João Alfredo, Rio de Janeiro.

Fotos major Tomás Reis



178 – Grandes cestos de carregar, dos índios aritis.
Foto Dr. Roquette Pinto



179 – Índios tranches. Rio Cravari, afluente do rio Papagaio.
Foto Comissão Rondon

Tribos do rio Ji-Paraná

Tribos do rio Ji-Paraná

SOB O PONTO DE VISTA etnográfico, segundo as observações já divulgadas pelo general Rondon, o rio Ji-Paraná (V. fotos 180 a 182) apresenta um panorama invulgar, pois que, ao longo do seu curso, dos múltiplos afluentes da sua margem esquerda e dos dois únicos contribuintes da margem direita (S. João e Tarumã) – foram encontrados núcleos humanos em diferentes estágios de civilização: índios amontados; selvícolas mansos, semicivilizados ou em contato com os povoadores seringueiros; os caboclos incultos e rústicos sertanejos e o "homem civilizado, manejando instrumentos da indústria hodierna, admiráveis e perfeitos como o telégrafo e os motores de explosão", no expressivo dizer daquele general.

A linha telegráfica, de um salto, precipitou-se dos chapadões de Parecis, de dois grandes degraus que aí forma, para o vale do Ji-Paraná, incidindo-o primeiro no borbulhante espadanar de um dos seus rumorosos formadores – o Comemoração de Floriano – cuja transposição, para a margem esquerda, ficou assinalada pela implantação da estação Barão de Melgaço, para em seguida cortar a confluência deste último rio com o do nome de outra estação ali instalada: Pimenta Bueno (Fotos 192 e 193). Desceu depois marginando pela direita o Ji, assim formado por aqueles dois galhos então descobertos e batizados, e estabeleceu mais duas estações fluviais: Presidente Hermes e Presidente Pena (Foto 190). Neste ponto, fez novamente a travessia do Ji ou antigo Machado, para correr pelo divisor de águas secundário – Ji-Paraná-Jaru, cortar este contribuinte e lançar na sua margem esquerda a estação de seu nome (Jaru – foto 1º vol. pág. 170), que é também denominação de um grupo de amerabas dentre os muitos assinalados nessa vasta zona, rendilhada de cursos d'água.

Ocorre assinalar que, na fotografia que acabamos de citar, ficou também perpetuada a presença do general Rondon entre os selvícolas do clã daquele saudoso cacique Abaitará, que foi nosso leal amigo de sempre, habitando o alto-Ji, com sua gente, como parte integrante dos dispersos parnauates, que pertencem à tradicional nação tupi.

Montado o curso do Jaru, subiu e desceu as encostas de novo divisor, a fim de alcançar outro volumoso afluente do Madeira – o Jamari, onde ficou perpetuada, em nova estação, a tribo ameríndia dos ariquemes (foto 259). Pontilhando o Jamari ainda encontramos mais duas estações: Caritianas (foto 266/7), assinalando a existência de outra tribo, e Jamari.

Materializa a linha telegráfica – desta derradeira estação até a cachoeira de Santo Antônio do Madeira, às ilhargas da cidade (V. fotos 291-294 e 231) agora crismada com a mais expressiva denomi-

nação de alto-Madeira – no trecho terminal da linha-tronco, o paralelo de 8º48' de latitude Sul, por onde correm os limites de Mato Grosso e Amazonas, até o Juruena ou alto-Tapajós.

Pois bem, ao longo do acidentado vale do Ji-Paraná, pontilhado de cachoeiras (Monte Cristo, Idalina, S. José, S. Félix 183/4, S. Vicente, (180 e 182), Dois de Novembro) encontramos, de montante para jusante, os genuínos brasilíndios dos grupos dos quepiquiriuates, parnauates e tacuatepes (ambos tupis) e urumis.

Os índios fotografados do 1º volume documentam sucessivas fases por que passaram, desde que os visitamos pela primeira vez, até a instalação definitiva das estações, escolas e concentrações que promovemos em benefício deles, dando-lhes permanente assistência, para os instruir e educar.

Nas terras marginais construímos habitações confortáveis, melhorando os práticos barracões seringueiros (186, 188/9), em que os acolhemos para fornecer-lhes o ensino primário e os nossos métodos de agricultura e indústria rudimentar.

Os quepiquiriuates estão bem representados nas fotos – I vol. – de fls. 139-144, numa das quais podemos apreciar o quadro admirável e expressivo que documenta a cena de uma *matinée* musical ao ar livre, em pleno sertão, na qual estes índios se deliciavam em ouvir o gramofone, que Rondon lhes fazia conhecer pela vez primeira, enquanto aproveitava o tempo para redigir e corrigir suas notas etnográficas!

Os parnauates (ramo tupi) podem ser admirados nas fotografias de páginas 144-150 – vendo-se aí o grupo do inteligente cacique Abaitará, chefe recentemente falecido.

Sobre os tacuatepes estão (ainda I vol.) colecionadas as fotografias nº 224 – em que, à margem do alto-Ji, sua sala de visitas, nos recebem amistosamente, em grande massa, reconhecendo-nos como embaixadores da paz – 231, em que são vistos, como passageiros gratuitos, viajando nas nossas embarcações – 229/30, de pág. 157, onde aparece o notável Pai Timóteo – pág. 157, com Pai Piti e o jovem índio, amigo dedicado e inseparável de Rondon, ao lado de quem foi fotografado – 224, 225 e 226, de pág. 155, em que se mostra… um príncipe tacuatepe!

Os urumis, cuja expressão tranquila de bondade torna ainda mais simpático o seu físico bem proporcionado e a sua fisionomia de linhas arianas…, figuram nas fotografias de fls. 160 a 165, onde podemos encontrar exemplares dos que habitam as margens do próprio Ji, as cabeceiras do Tarumã e a serra da Providência; na de nº 239 aparece um chefe com sua esposa; na de nº 242, o cacique mais acatado desse povo ameraba.

*

Para continuar este guia explicativo do 1º Volume, vamos agora passar em revista alguns exemplares isolados.

- À pág. 175 deparamos com o retrato do menor ariqueme, de tão saudosa memória: Parriba Paraquina Pioaca. Trazido do rio Jamari pelo general Rondon, com o consentimento tácito de seus genitores, foi mantido pela Comissão Rondon no internato do Colégio Batista, não obstante acesa polêmica que tive de sustentar contra a intransigência de certo católico *enragé*, quando eu exercia as honrosas funções de chefe do escritório central daquela gloriosa comissão. Nesse instituto de ensino, apesar do brusco salto que fez do âmago das selvas amazônicas para o centro supercivilizado desta capital, logo no primeiro ano de adaptação, ocupou o 1º lugar de sua turma! Infelizmente tão vivaz e esperançosa inteligência baqueou sob o guante da epidemia da "gripe espanhola".

- À pág. 180 observa-se o tipo característico do mameluco do alto-Madeira, num cruzamento da raça negra – quiçá dum quilombola – com os selvícolas da tribo dos caripunas.

- Temos ainda uma série notável de fotografias dos índios parintins, como dos pirarrãs, domiciliados no rio Maici, quer um, quer outro, de ascendência tupi, bem comprovada pela coleta de vastos

vocabulários. São bem do noroeste de Mato Grosso, pois o Maici é afluente da margem esquerda do Marmelos – que o alcança quase na foz – e este, contribuinte da margem direita do Madeira, logo a jusante do Ji-Paraná e a montante do rio Roosevelt. Documentam os indivíduos de ambos os grupos citados nas fotografias de págs. 192-200, onde podemos apreciar o posto indígena do rio Maici, ali instalado pelo Serviço de Proteção aos Índios (S. P. I.); e onde vemos os selvícolas que trabalharam com o saudoso capitão Emanuel Amarante no serviço de levantamento topográfico do citado curso d'água – 196, grupo de índios pirarrãs sob o comando do cacique: capitão Porfírio.

- A fls. 167/8, estão fotografias de índios urupás, sendo a primeira tomada do índio Maracuti e a segunda de outro indivíduo encontrado no serviço de exploração e levantamento do rio S. Miguel, realizado pelo general Rondon em pessoa.

- De fls. 169-172 constam fotografias de índios jarus, que frequentavam as estações da Seção do Norte e auxiliaram o general Rondon nos trabalhos de levantamento do rio do mesmo nome. Vê-se na de nº 253 (fls. 170) um grupo em que figuram o general, o então tenente Alencarliense, de tão saudosa memória e que faleceu no posto de coronel, o telegrafista-chefe da Comissão Rondon, Germano José da Silva, notável veterano das mais rudes campanhas do sertão; nas de nº 255-258 o barracão Santos Dumont, do rio Jaru, e a roça de milho superintendida pela Comissão.

Em Barão de Melgaço fotografamos 4 indivíduos do grupo Quepiquiriuate, pertencente à aldeia Baepuate, conforme se vê na foto nº 203, a fls. 143.

*

Decidido o aproveitamento do grande acervo de dados geográficos – captados por todas as Comissões Rondon, exatamente colimando tal objetivo – para a confecção da nova Carta do Estado de Mato Grosso, resolveu o então cel. Rondon explorar e levantar o rio S. Miguel, contribuinte do Mamoré, e, para tal fim, organizou uma turma sob sua chefia direta, a qual realizou, com pleno êxito, esta difícil empresa. Antes da descida em canoas, foi mister proceder à exploração das cabeceiras e circunjacências e acompanhar, por terra, o curso d'água, até que o volume da corrente permitisse a navegação em canoas. Destas pesquisas preliminares resultou a convicção de que a zona era habitada por selvícolas, donde a resolução do coronel Rondon de fundar o Posto de Atração 3 de Maio (V. foto 317, fls. 202/3), ao termo, aliás, de pesada jornada sem a alimentação normal, mas subordinada à que podia ser proporcionada pela própria natureza, com as deficiências infalíveis que acarretava o prosseguimento ininterrupto das marchas, da abertura dos "piques" e dos serviços técnicos de levantamento topográfico da região em estudo.

- À pág. 202 se ostenta um quadro digno de ser eternizado, quer como demonstração prática dos métodos humanitários usados pelo mais notável sertanista dos tempos modernos, quer como atestado da boa índole dos nossos tão injustiçados selvícolas: é a fotografia nº 316. Lendo-lhe o título, verifica-se que aqueles artefatos, tão toscos e tão toscamente pendurados, são flechas, arcos, cestos, panelas, vasos, etc., que os índios cabixis ali deixaram, em retribuição aos inúmeros presentes que bem compreenderam ser-lhes dedicados pela mão amiga e leal de um poderoso protetor, e que eles haviam, vezes seguidas, retirado daquela mesma armação! Era um símbolo de paz, uma legítima mensagem de profundo reconhecimento e de sincero penhor de amizade, que desse longínquo sertão rumaria aos mostruários do Museu Nacional, a documentar os costumes selvícolas e a ação filantrópica do homem que tanto merece o título glorioso de Maior Amigo do Índio! Junto a este confortante símbolo de vitória pelo bem da humanidade e pelo amparo da nobre raça ameríndia, na magreza física que atesta o labor estafante das longas marchas, das intempéries sofridas, das profundas preocupações patrióticas do seu grande espírito, observa, com o coração transbordante de alegria por mais uma das múltiplas compensações que tem podido colher, em meio século de doutrinamento e de exemplo, o inspirador dessa

epopeia que vem sendo escrita por sua ação continuada e incansável – a figura veneranda do general Rondon.

- As fls. 201 a 208 consignam o testemunho fotográfico das atividades relativas à expedição ao rio S. Miguel, assinalando aspectos deste curso d'água, da serra Pascoal Moreira, assim batizada pelo general, o fabrico de canoas cavadas em troncos apropriados de árvores da floresta, e, finalmente, a entrada da maloca dos índios cabixis habitantes da baixada do rio Manuel Correia, braço do S. Miguel (foto nº 318 de Benjamim Rondon).

*

Cerca do ano de 1910, o então coronel Rondon, no afã de apressar a conclusão da monumental tarefa que lhe fora cometida, de atravessar os sertões virgens com uma linha telegráfica que ligou diretamente os Estados de Mato Grosso e Amazonas, criou a Seção do Norte, que marchou com a construção da linha, do norte para o sul, enquanto, simultaneamente, prosseguia o labor da sua irmã – a Seção do Sul, em sentido contrário. Partindo do Madeira, onde lançou ainda o ramal de Guajará-mirim, o qual margeia o leito da E. F. Noroeste do Brasil, a ponta do fio conduzida pela Seção do Norte alcançou e acompanhou o vale do rio Jamari e foi fazer junção – em 1915 – com a outra ponta que partira de Cuiabá em 1907. Daí a necessidade de explorar e levantar o rio Jamari.

Percorrido parcialmente o seu vale pelo grande Reconhecimento de 1909, foi este grande afluente do Madeira levantado regularmente, da foz para montante, serviço acompanhado de abundante documentação fotográfica existente nos arquivos da Comissão Rondon e donde colheu o general a parcela constante de fls. 173 – 190.

- Dentre estas cumpre salientar as fotos de nº 206, 219, 259 e 260/1, apanhadas na Colônia Rodolfo Miranda, fundada ao lado da estação de Ariquemes, do rio Jamari. Em algumas já citadas na presente exposição, veem-se índios quepiquiriuates (194/5 fls. 134, 201/2 fls. 143), aí aldeados em comum com representantes de outras tribos como as dos jarus, tupis, boca-negras e ariquemes. Nas de ns. 260/1 e fls. 169 podemos contemplar indivíduos desta última tribo, também recolhidos a essa verdadeira Babel Selvícola, como a denominei em um dos meus livros.

Era ariqueme a maioria dos índios que povoaram essa colônia, onde além das roças de milho, feijão, cana-de-açúcar, batatas, aipim, etc., foi montada uma aparelhagem completa para o fabrico de rapaduras de cana, indústria que até então eles desconheciam – tudo sob a direção do esforçado, competente e saudoso agrônomo Caio Graco Moreira Spínola.

A fotografia 259, fls. 173, apresenta a escola primária que ali funcionava para a instrução desses selvícolas, a cuja infância foi dado testemunhar a derrocada da vida tribal de seus ascendentes, pelas intromissões desordenadas dos pseudocivilizados que os exploraram, à sombra da grande árvore protetora, plantada pela mão de Rondon e desenvolvida ao sol vivificante de sua fé puritana!

Documentando a navegação do Jamari desde a foz até a cachoeira Samuel, primeiro obstáculo que se antepõe ao prosseguimento dos pequenos vapores da Amazônia, vulgarmente denominados "gaiolas", aí estão as fotografias 268, pág. 178, e 270, pág. 179.

Além das cenas próprias da atividade da turma de levantamento, chefiada pelo engenheiro militar Otávio Félix Ferreira e Silva, além de mostrar trechos diversos do baixo e do alto-Jamari, e suas florestas exuberantes, apresentam o aspecto da cachoeira Jatuarana e do rio Maçangana, importante afluente da margem esquerda do Jamari e documentam a travessia das canoas sobre roletes de umbaúba, nos célebres "varadouros", abertos através da mata, para vencer os trechos encachoeirados que não dão passagem às canoas sobre água (fotos 278, fls. 173, e 287/8 fls. 188).

*

Das mais recentes pesquisas feitas por técnicos do Ministério da Agricultura, por ocasião de serem estudados os cascalhos auríferos da histórica mina de Urucumacuã, redescoberta pelo general Rondon em 1909, vieram para o nosso arquivo preciosas informações e fotografias colhidas, quer umas, quer outras, pelo engenheiro Dr. Victor Dequech, como documentação até então inédita, que ora podemos exibir, sobre a existência de vários grupos indígenas localizados na cabeceira Apidiá, principal do rio Pimenta Bueno. Ali foi assinalada a presença dos seguintes grupos: quaiá, capixanã, quiapure, canoê, maçacá e salamãe.

Destes três últimos colecionamos as vinte e quatro fotografias que são agora parte integrante do 1º vol. dos *Álbuns fotográficos,* assim distribuídas:

a) Dos índios maçacás, vinte, representando selvícolas de ambos os sexos, adultos e crianças, inclusive grupos numerosos, casais, uma mulher macróbia, um pajé, um índio pintado para determinada solenidade tribal, outros entretidos com o jogo de bola a que Roosevelt chamou *headball* ou zicunati dos aritis (parecis). Dentre as já citadas genericamente, há uma que convém destacar e que representa o índio civilizado e alfabetizado aucê aplicando injeções contra a gripe em indivíduos maçacás, na maloca deste grupo.

b) Dos salamães, duas unicamente, a de um índio e a de um grupo de aborígines.

c) Dos canoês apenas duas fotografias também, uma de um selvícola e outra dum grupo de que fez parte o tenente Zack.

*

Representam a maloca dos maçacás duas fotografias mais; outras reproduzem aspectos daquele sertão: a cascata 15 de Novembro do rio Apidiá; a cabeceira do guarajus; serviço de desobstrução do rio Corumbiara, afluente da margem direita do portentoso Guaporé e capim da lagoa de Barranco Alto.

*

Para encerrar esta exposição, falta-nos apenas esclarecer, quanto ao material do 1º volume destes álbuns, a exibição das fotografias relativas à tribo dos umutinas.

Este grupo indígena está disseminado pelo sertão que medeia entre S. Luís de Cáceres e Diamantino, ao longo da mesopotâmia rio dos Bugres-Paraguai, atingindo proximidades do rio Cuiabá; e se encontra aldeado, pelo S.P.I. perto do vetusto povoado de Barra dos Bugres, no reduzido número de 23 indivíduos.

Estes índios são os mesmos a que vulgarmente costumam chamar em Mato Grosso de *barbados*.

De amontados como eram ao começo dos trabalhos da Comissão Telegráfica de 1907, foram pacificados pelos nossos funcionários e hoje não se aponta nenhum ato de hostilidade da parte deles contra os civilizados.

Reduzidos sucessivamente, desde que travaram relações amistosas conosco, pode-se considerar uma tribo em marcha acelerada para a extinção completa.

Todavia, estas provas que apresentamos constituem esforços que temos empregado para evitar seu extermínio e promover o aumento de sua população.

Rio de Janeiro, 5 de junho de 1944.

Amilcar Armando Botelho de Magalhães
Coronel, secretário do C. N. P. I.



180 – Cachoeira de São Vicente, rio Ji-Paraná.
Foto ten. Carneiro



181 – Vista do porto 2 de Novembro, acima da cachoeira São Vicente.
Foto Pires



182 – Aspecto do rio Ji-Paraná, abaixo da cachoeira de São Vicente.
Foto Pires



183 – Nas corredeiras de São Félix, rio Ji-Paraná.
Foto ten. Carneiro



184 – Corredeiras de São Félix, rio Ji-Paraná.
Fotos ten. Carneiro



185 – Um aspecto da povoação São Félix, da firma Asensi & Cia.



186 – Barracão Bom Futuro. Ji-Paraná.



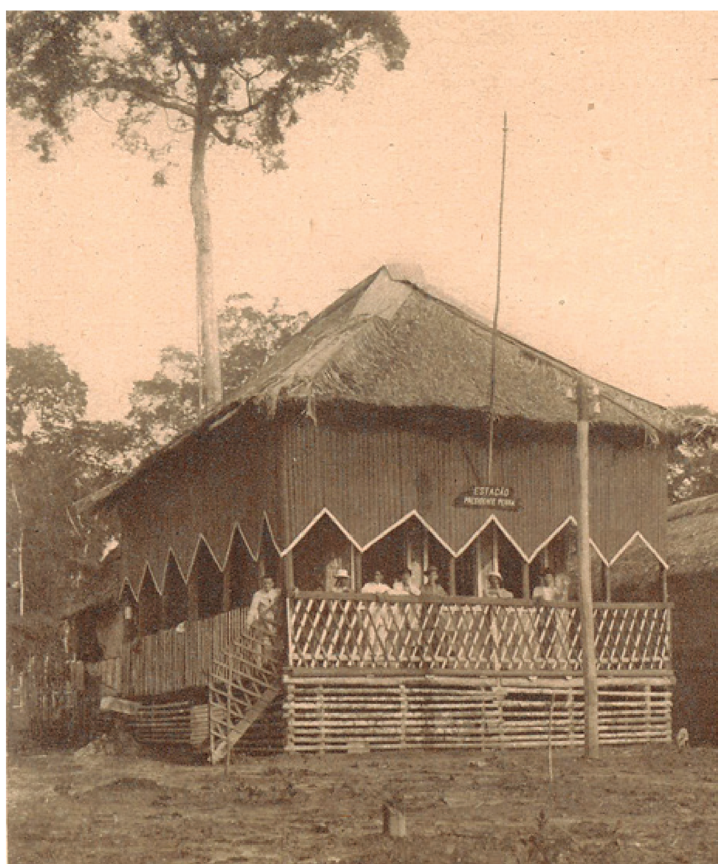
187 – O Porto do Assunção, fábrica de seringa e caucho. Ji-Paraná.



188 – Tipo de habitação para barracão do Alto Ji-Paraná.
Foto major Tomás Reis



189 – Barracão Paraíso. Ji-Paraná.
Foto Tiúba



190 – Estação telegráfica de Presidente Pena.
Rio Ji-Paraná.



191 – Rio Ji-Paraná, Fortaleza de Santa Cruz.
Fotos José Louro



192 – Vista de Pimenta Bueno, lado sul.



193 – Pimenta Bueno, lado norte.
Fotos José Louro

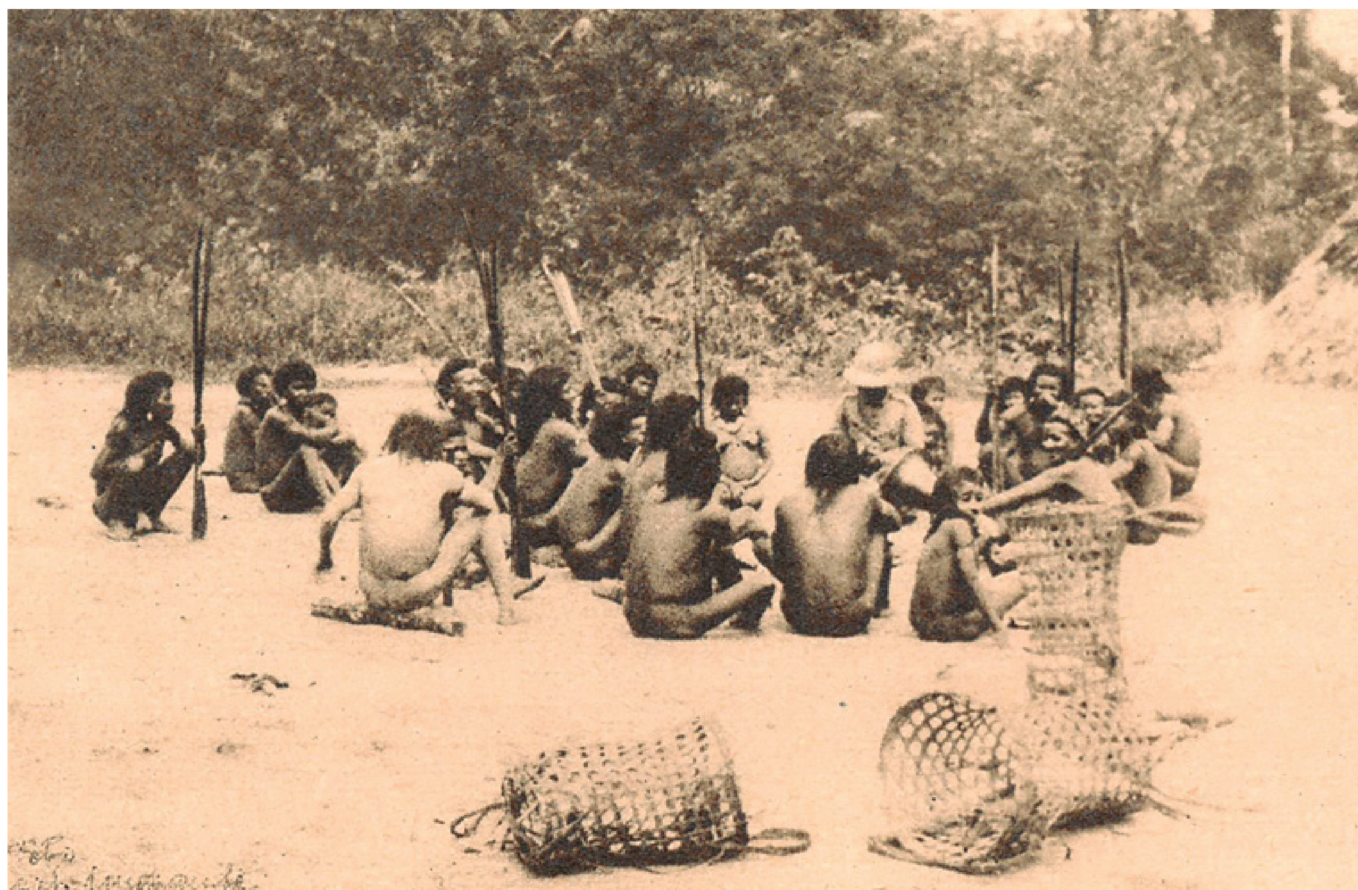


194 – Família quepiquiriuate sob a proteção do S.P.I. na Colônia Rodolfo Miranda.



195 – Colônia Rodolfo Miranda. Banho de crianças quepiquiriuates.

Fotos Dr. B. Rondon



196 – Índios quepiquiriuates da região das cabeceiras do rio Pimenta Bueno.
Fotos cap. Amarante



197 – Os índios quepiquiriuates receberam os expedicionários amigavelmente.



198 – Cel. Rondon tomando notas sobre a etnografia, enquanto os quepiquiriuates ouviam as nossas músicas. Ao lado, vasos indígenas que foram trazidos para o Museu Nacional.

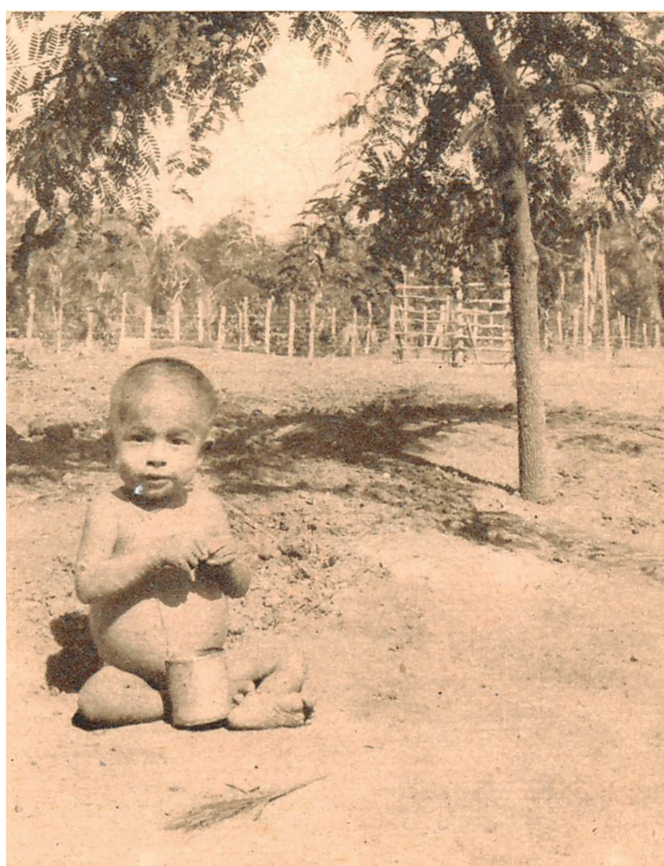


199 – Na aldeia quepiquiriuate.
Fotos cap. Amarante



200 – Filho de um chefe quepiquiriuate.
Foto Dr. B. Rondon





201 e 202 – Pequeno índio quepiquiriuate em tratamento de grave enfermidade. Colônia Rodolfo Miranda.
Fotos Dr. B. Rondon



203 – Índios quepiquiriuates da aldeia Baepuate perto de Barão de Melgaço.



204 – Índios quepiquiriuates da região das cabeceiras do rio Pimenta Bueno.

Fotos Cap. Amarante



205 e 206 – Índias parnauates do Posto Rodolfo Miranda. Rio Jamari.





207 – À beira do rio.
Fotos Dr. B. Rondon



208 – Índios parnauates do Posto Rodolfo Miranda.
Fotos Dr. B. Rondon



209 – Acampamento na grande floresta, com índios parnauates.



210 – Índios parnauates.



211 – Índia parnauate.
Fotos Dr. B. Rondon



212 – Índia parnauate.



213 – O chefe Abaitará dos índios parnauates.
Fotos Dr. B. Rondon



214 – Índios parnauates rio Ji-Paraná.
Foto Tiúba



215 – O chefe Abaitará com a sua família.
Foto José Louro



216 – Grupo de índios do chefe Abaitará.



217 – O índio chefe Abaitará com suas armas.



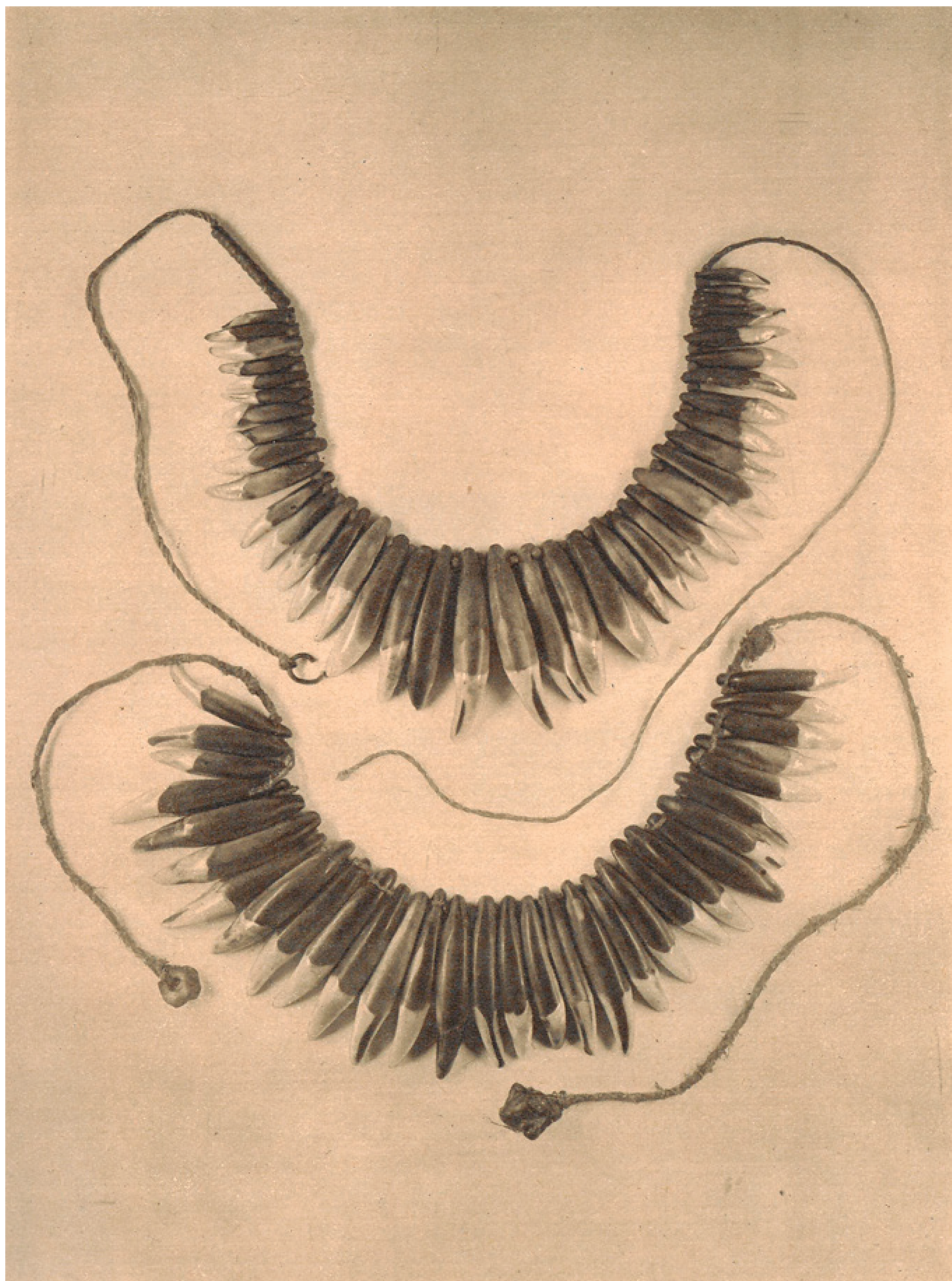
218 – Abaitará, chefe dos índios parnauates com sua família.
Foto José Louro



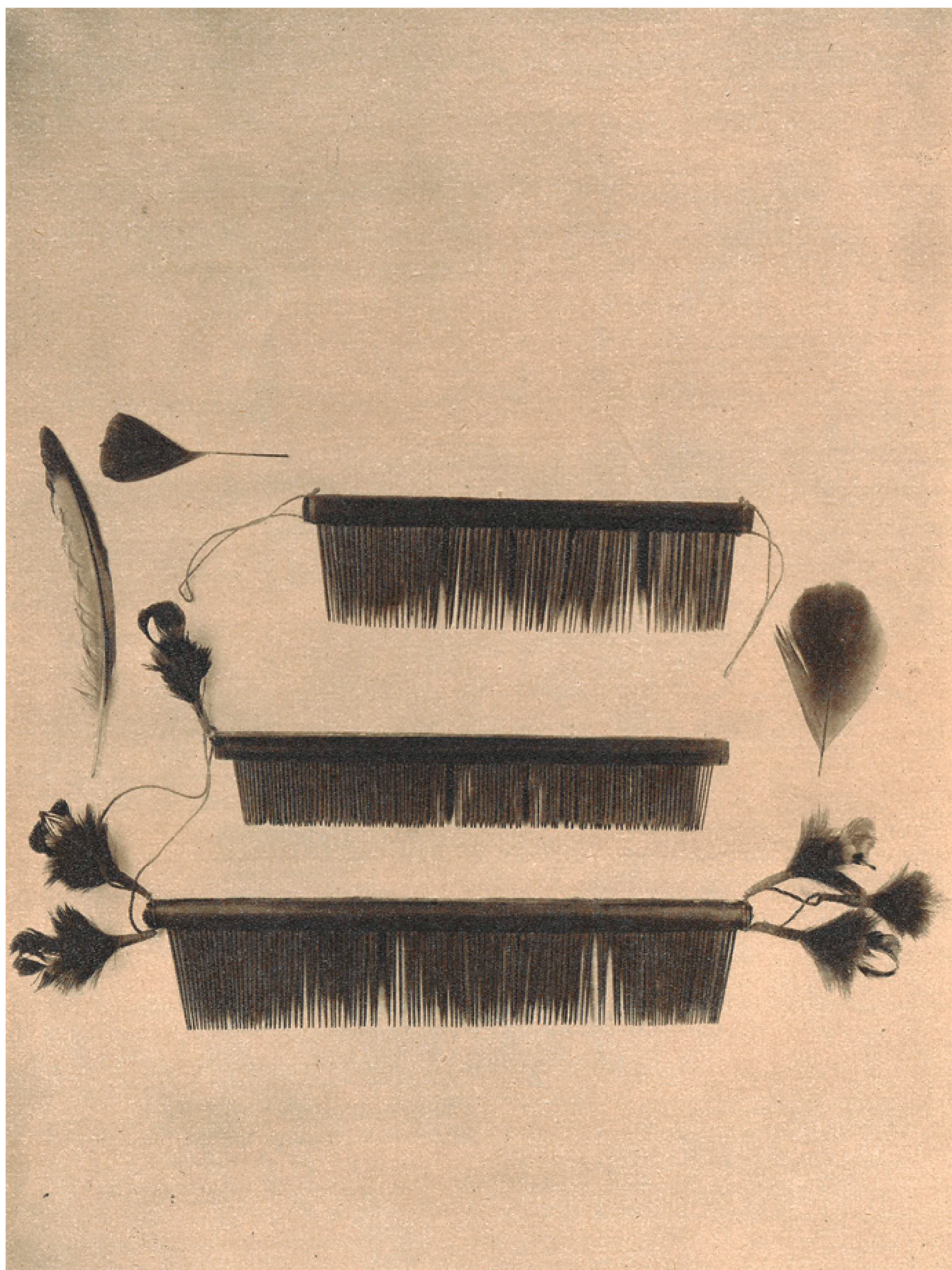
219 – Índios parnauates e ipoteuates. Rio Ji-Paraná.
Foto Exp. Científica de Filadélfia



220 – Artefatos indígenas. Colares e enfeite de penas para a cabeça dos ipoteuates. Rio Ji-Paraná.
Foto Exp. Científica de Filadélfia



221 – Artefatos indígenas. Colares de índios ipoteuates. Rio Ji-Paraná.
Foto Exp. Científica da Filadélfia



222 – Artefatos indígenas. Pentes dos índios ipoteuates. Rio Ji-Paraná.
Foto Exp. Científica da Filadélfia



223 – Índios ipoteuates. Rio Ji-Paraná.
Foto Exp. Científica da Filadélfia



224 – Chegando ao porto dos índios tacuatepes. – Alto Ji-Paraná.
Foto José Louro



225 – Índios tacuatepes. Alto Ji-Paraná.



226 – Grupo de índios tacuatepes.
Fotos José Louro



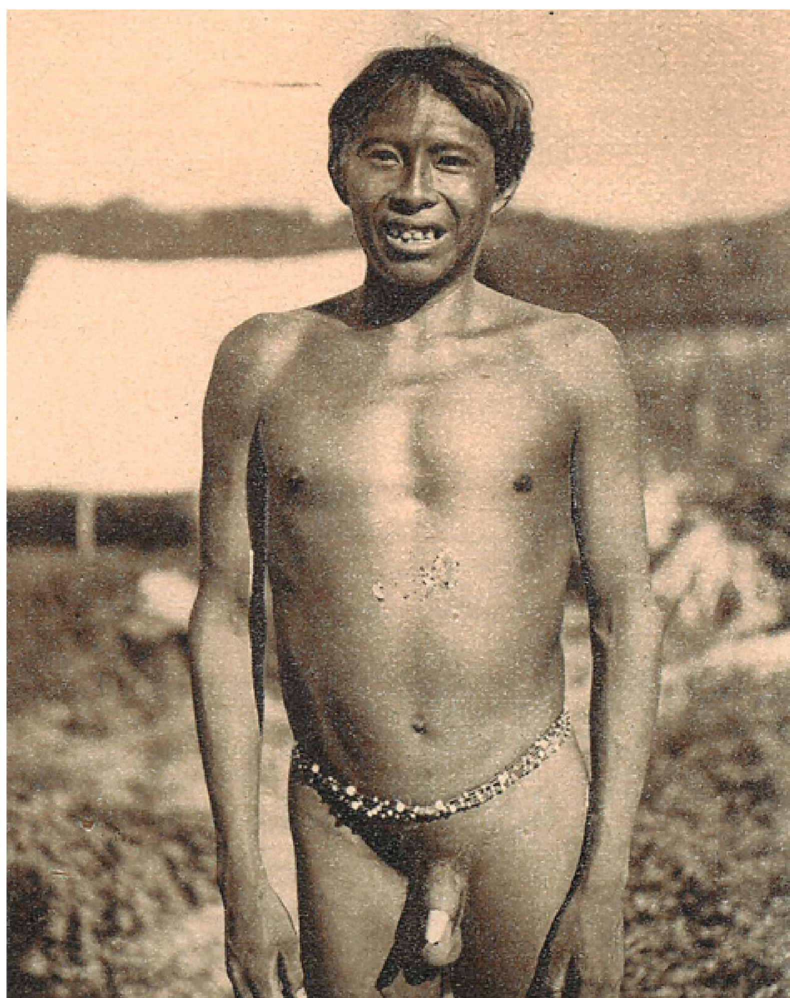
227 – Índia do Grupo do Pai Timóteo.



228 – Tamuripá, índio tacuatepe.
Fotos José Louro



229 – Índios tacuatepes do grupo do Pai Timóteo.



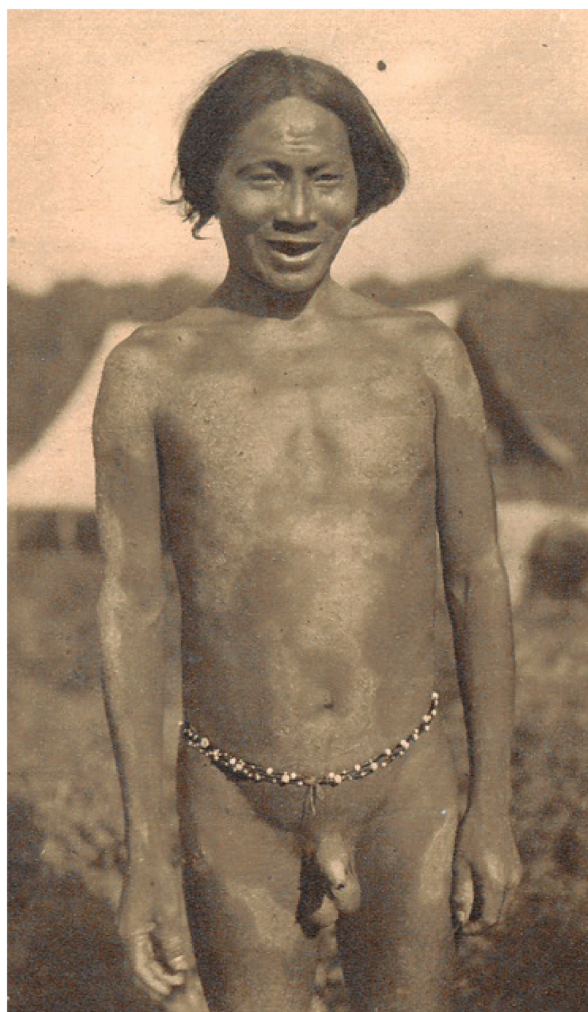
230 – O índio Pai Timóteo.
Fotos José Louro



231 – Grupo de índios tacuatepes que viajaram em batelão da Comissão Rondon.
Foto Tiúba



232 – Índia do grupo Pai Timóteo.
Foto José Louro



233 – O índio Pai Piti (tacuatepe).



234 – Cel. Rondon e seu jovem amigo tacuatepe.
Fotos José Louro



235 – Índios urumis. Serra da Providência, alto Ji-Paraná.



236 – Índios urumis.
Fotos Tiúba



237 – Uma família de índios urumis.
Foto José Louro



238 – Índios urumis.



239 – Chefe dos urumis com sua mulher.
Foto José Louro



240 – Índios urumis.



241 – Índios urumis.



242 – O jovem chefe dos urumis.
Fotos José Louro



243 – Índios urumis. Cabeceira do rio Tarumã, afluente m. d. do Ji-Paraná.



244 – Jovem índio da tribo urumi. Rio Ji-Paraná.
Foto José Louro



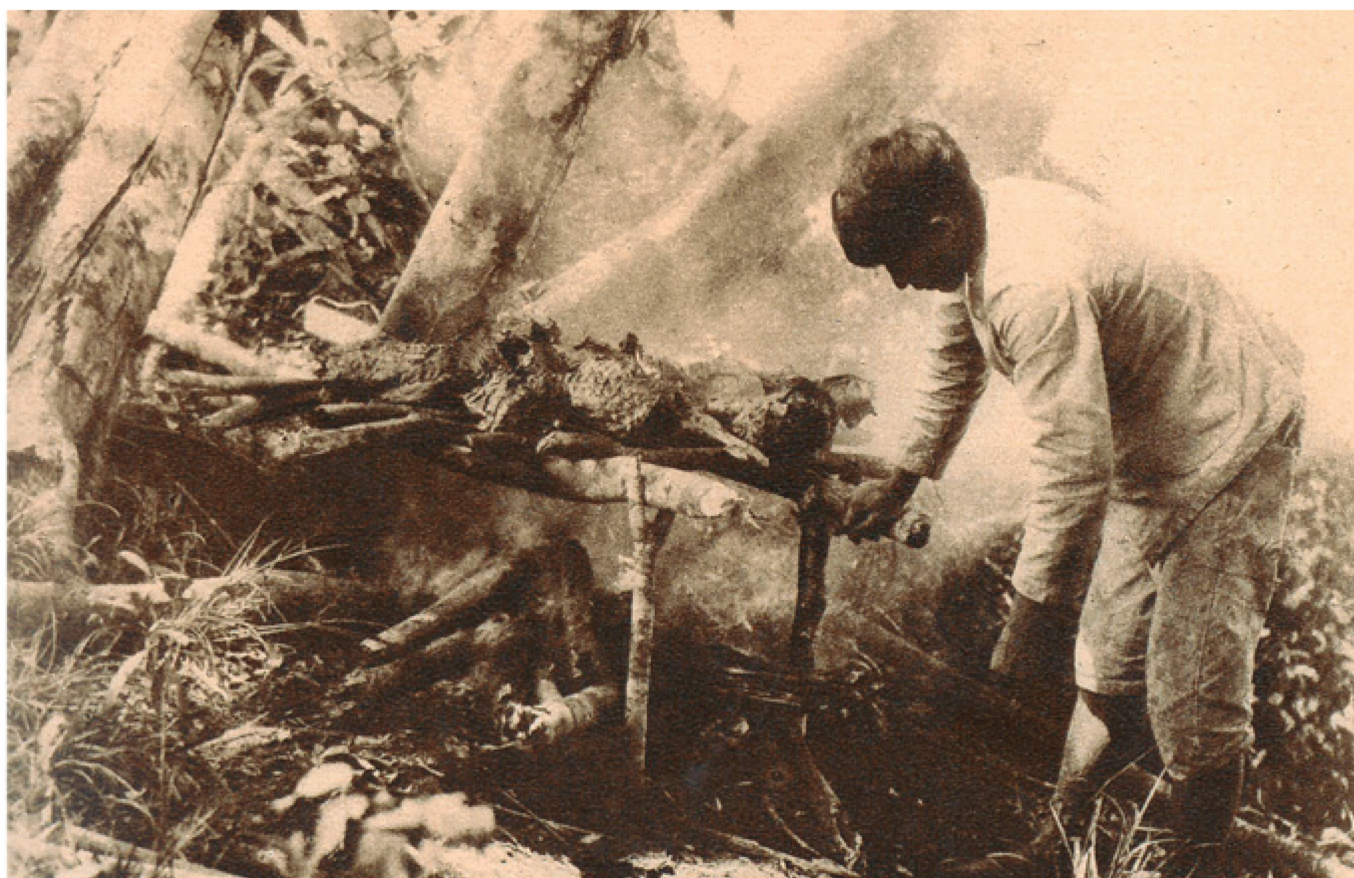
245 – Índios urumis. Vale do Ji-Paraná.



246 – Casal de índios urumis. Rio Ji-Paraná.
Fotos José Louro



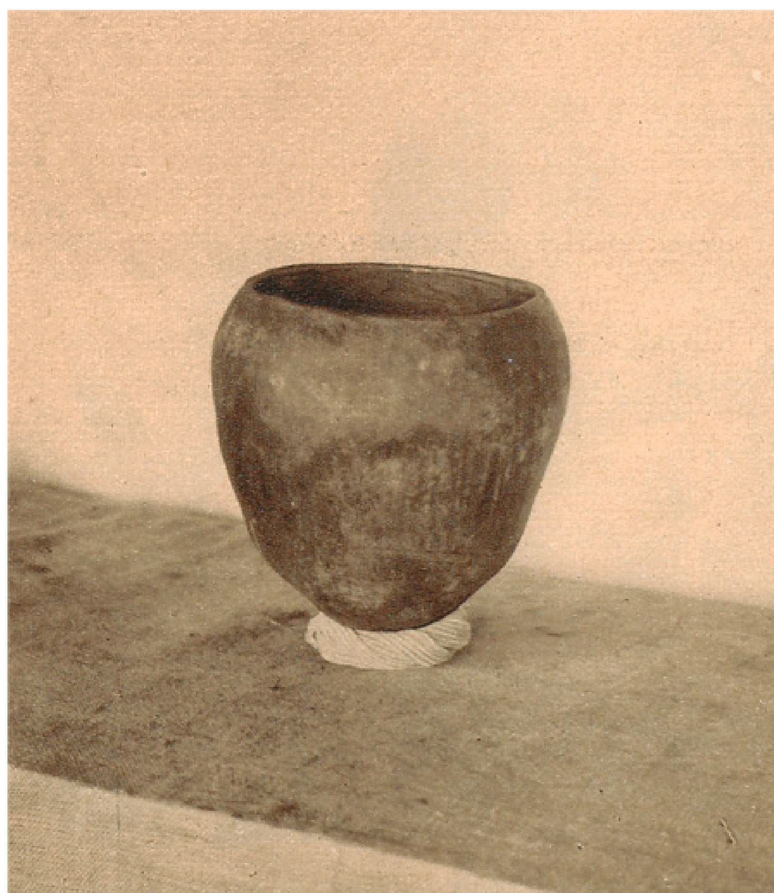
247 – Índio maracuti da tribo dos urupás.
Foto José Louro



248 – Índio urupá. Rio São Miguel.



249 – Morro dos veados no campo dos urupás. Cemitério, em gruta, dos índios urupás.



250 – Urna funerária dos urupás.



251 – Uma índia rama-rama, tribo já quase extinta. Rio Marmelos.
Foto José Louro



252 – Índios jarus, que frequentemente visitam as estações telegráficas da Seção Norte.
Foto José Louro



253 – Grupo do cel. Rondon, tenente Alencarliense e telegrafista Germano, à margem do rio Jaru, no porto da estação.



254 – Levantando o rio Jaru, em 1915.

Fotos José Louro



255 – O barracão Santos Dumont, rio Jaru.



256 – Barracão Santos Dumont, no rio Jaru.

Fotos José Louro



257 – Grupo de seringueiros no barracão Santos Dumont.



258 – Roça de milho, em Santos Dumont.

Fotos José Louro



259 – Posto indígena Rodolfo Miranda em Ariquemes, com escola para os índios.
Foto José Louro



260 – Índias ariquemes. Elas moram em casas iguais às nossas naquele posto.
Foto Dr. B. Rondon



261 – Posto Rodolfo Miranda. Trajadas como nossas domésticas, as ariquemes não têm nenhuma saudade das cintas de buriti.

Foto Dr. B. Rondon



262 – Às visitas os ariquemes oferecem o seu "totó", bebida fermentada qual a nossa cerveja. À esquerda, o Dr. Caio Spínola, encarregado do Posto Rodolfo Miranda, é um dos homenageados. Eles bebem esse totó em cuia presa a um longo cabo.

Foto Magalhães



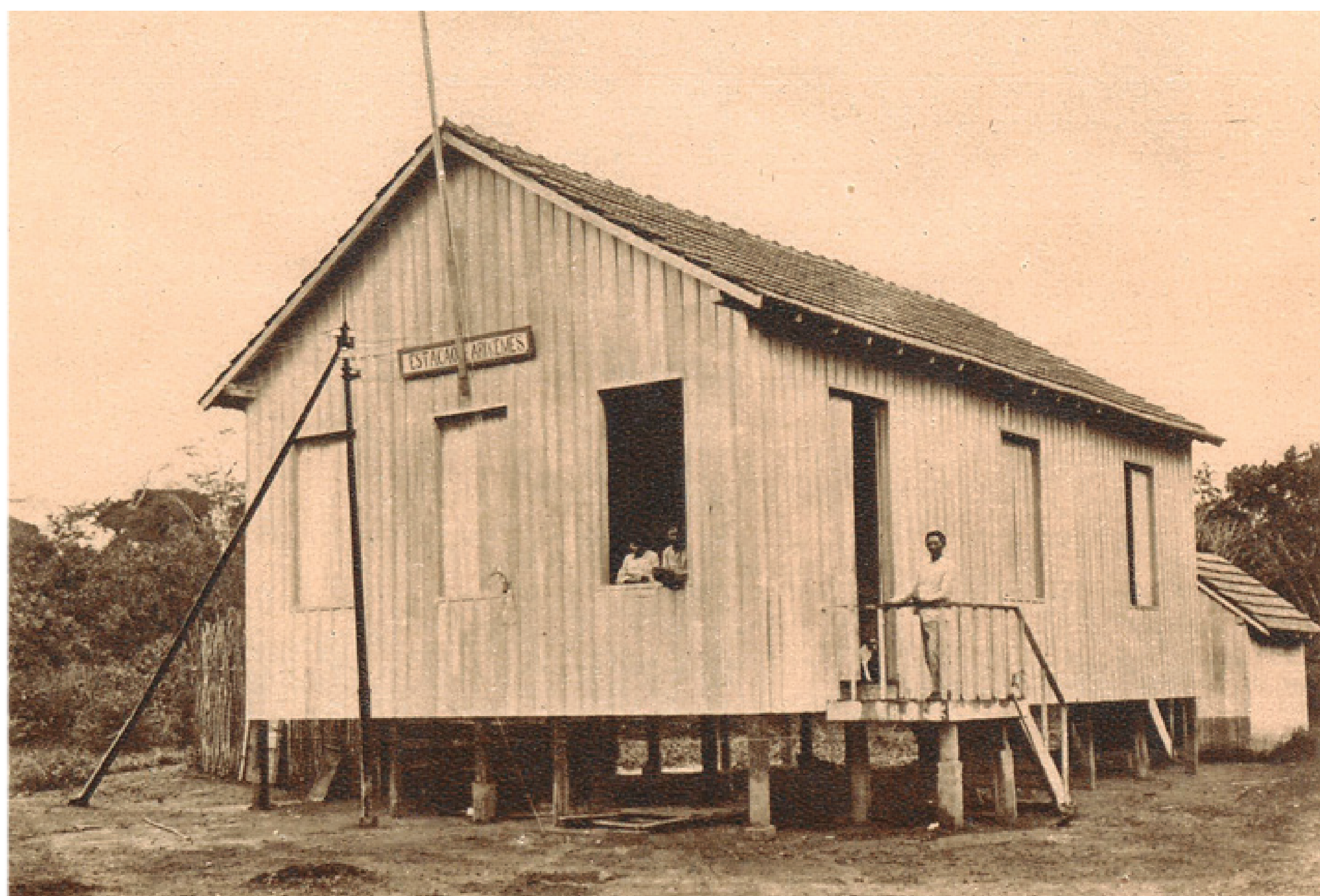
263 – Parriba Paraquina Pioaca, *índio ariqueme como estudante, na Capital Federal.*

Foto Dr. B. Rondon



264 e 265 – Posto Rodolfo Miranda. Índios de diversas tribos, com seus instrumentos de trabalho.





266 – Estação telegráfica Ariquemes. Rio Jamari.



267 – Estação telegráfica de Caritianas, rio Jamari.

Fotos José Louro



268 – Também o Jamari é navegável. Gaiola no porto do Jamari, Cachoeira do Samuel.
Foto Guineaud



269 – Trecho do baixo Jamari.
Foto Magalhães



270 – Cachoeira do Samuel, vista do porto do rio Jamari.
Foto Guineaud



271 – Índio caripuna. Mestiço. Alto Madeira.
Foto Dr. Roquette Pinto



272 – Levantamento do baixo Jamari.
Foto Magalhães



273 – Alto Jamari, Batelões da expedição.



274 – Canoas da expedição, rio Jamari. Hora do almoço.

Fotos Magalhães

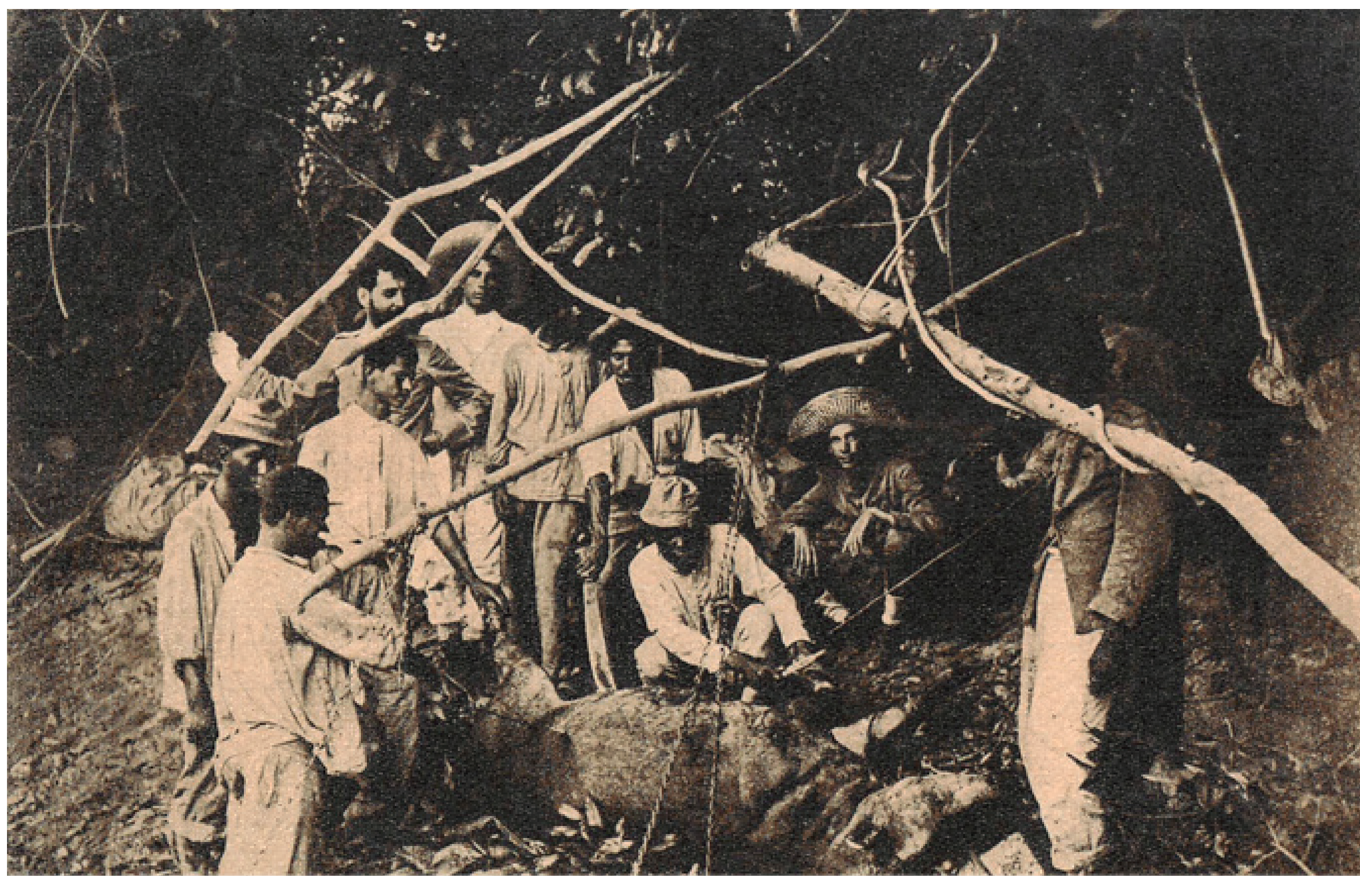


275 – Um bivaque na floresta e pessoal da expedição no baixo Jamari.



276 – Uma família em cuja casa se hospedou a expedição, no alto Jamari.

Fotos Magalhães



277 – Carneação da anta caçada.



278 – O trecho do Jamari onde, na vazante, as canoas foram arrastadas sobre toros de umbaúba.



279 – Paisagem do alto Jamari.
Foto Magalhães



280 – Rio Jamari. A Comissão Rondon durante o serviço.
Foto Guineaud



281 – Cachoeira Jatuarana, no alto Jamari.



282 – Barracão Jatuarana, no alto Jamari.
Fotos Magalhães



283 – Barracões de seringueiros. Rio Jamari.



284 – Bom Futuro. Alto Jamari.

Fotos Magalhães



285 – Barracões de seringueiros, alto Jamari.



286 – Margem habitada do Jamari. Baixios do rio.
Fotos Magalhães



287 – Varação de canoas nas cachoeiras do alto Jamari.



288 – Varação de canoas nas cachoeiras do alto Jamari.

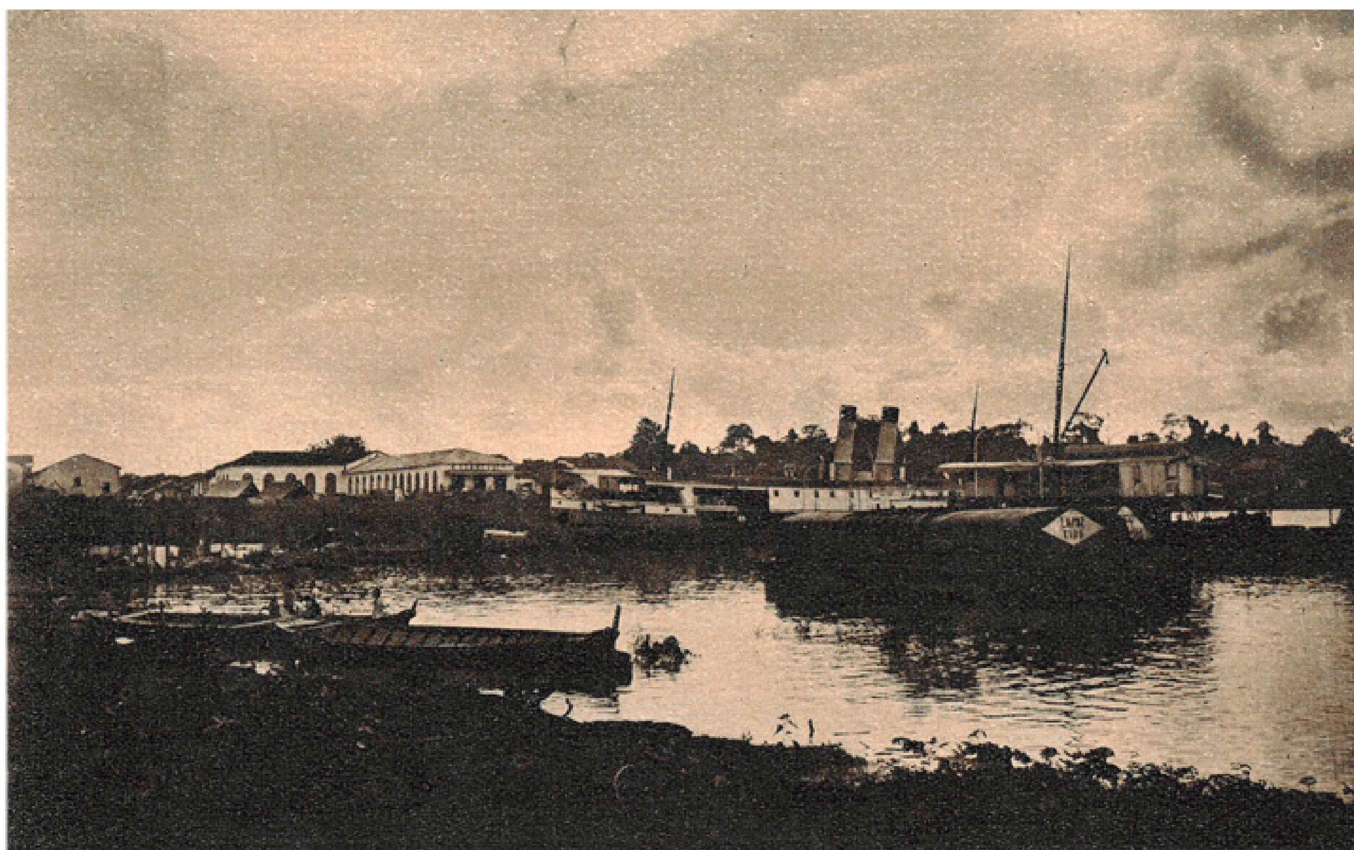
Fotos Magalhães



289 – Interior da floresta, expedição Jamari.



290 – Rio Maçangana, afluente do Jamari.
Fotos Magalhães



291 – Porto de Santo Antônio do Madeira.



292 – Uma rua da cidade de Santo Antônio do Madeira.

Fotos Magalhães



293 – Outro aspecto de rua de Santo Antônio do Madeira.

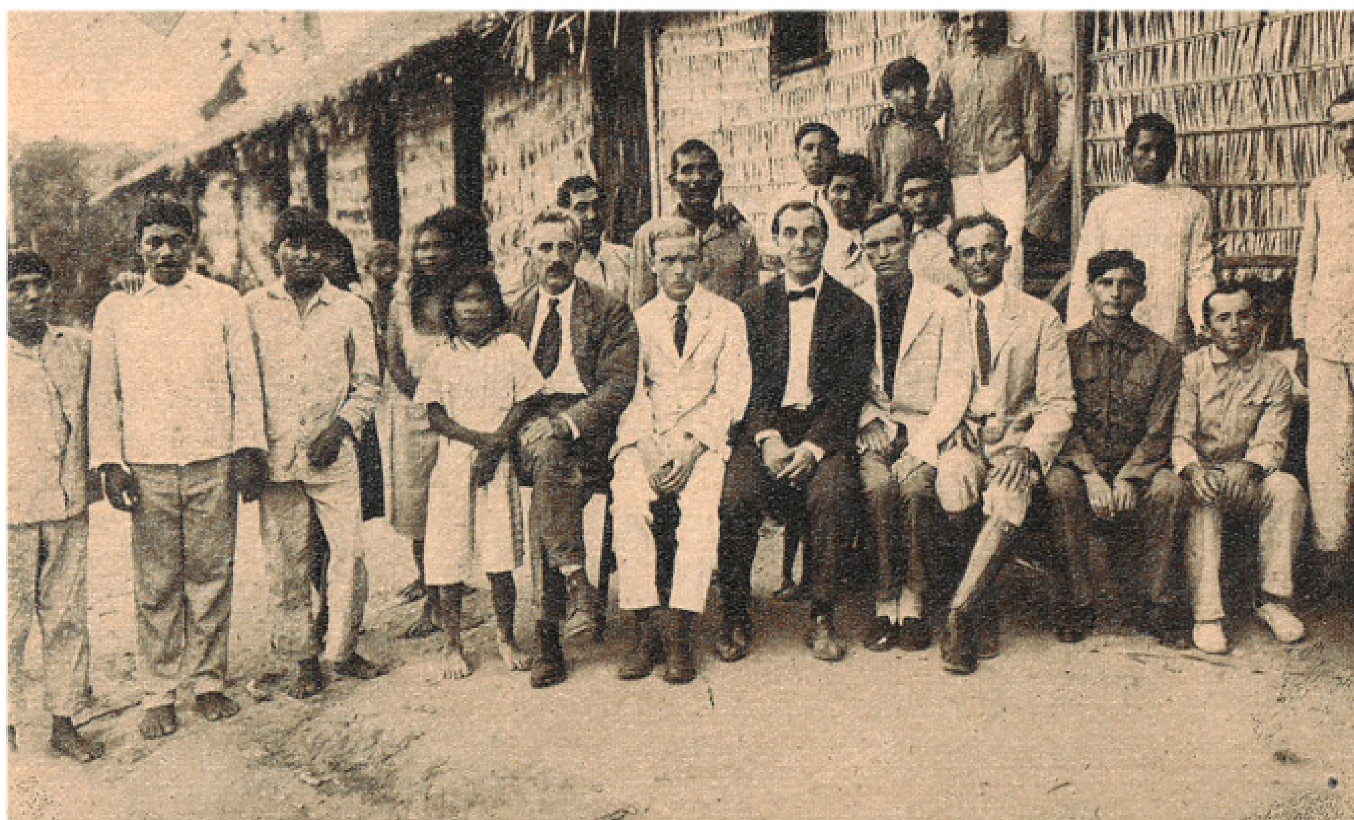


294 – Vista de uma cachoeira do rio Madeira.

Fotos Magalhães



295 – Alguns índios pirarrãs em palestra, no posto S. P. I. do médio rio Maici.
Fotos Exp. Científica de Filadélfia



296 – Visita dos membros da Exp. Científica de Filadélfia e funcionários do S. P. I. ao posto indígena do médio Maici, dos índios guerreiros parintintins, recentemente pacificados.



297 – No posto indígena do rio Maici. A saída do enterro do tuchaua Faustino, da tribo pirarrã, falecido em avançada idade.



298 – Outro aspecto do enterro, vendo-se o cadáver à beira da sepultura, estendido numa rede, pouco antes de sua inumação. Em torno, os membros da Exp. Científica de Filadélfia, funcionários do S. P. I. e índios pirarrãs.

Fotos Exp. Científica de Filadélfia



299 – Vista de um dos trechos solitários do rio Maici.



300 – Posto S. P. I. do rio Maici. Uma pirarrã.

Fotos Exp. Científica de Filadélfia



301 – Flotilha de índios pirarrãs, que acompanharam o cap. Amarante, no serviço de levantamento do rio Maici.



302 – Índios pirarrãs. Rio Maici.

Fotos cap. Amarante



303 – Primeiro rancho do posto indígena do rio Maici.



304 – Grupo de índios pirarrãs da tribo dos tupis do rio Maici, da maloca Capitão Porfírio, em mudança para trabalhos de novo roçado.



305 – Índios pirarrãs. Rio Maici.
Fotos Cap. Amarante



306 – No posto indígena do médio rio Maici. A visita cordial de alguns parintintins, aos seus adversários pirarrãs. Perto da janela da barraca, de pé, o tuchaua Vicente, da tribo pirarrã, com os braços reclinados sobre os ombros dos índios iuacás, à direita, e Dié, à esquerda, ambos da tribo parintintim.



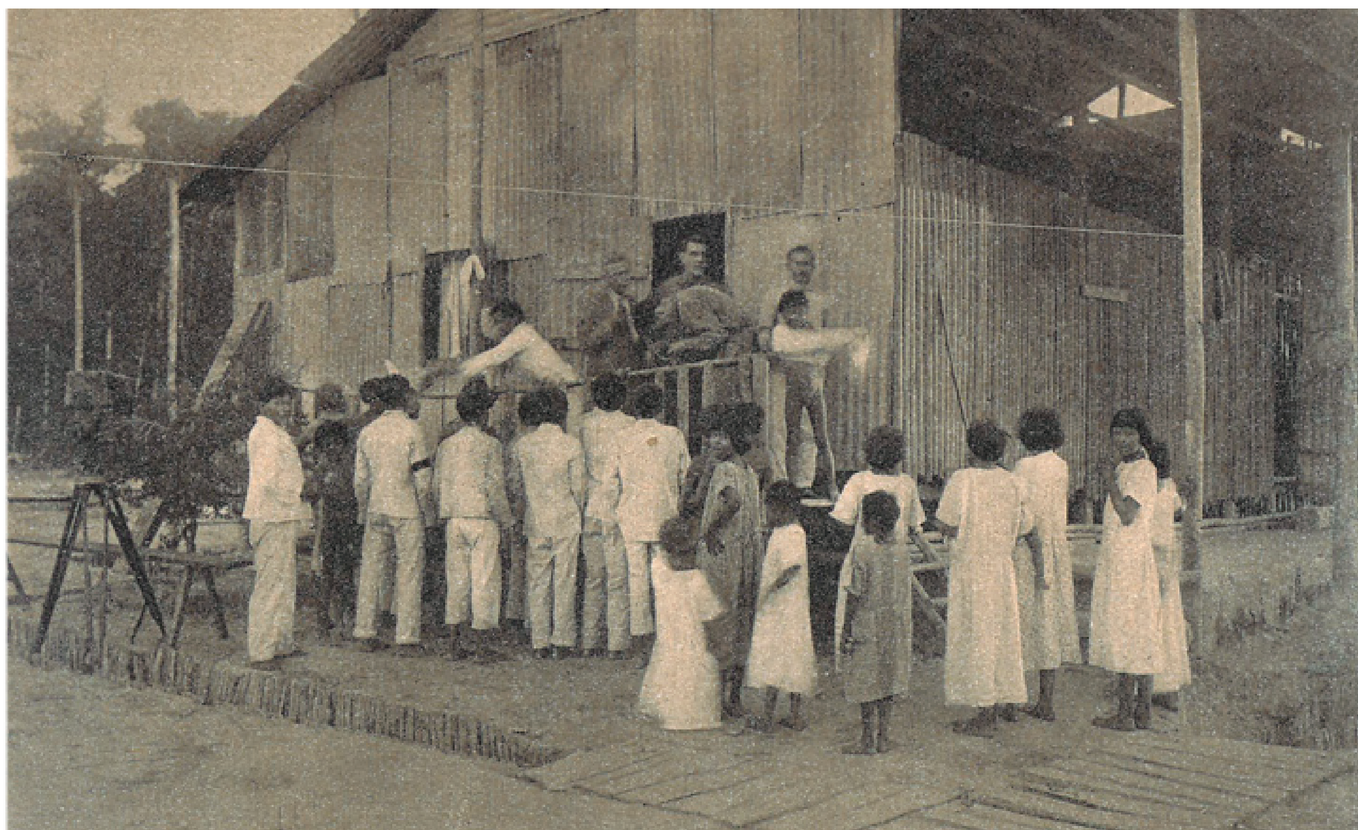
307 – Vista parcial do posto S. P. I. dos índios parintintins, no rio Maici-mirim.

Fotos Exp. Científica de Filadélfia



308 – O índio Cari, da tribo parintintim, no portão da antiga cerca que protegia a área circular do posto S. P. I. no rio Maici-mirim.

Fotos Exp. Científica de Filadélfia



309 – Distribuição de brindes aos parintintins, no posto S. P. I. do rio Maici-mirim.



310 – Vinte anos passados. No posto de pacificação do rio Maici-mirim. Um grupo de índios guerreiros parintintins, vendo-se à frente, sentados, os de nome Gatia e Avan-van Gatui, o primeiro trajado à moda dos civilizados.



311 – E as mulheres da tribo parintintim.
Fotos Exp. Científica de Filadélfia



312 – Duas índias parintintins desta época, que costumavam visitar o posto do S. P. I. do rio Maici-mirim.

Fotos Exp. Científica de Filadélfia



313 – Parintintins civilizados ouvindo a música do gramofone.



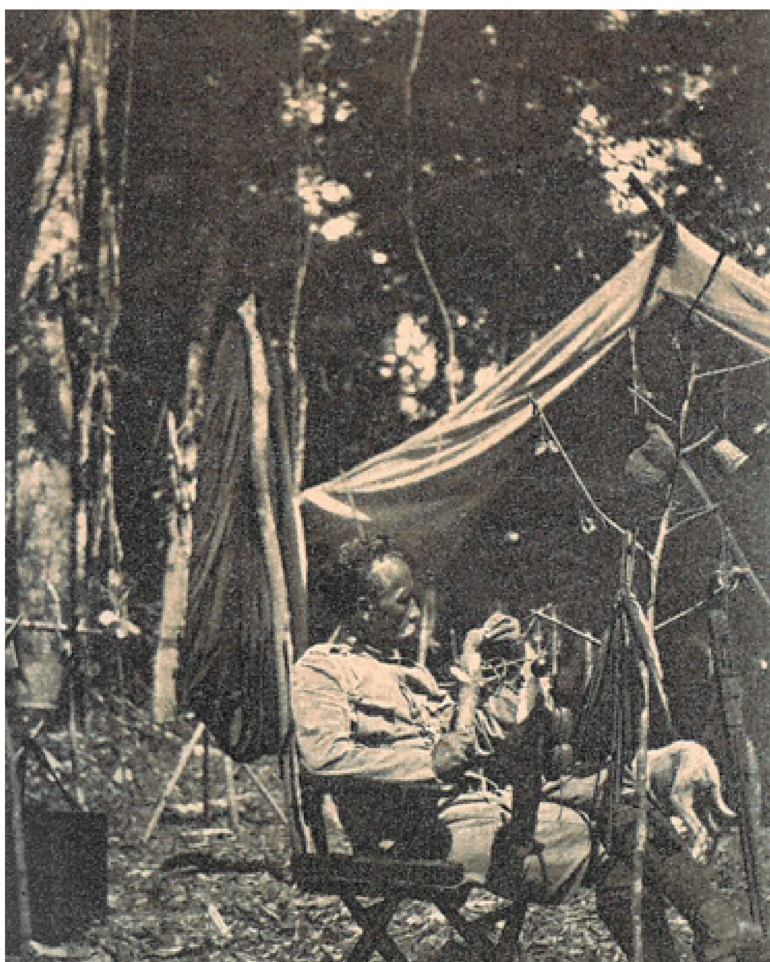
314 – A serra Pascoal Moreira Cabral, vista a três quilômetros.
Fotos Dr. B. Rondon



315 – Acabamento da 4ª canoa para a descida do rio São Miguel.



316 – Os índios cabixis retribuíram aos brindes do cel. Rondon com panelas, cestos, arcos, flechas, estas com as pontas quebradas, em sinal de paz.



317 – Aí fundou o cel. Rondon o posto 3 de Maio, depois de uma penosa jornada, sem alimentos.

Fotos Dr. B. Rondon



318 – Entrada da maloca do chefe dos índios cabixis. Baixada do Manuel Correia, braço do São Miguel.



319 – O cel. Rondon apresentando uma panela de índios.

Fotos Dr. B. Rondon

Fotos oferecidas ao C. N. P. I. pela Comissão para o Estudo das Jazidas Auríferas do Urucumacuã.

Fotos oferecidas ao C.N.P.I. pela Comissão para o Estudo das Jazidas Auríferas do Urucumacuã.



320 – Cabeceiras do rio Guarajus.



321 – Junto à cascata 15 de Novembro, futuro posto indígena ten. Lira, Rio Apidiá.



322 – Limpeza do rio Corumbiara.



323 – "Colchas" de capim na Lagoa de Barranco Alto, Corumbiara.

Fotos Dr. Victor Dequech



324 – Pajé Maçacá, rio Apidiá.



325 – Velha Maçacá.



326 – Maçacá com seu tacape.



327 – Índio Maçacá.

Fotos Dr. Victor Dequech



328 – Índio maçacá exibindo curiosa tatuagem.



329 – A graça duma jovem maçacá.



330 – Crianças maçacá.



331 – Os pais indígenas nunca ralham nem castigam seus filhos.

Fotos Dr. Victor Dequech




332 e 333 – Maloca maçacá. Rio Apidiá.



334 – Maçacá com tatuagem.



335 – Grupo que se diverte em família.



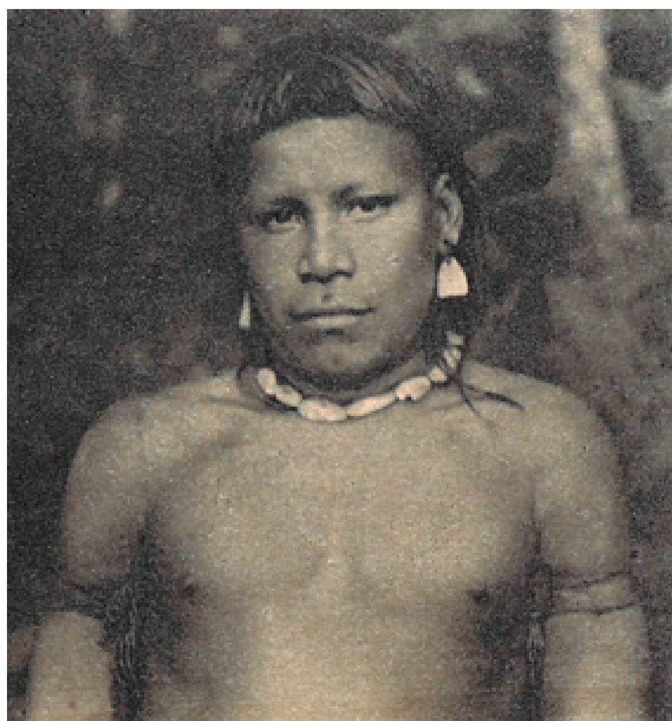

336 e 337 – Casais maçacá. Rio Apidiá.
Fotos Dr. Victor Dequech



338 – Índios maçacá jogando headball.
Fotos Dr. Victor Dequech



339 – Maçacá na cascata 15 de Novembro, rio Apidiá, cabeceira do Pimenta Bueno.



340 – Rapaz maçacá.



341 – Jovem mulher maçacá.



342 – José Aucê, índio civilizado da tribo quiapure, reservista da Marinha, funcionário do S.P.I., que acompanha a Comissão Urucumacuã no rio Apidiá, dando uma injeção contra a gripe numa menina maçacá.



343 – Maçacá na cascata 15 de Novembro, rio Apidiá.
Fotos Dr. Victor Dequech



344 – Índio canoê. Vale do rio Apidiá.



345 – Ten. Zack entre os canoês.



346 – Grupo de índios salamães. Rio Apidiá.
Fotos Dr. Victor Dequech



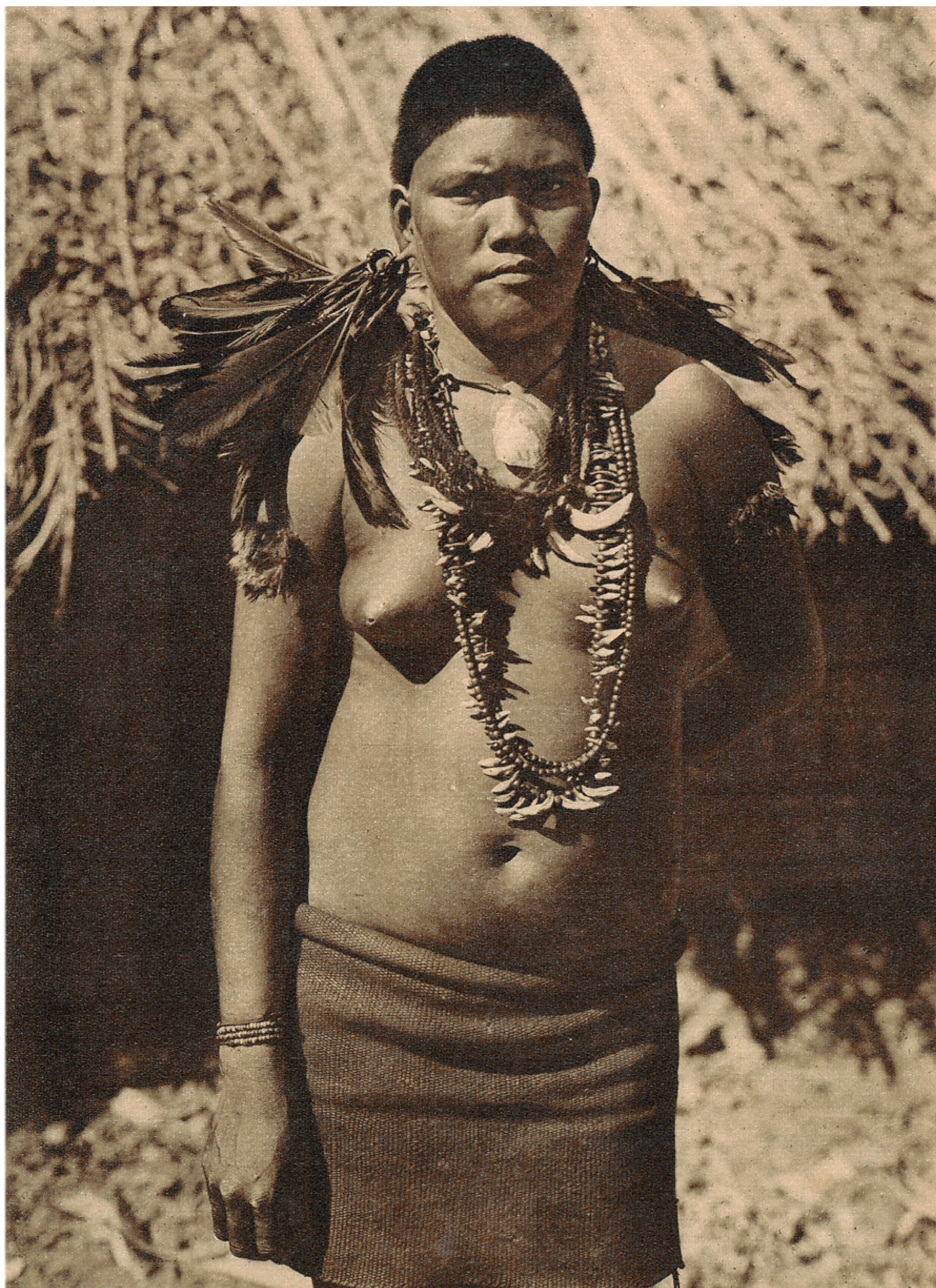
347 – Índio salamãe com arco e flechas.

Os umutinas

Alto rio Paraguai



348 – Guerreiro umutina, do alto rio Paraguai.
Foto José Louro



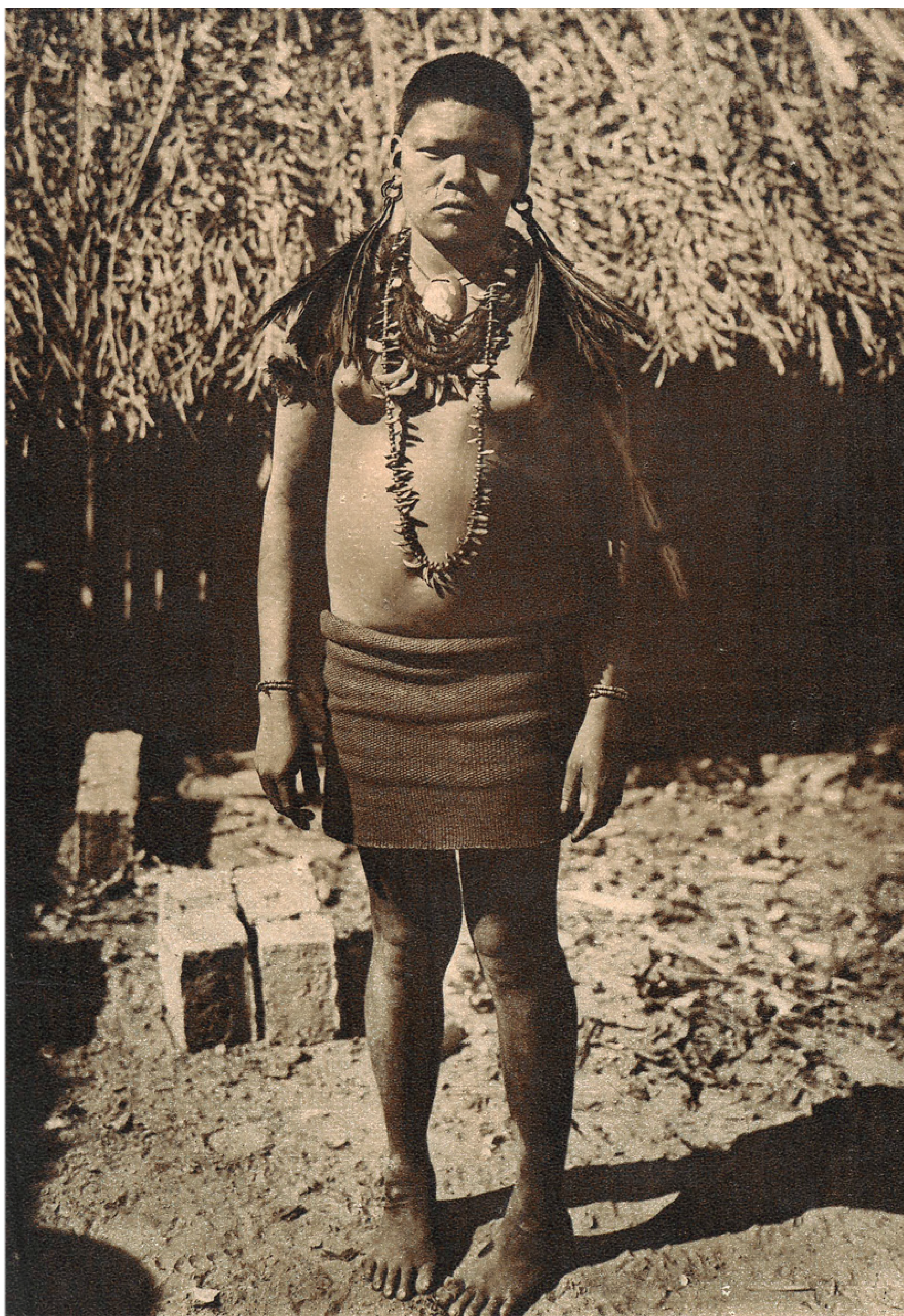
349 – A mulher do chefe umutina do alto rio Paraguai. Cabelos cortados à moda feminina desta tribo.
Foto José Louro



350 – Índio umutina. Os homens não cortam os cabelos. Alto rio Paraguai.
Foto José Louro



351 – Umutina, do alto rio Paraguai, com suas armas.
Foto José Louro



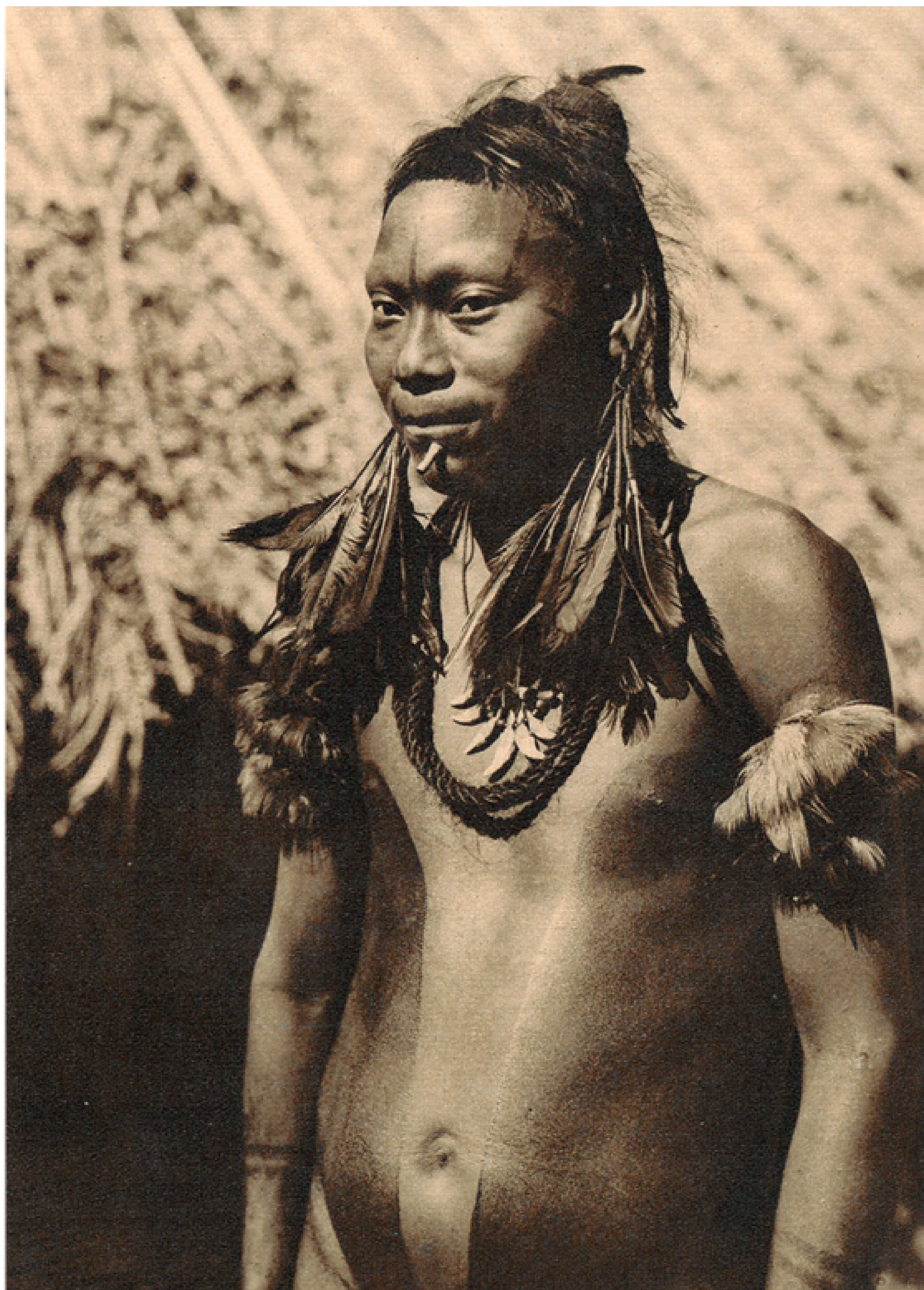
352 – Mulher da tribo umutina. Alto rio Paraguai.
Foto José Louro



353 – Um velho umutina do alto rio Paraguai.
Fotos José Louro



354 – Grupo de índios umutinas. Alto rio Paraguai.



355 – O chefe dos índios umutinas.
Foto José Louro



356 – Grupo de índios umutinas e pessoal do posto S.P.I. em Barra dos Bugres.
Foto José Louro



357 – Grupo de índios umutinas. Alto rio Paraguai.



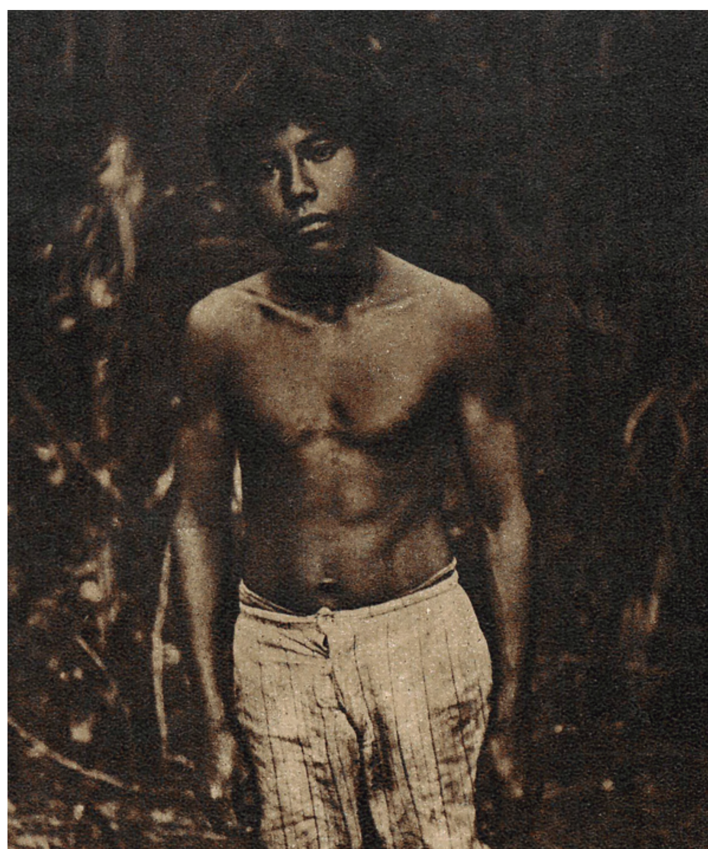
358 – Matarepata. Índia umutina na aldeia Masepo – perto do Porto Humaitá.
Foto Comissão Rondon



359 – Mulheres umutinas. Alto rio Paraguai.
Foto José Louro



360 – Família de um umutina. Roça do Porto Humaitá. Alto rio Paraguai.



361 – Joãosinho, índio guató. Rio Paraguai.



362 – Guató – Rei dos canoeiros. Rio Paraguai.
Fotos Comissão Rondon



363 – O posto indígena de Barra dos Bugres.



364 – Escola pública de Barra dos Bugres.

Os bororos

Os bororos



QUANDO EM 1890, no começo do governo republicano, se iniciou a construção telegráfica que ligou à rede geral brasileira Cuiabá, capital do Estado de Mato Grosso, foi nomeado chefe da comissão que atuou neste Estado o então major Antônio Ernesto Gomes Carneiro, servindo como seu ajudante o então tenente Cândido Mariano da Silva Rondon, dois nomes já agora célebres na História: aquele que escreveu a brilhante epopeia da Lapa, onde resistiu com 800 soldados contra tropas que andavam por 4.000 homens e ali morreu gloriosamente de ferimento recebido no último combate a que assistiu; este, que durante cerca de meio século viveu nos sertões do país, fazendo explorações para a construção das linhas telegráficas e estudos geográficos, assim como dedicando-se à defesa do índio, à sua pacificação e à sua incorporação, à civilização, terminando sua carreira de explorador de grande envergadura já no posto mais elevado da hierarquia do Exército: general de divisão. Tal a energia e vitalidade deste homem, que ainda aos 77 anos de idade exerce o cargo de presidente do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, cujas funções são gratuitas e honoríficas, conforme reza o decreto que criou esta Instituição.

Naquela época os bororos eram amontados, isto é, completamente selvagens e, portanto, inimigos dos civilizados, aos quais hostilizavam, em represália às perseguições que lhes eram feitas por estes, desde a época da descoberta do continente (os bandeirantes).

Os dois notáveis brasileiros começaram os seus trabalhos de exploração e levantamentos topográficos de sua importante e perigosa comissão militar, espalhando pelas estradas, caminhos e picadas, avisos bem legíveis em que o chefe da Comissão proibia, terminantemente, que quem quer que fosse atacasse ou fizesse qualquer dano aos selvícolas, ameaçando de prisão aos infratores. Os índios espreitavam os mínimos movimentos dos chefes e das turmas de construção e muitas vezes os dois engenheiros-militares se curvavam a ultimatos dos bororos, desviando o rumo de certos alinhamentos, onde os índios fincavam suas flechas de intimação, quando percebiam, pela direção do traçado, que o pique iria incidir em uma de suas aldeias.

Uma vez, conta o próprio general Rondon, haviam bivacado (acampamento ao ar livre, sem armar barracas) os dois chefes e os índios começaram a assobiar em torno, imitando a voz de vários animais e dando batidas nos troncos das árvores, para os amedrontar.

O chefe da Comissão não hesitou e, chamando seu incomparável ajudante – discípulo que ultrapassou depois o mestre – disse-lhe peremptoriamente:

– Mande apagar os fogos e suspender o bivaque; prosseguiremos e iremos pousar em outro ponto qualquer.

E, apesar da noite escura, a ordem foi cumprida e a turma nesse dia deixou de jantar... por falta de tempo.

É que o chefe percebera que os índios não estavam gostando de vê-los bivacar próximo a um dos seus aldeamentos!

Assim, pela bondade e pela tolerância, enchendo de brindes os lugares frequentados pelos selvícolas, acabaram os bororos por se arriscar a entrar em contato com os acampamentos da Comissão e confraternizar com os civilizados.

Nunca mais a tribo fez as correrias que tornavam tão perigosas as viagens de Mato Grosso a Goiás e S. Paulo, Rio e Minas Gerais. Os moradores de Rosário, Diamantino, Brotas, S. Luís de Cáceres e Mato Grosso (antiga Vila Bela) nunca mais foram incomodados pelas "batidas" que tanto temor e tantos prejuízos materiais e de vida lhes causavam, em tais incursões, os valentes bororos.

Os dois grandes militares haviam assim estabelecido as bases verdadeiramente sólidas sobre as quais as gerações futuras e as futuras organizações dos Serviços de Proteção aos Índios desviam construir a obra humanitária da aproximação e incorporação do índio à civilização, tão belamente preconizadas pelo grande estadista brasileiro José Bonifácio de Andrada e Silva.

*

Algumas frases do Relatório de 1917 do 2.º tenente Luís Tomás Reis para dar uma percepção mais exata das páginas seguintes.*

... Há entre os bororos práticas inocentes e outras verdadeiramente horríveis...

... Assim o fato que apreciei de um cadáver de mulher, que, enterrado perto do Baíto, era desenterrado todas as manhãs para ser molhado, e no oitavo dia levado para uma lagoa distante, onde o descarnavam quatro índios, até que os ossos, depois de lavados, ficassem bem brancos, era um quadro de arrepiar os cabelos; não tomei um filme por muitas razões e a mais forte é que eles fazem tudo isto antes da luz do dia, conforme a vontade de Bope...

... Quando morreu essa mulher, todos os parentes vieram junto à defunta, que estava inteiramente untada de nonogo (urucum), e sobre ela deixaram correr o sangue que jorrava de centenas de talhos e arranhões feitos sobre si mesmas com umas conchas afiadas... Enquanto essas mulheres se maltratavam deste modo, a defunta jazia sob um banho de sangue que lhe era oferecido, como última relíquia, por suas amigas; ao redor o bacororo especial de funeral, sustentado por todos os *boemejeras*, estes untados de encarnado e agitando os *bapus*, compassadamente, trovejava – pode-se dizer, comparando bem, pelo ruído de seus passos pesados o ritmo gutural de seu canto, e a zoada dos chocalhos nessa hora sacudidos com toda a impetuosidade. O pó asfixiava, as mulheres bradavam as boas qualidades da defunta, outras se cortavam em prantos; sangue e lágrimas misturavam-se; o solo estremecia sob os pés dos chefes bororos com o parico, que dava àqueles vultos vermelhos e suarentos, de rostos contraídos pela febre dessas danças, a impressão infernal e assustadora de oriundos de uma visão apocalíptica, ...

... Como quadro de sensação, este seria primoroso; lamentavelmente, sendo tudo isto praticado dentro de uma choupana muito escura, assim pude somente tomar os quadros de ar livre, mas não se diga que, vendo estes, se tenha conhecimento da vida e costumes dos índios bororos, porque muito mais interessantes e bonitos são os quadros dentro de suas casas.

Conselho Nacional de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1942.

AMÍLCAR ARMANDO BOTELHO DE MAGALHÃES
Coronel secretário do C. N. P. I.

(*Publicado no n.º 2, de abril de 1943, da revista* América indígena)

* Chefe dos trabalhos fotográficos e cinematográficos da Comissão Rondon, falecido há poucos anos, no posto de major, convocado para o serviço ativo do Exército. Exímio artista e ótimo camarada.



365 – O Pantanal, um paraíso para as aves aquáticas.
Lindas e branquíssimas garças não representam aqui uma raridade.
Foto Dr. B. Rondon



366 – Garças do Pantanal
Fotos Dr. B. Rondon



367 – Pássaros cabeça-seca (Tantalus americanus).



368 – Pantanal. Um poleiro de garças.



369 – Pantanal. Um bando de cabeças-secas.
Fotos Dr. B. Rondon



370 – Pantanal cheio. Os cabeças-secas costumam pousar junto aos terceiros das fazendas.



371 – Pássaros quero-quero.
Fotos Dr. B. Rondon



372 – Fazenda São João. Palmeira uacuri.



373 – Um alto durante as caçadas de onça no pantanal do rio Paraguai.

Fotos Dr. B. Rondon



374 – Pantanal São João. Repouso de caçadores, sob um biuaeiro (biguazeiro), árvore na qual pousam bandos de biguás.



375 – Corixa figueiro, porto Jofre.



376 – Corixa e passarada. Pantanal da Fazenda de São João.



377 – Na estação chuvosa, o Pantanal, em largos trechos, fica alagado.



378 – Nesse tempo, os jacarés procuram os esconderijos secos.
Foto Dr. B. Rondon



379 – Sucuri, encontrada na Fazenda São João, no Pantanal.
Foto Dr. João Costa Marques



380 – Caçada na Fazenda São João (onça parda).



381 – Pescaria de dourados, barbados e pintados.
Fazenda São João.



382 – Os cachorros onceiros, postos no rastro da fera, internam-se na mata, para atacar o terrível felino.



383 – A onça trepa imediatametne à primeira árvore, que lhe serve de abrigo, quando não acua no chão.



384 – Transporte da onça canguçu.



385 – Grupo de caçadores com zagaias. Onça malha larga.



386 – Índia bororo do Pirigara, porto de Borereu em 1918.



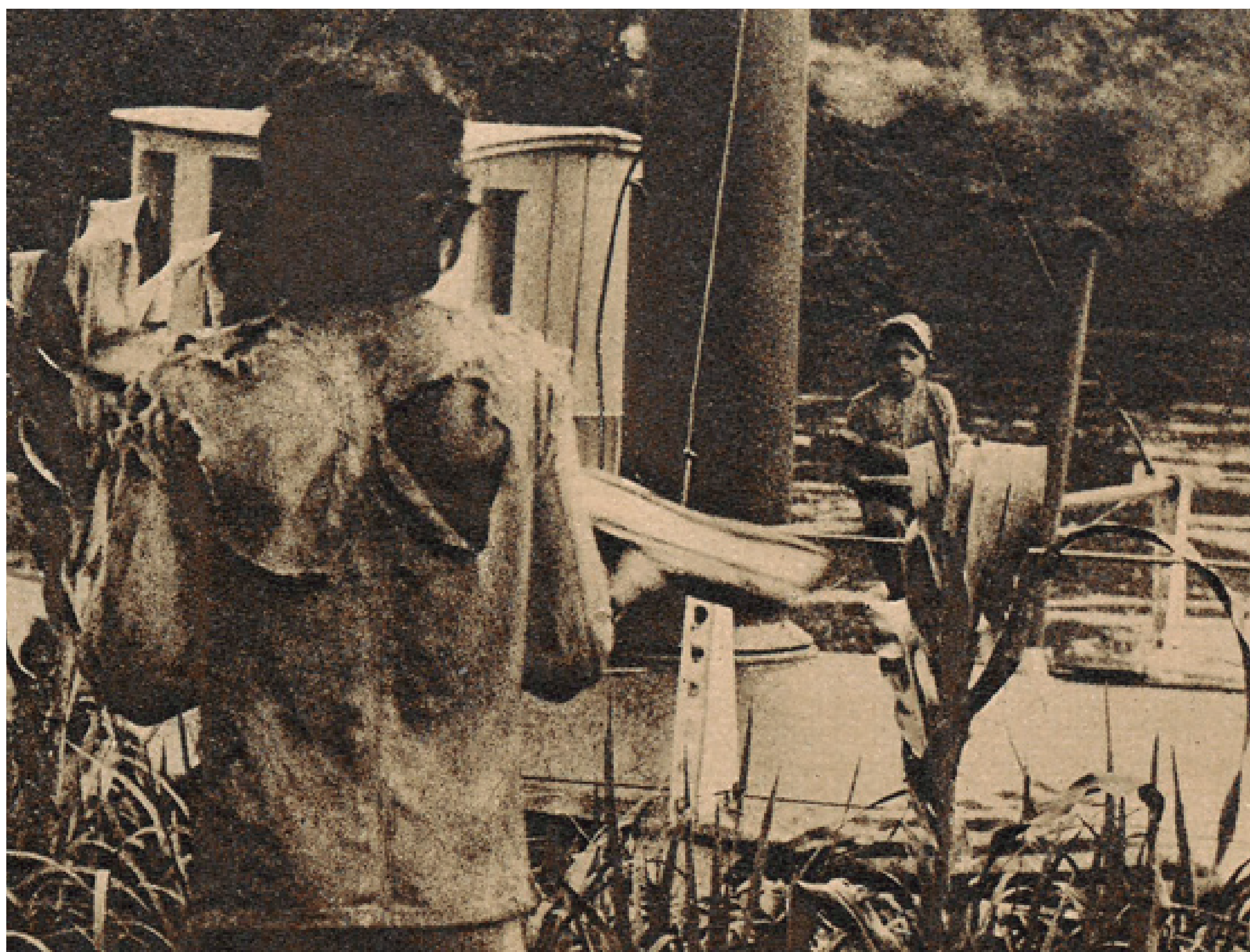
387 – As corixas são atravessadas em canoas.
Fotos Dr. B. Rondon



388 – Índios bororos. Rio São Lourenço.
Cine major Tomás Reis



389 – Bororo atravessando o rio São Lourenço em canoa.



390 – Índio bororo, a bordo da lancha Rosa Bororo, *ajudando a carregar lenha para a lancha.*



391 – Também as mulheres ajudam.



392 – O boemegera Antônio Rondon do rio das Garças, chefiando um dos grupos da mesma tribo no São Lourenço, usando com arrogância o fardamento de coronel que lhe oferecera o gal. Rondon.



393 – Córrego Grande. Em regozijo, os índios formaram todos fardados sob o comando do chefe Antônio.
Cine major Tomás Reis



394 – Índias bororo socando milho.
Cine major Thomas Reis



395 – Mulheres bororo ocupadas como mesmo trabalho.



396 – Cana-de-açúcar, plantada e colhida por índios bororos do Rio São Lourenço.



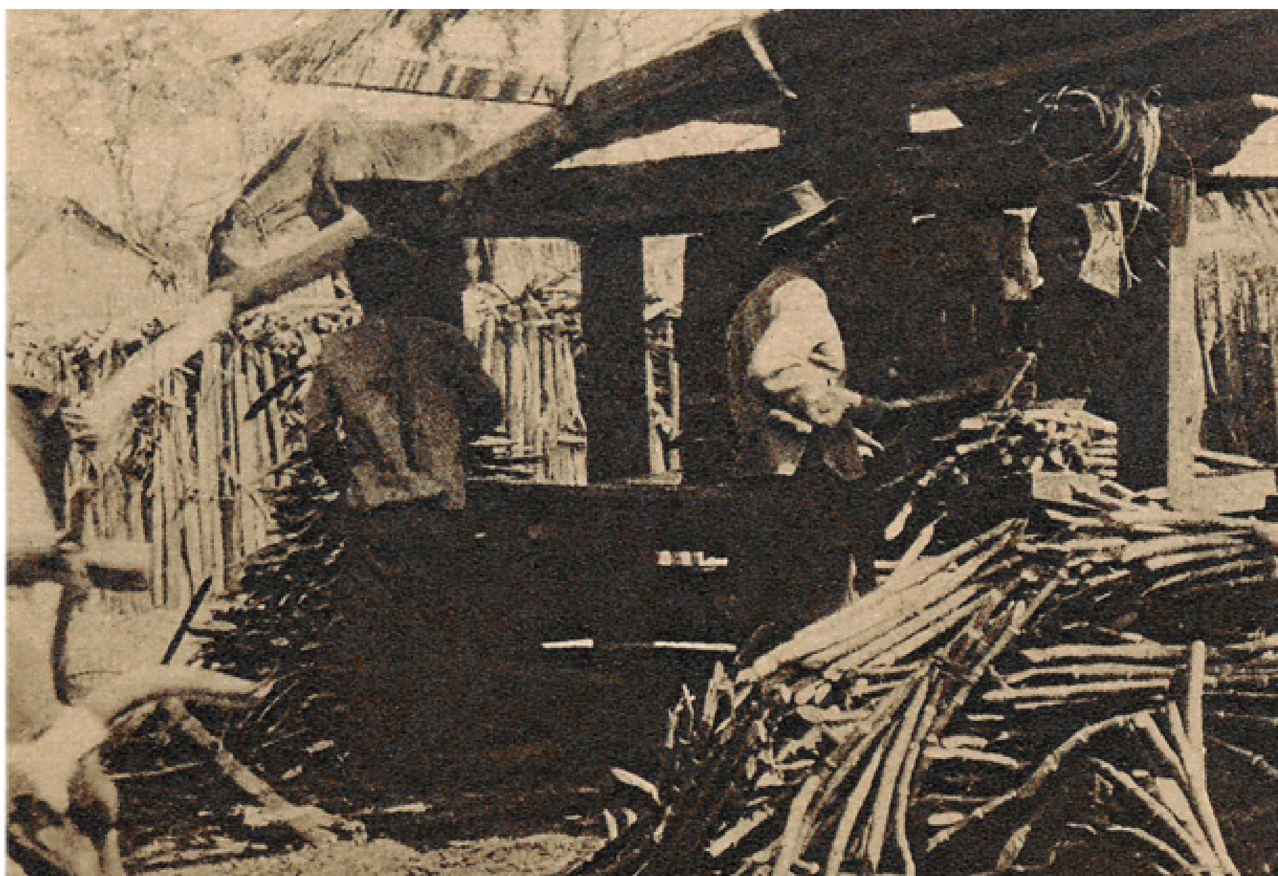
397 – Transporte da safra.
Cine major Tomás Reis



398 – Índios bororos. Rio São Lourenço.



399 – Bororo carregando cana-de-açúcar.





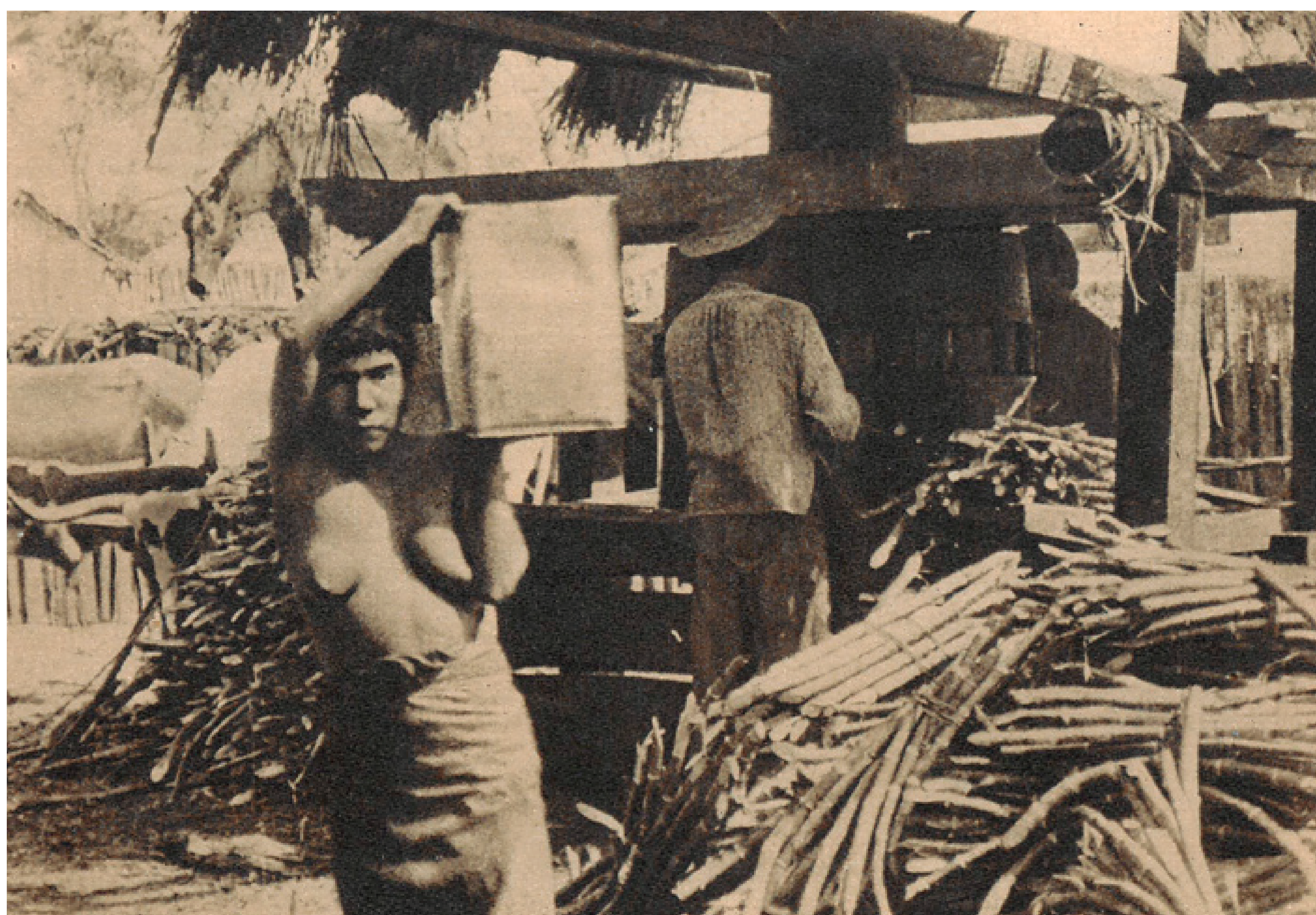
400 e 401 – Esta usina de açúcar dos índios bororos na colônia de São Lourenço, de 1917, não era muito moderna, mas satisfazia aos seus fins.

Cine major Tomás Reis





402 e 403 – Usina de açúcar, colônia de São Lourenço.





404 e 405 – Índias bororos trabalhando na usina de açúcar.
Cine major Tomás Reis





406 e 407 – Pescador bororo. Rio São Lourenço.
Cine major Tomás Reis



408 – Depois das grandes cheias dos rios, toda tribo celebra a Jure, festa da alegria, começando por frequentes pescarias.



409 – Ao amanhecer realizam-se essas pescarias a rede, as quais duram alguns dias.
Cine major Tomás Reis



410 – Os índios dirigem-se para as baías em canoas e vedam com galhos as embocaduras e os canais.



411 – Isolada, assim, a lagoa, eles batem o cipó timbó, que deixa n'água um narcótico particular.

Cine major Tomás Reis



412 – Atordoados e embriagados pelo timbó, os peixes deixam-se facilmente apanhar.



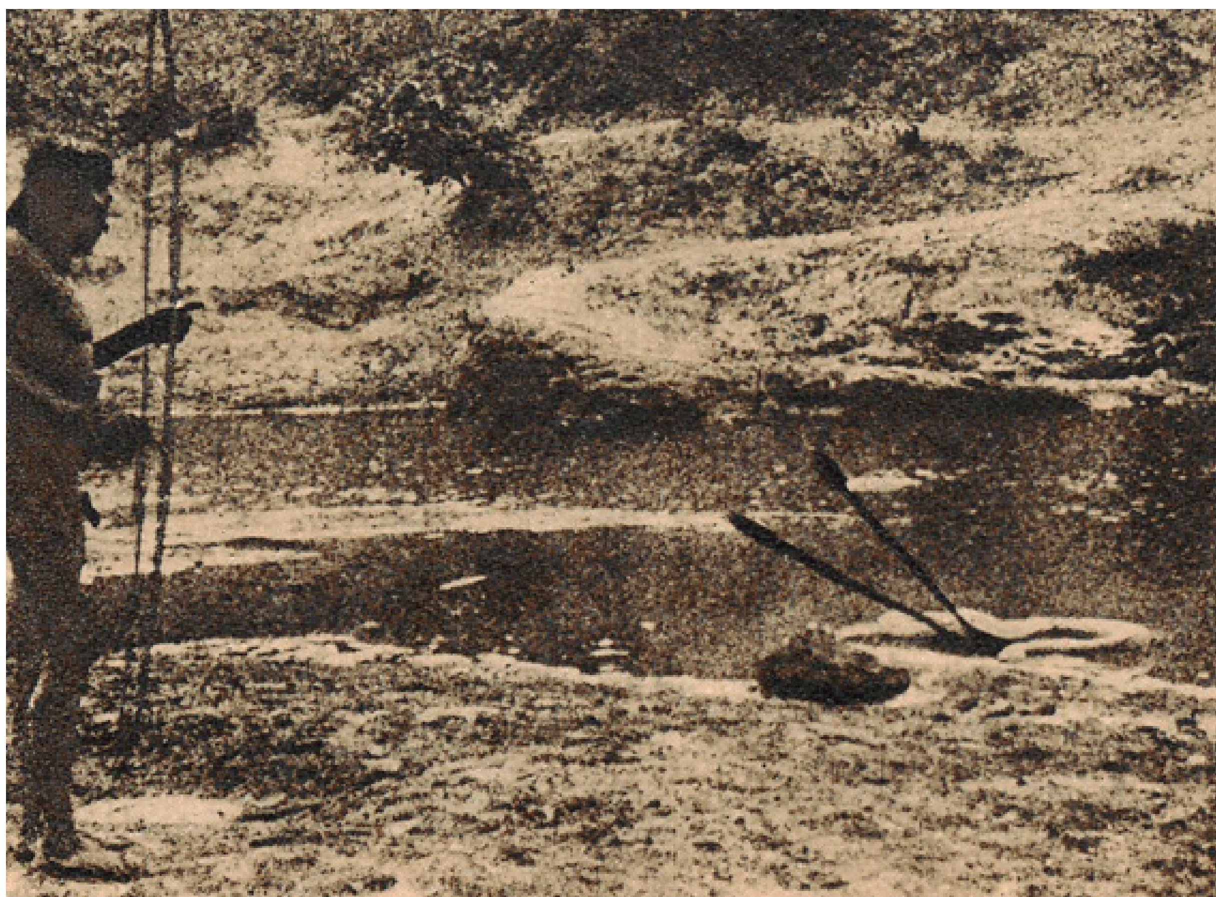
413 – Cena da pescaria.
Cine major Tomás Reis



414 – A sucuri também não escapa, embora seja a maior cobra do Pantanal e que vive na água.
Colhida pelas redes, a sucuri é arrastada para a praia.



415 – Uma sucuri envenenada pelo timbó.
Cine major Tomás Reis.



416 – Outras vezes é flechada à beira do rio, onde costuma dormir, depois de um abundante repasto.



417 – A grande rede de pesca chama-se buque.
Cine major Tomás Reis.





418 e 419 – É costume morder os peixes que resistem à captura.
Cine major Tomás Reis.





420 e 421 – Pescaria bororo.
Rio São Lourenço.
Cine major Tomás Reis.



422 – Todos da tribo trabalham para essas festas, as mulheres fazendo utensílios de barro e de palha.



423 – Uma esteira nova de palha em confecção.
Cine major Tomás Reis



424 – Os homens manufaturam tecidos para cintas, melhores que os feitos a máquinas.



425 – Índio lambendo a fibra de tucum para ficar flexível.
Cine major Tomás Reis



426 – Mostrando o desfibrilamento.



427 – Fase final do desfibrilamento.
Cine major Tomás Reis



428 e 429 – Bororo alisando a fibra de tucum.
Cine major Tomás Reis



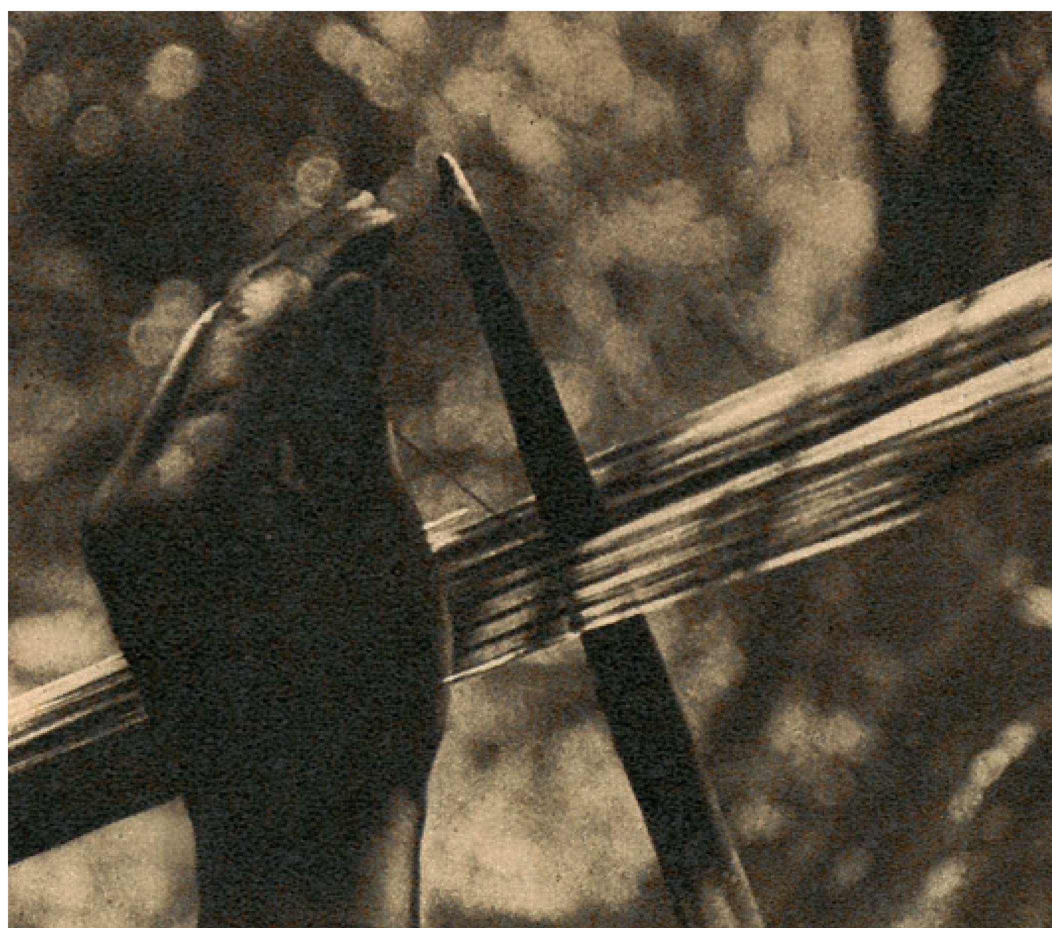


430 – Mulheres bororo da aldeia Colônia de São Lourenço.
Cine major Tomás Reis.



431 – Índio bororo tecendo uma faixa de algodão. O aquigo epa *é um tear muito primitivo.*
Pintura professor José Boscagli





432 e 433 – O método de entrelaçar o fio, mediante compressão contra a teia já tecida, com a ivoga.
Cine major Tomás Reis



434 – À tarde voltam do mato com feixes de palha de uauaçu, e principiam a cercar completamente uma grande área, do lado da sombra do baíto*, com estas palhas.*



435 – Esses cercados de palha têm por fim esconder as danças, na sua primeira fase, das vistas das mulheres, que nessa hora se conservam ocultas em suas casas.
Cine major Tomás Reis





436 e 437 – Um dos capitães *empunha os* bápus *e principia a sacudi-los devagarinho, num compasso muito lento, enquanto os homens, todo enfeitados, entram em forma, uns atrás dos outros, conservando os braços abertos, caminhando a passos curtos.*
Cine major Tomás Reis



438 – Outro índio sopra em uma cabaça, cujo som pode comparar-se ao mugido de um touro. Os sons são intermitentes, enquanto os bápus *continuam, em compasso binário.*



439 – Um exercício que faz levantar muita poeira.
Cine major Tomás Reis



440 – Os homens acompanham, então, a cadência, ora sapateando, para um e outro lado, ora saltando para frente, todos duma vez, sempre em círculo.



441 – Sem descanso continua o ritmo.
Cine major Tomás Reis



442 e 443 – Todos os índios enfeitados e pintados erguem-se e obedecem ao ritmo dos compassos e marcações feitos pelo chefe de maior prestígio.
Cine major Tomás Reis







444 e 445 – Cenas da festa Jure dos bororos.
Cine major Tomás Reis





446 e 447 – Cenas da festa Jure.
Cine major Tomás Reis





448 e 449 – Um banho frio é o último ato do divertimento original dos bororos.
Cine major Tomás Reis



450 – O bare *da tribo bororo. Vê-se, bem o enfeite do lábio* boe-ennogodau *e o colar de unhas de tatu-canastra* Bocodori nogui.
Cine major Tomás Reis



451 – Com fortes gesticulações do corpo, uma mímica impressionante e gritos altíssimos acompanha este homem todas as cerimônias dramáticas.
Cine major Tomás Reis



452 – Índios bororos consternados junto ao morto, numa fase ds solenidades do seu ritual.
Cine major Tomás Reis



453 – Evocando a proteção dos altos espíritos do bem para a alma do morto.
Cine major Tomás Reis



454 – Cerimônias fúnebres dos bororos.
Cine major Tomás Reis



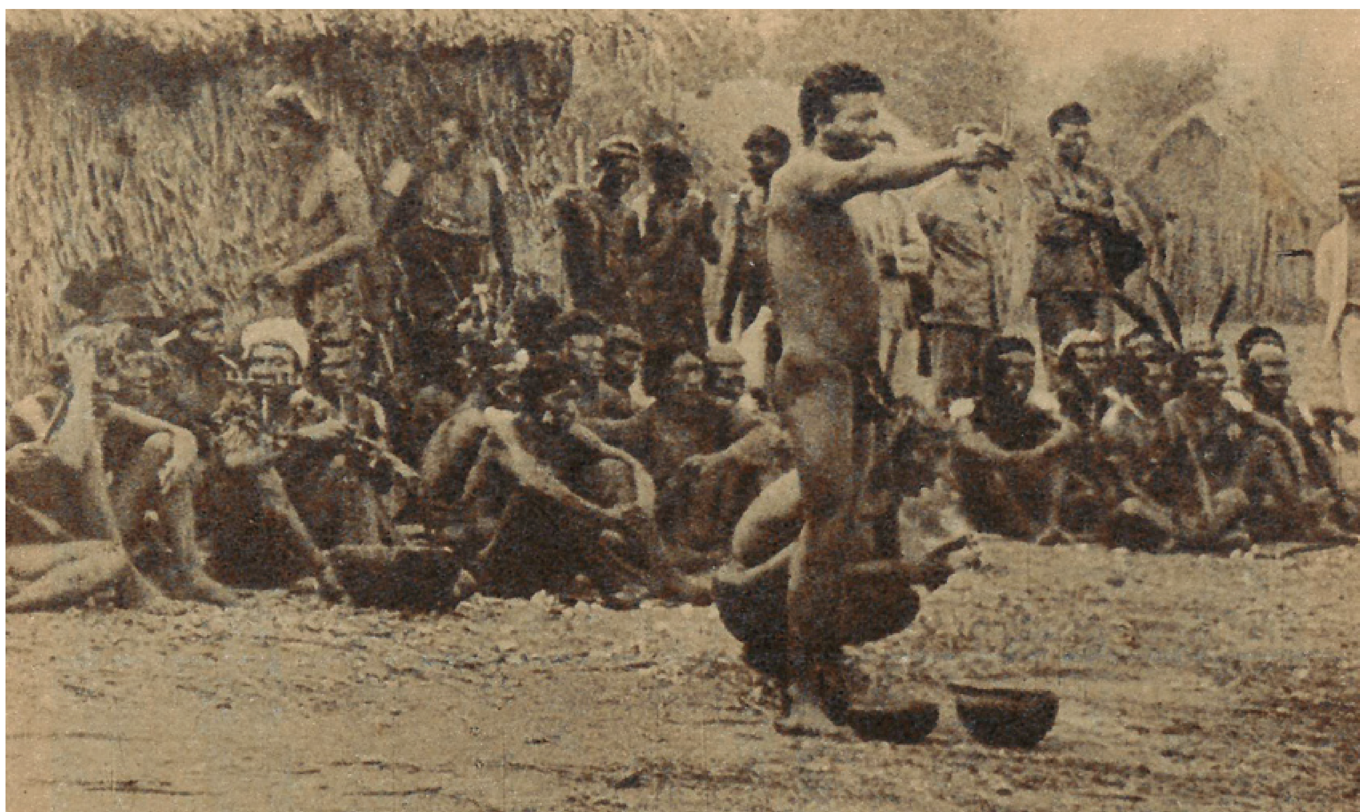
455 – Os objetos pessoais do falecido: ornamentos, armas, cabaças, cestos, etc., são colocados em cima do morto, para serem queimados ao término dos ritos fúnebres.



456 – As cerimônias fúnebres são notáveis, pela variedade de danças e práticas simbólicas.



457 – Cerimônia para afugentar o espírito mau.
Cine major Tomás Reis



458 – Todos se reúnem no baíto*, a casa das cerimônias, as mulheres, seus filhos e menores de ambos os sexos.*

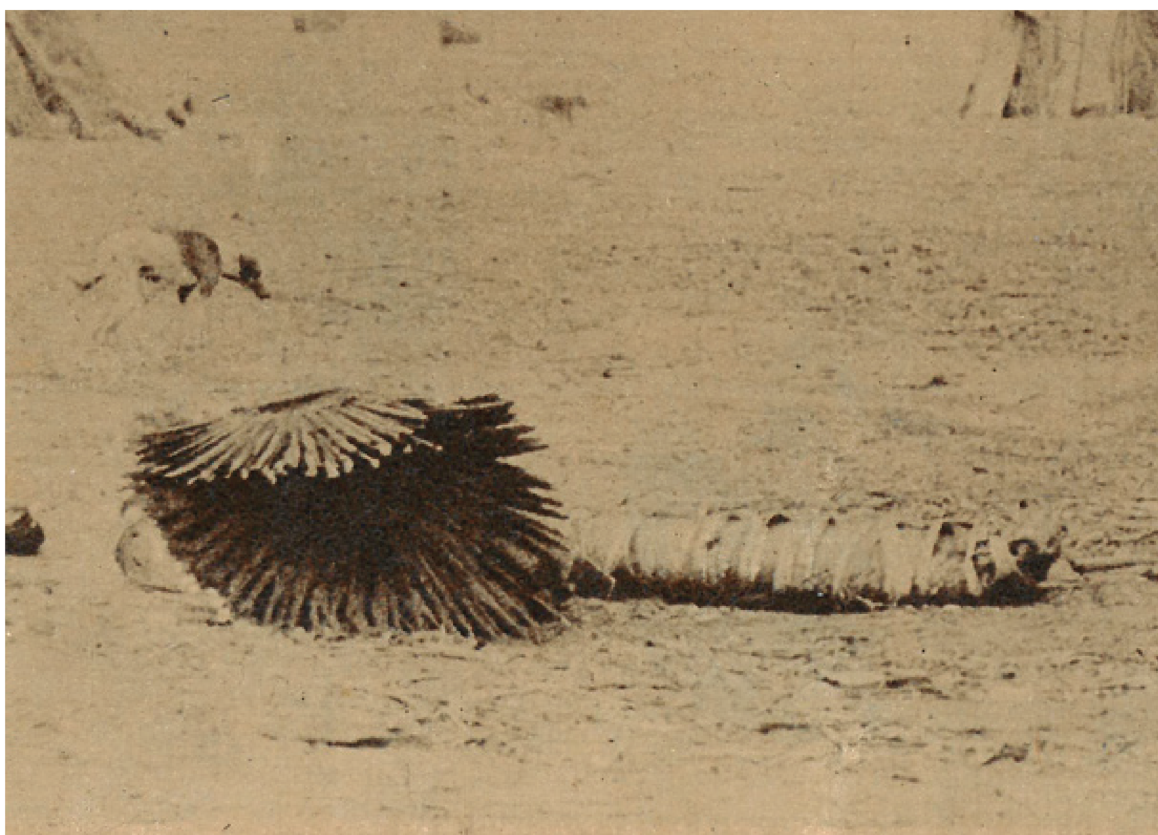


459 – À hora marcada pelo bare*, eles, aos gritos, saem do* baíto *e se reúnem dentro do cercado de palha.*
Cine major Tomás Reis



460 – Os que não querem tomar parte nas danças, procuram a sombra e sentam-se, então, sobre esteiras de palha.

Cine major Tomás Reis



461 – É interdito aos brancos ou pessoas civilizadas verem um índio moribundo, nos seus últimos momentos. Ele acaba os seus dias no mistério dos ritos e só de envolta com palhas é que é conduzido para fora e exposto no átrio do baíto.





462 e 463 – Durante oito dias, começando sempre ao pôr do sol, os bororos veneram solenemente o espírito do morto, com símbolos relacionados aos atos de sua vida primitiva.

Cine major Tomás Reis





464 e 465 – Cerimônia fúnebre.
Cine major Tomás Reis





466 e 467 – O defunto é enterrado bem no meio do local onde costumam dançar, e todas as manhãs o tiram da sepultura para molhar, a fim de acelerar a decomposição dos tecidos.

Cine major Tomás Reis





468 e 469 – Últimas cenas do sepultamento temporário.
Cine major Tomás Reis



470 – O Bacororo *é uma das entidades mais veneradas no sistema religioso dos bororos.*



471 – Cena do rito Marido *dos índios bororos com rolos de iquê, jogo tradicional, que não é acompanhado pela tristeza dos demais cultos fúnebres.*

Cine major Tomás Reis





472 e 473 – Cenas do rito Marido*, dos bororos.*
Cine major Tomás Reis



474 – A comida é abundante e não obedece a horário algum, para ser servida. O repasto, ao ar livre, compõe-se de caldo de peixe, peixe cozido sem sal, peixe assado e, finalmente, caldo de cana azedo.



475 – O rito prescreve que sempre as mulheres do mesmo clã do morto têm de oferecer a comida aos convidados de outros clãs.

Cine major Tomás Reis





476 e 477 – Outras cenas da refeição.
Cine major Tomás Reis



478 – Os boemegeras *(chefes bororos). O terceiro índio, visto de lado direito, é um homem de luto com cabelos já crescidos, mas ainda cortados à moda da tribo.*



479 – Para a pintura do corpo os bororos usam tinta de urucum, misturada com graxa de peixe e de tatu-canastra, e grudam ao corpo resina e arminhos de pato.

Foto major Tomás Reis



480 – Índio, com o nome individual, Buturaguire (cigarra). Aroetorare da tribo, o que significa "evocador de almas", em grande gala com o parico especial de sua alta função.

Foto major Tomás Reis





481 e 482 – Cerimônias fúnebres dos bororos.
Cine major Tomás Reis



483 – A solenidade que fazem os bororos, para manifestar a sua simpatia por algum parente que morre, é o Toro*, festa em que todos se enfeitam de palhas de uauaçu.*



484 – A última festa fúnebre é o Aídje*, em que todos, pintados de formas diferentes, se dirigem para um mato próximo. Ali pintam de barro amarelo os quatro índios que devem descarnar o defunto.*

Cine major Tomás Reis



485 – Índios bororos pintando-se de barro.



486 – Cena da festa Aídje.





487 e 488 – Cenas da festa Aídje. *Os bororos representam os caçadores, a onça parda e a onça pintada.*
Cine major Tomás Reis





489 e 490 – Outras cenas da festa Aídje.
Cine major Tomás Reis





491 e 492 – Ainda cerimônias fúnebres dos bororos.
Cine major Tomás Reis





493 e 494 – Simulacro de episódios nas caçadas de onça.
Cine major Tomás Reis





495 e 496 – Passagens características para definir as artimanhas desses felinos.
Cine major Tomás Reis





497 e 498 – Representação da tragédia final das caçadas de onça.
Cine major Tomás Reis



499 – Índio bororo.



500 – Piududo (Beija-Flor). Bororo batizado pela esposa do presidente de Mato Grosso, Galdino Pimentel.



501 – Grupo de índias bororos. As duas mulheres com cabelos crescidos estão de luto. Os parentes mais próximos de um bororo falecido arrancam os cabelos e deixam-nos crescer muitos meses. Um dia, inesperadamente, cessam o luto, pegando a pessoa, cortam-lhe os cabelos horizontalmente na frente, à moda da tribo, e enfeitam-lhe a cabeça com urucum e penas multicores de seu uso para uma festa.



502 – Uma mãe bororo.
Foto Dr. Roquette Pinto



503 – Índios bororos no Posto S.P.I., antiga povoação de São Lourenço.



504 – Índios bororos construindo cercas de arame. Linhas telegráficas de São Lourenço a Coxim.



505 – Distribuição de brindes aos bororos pelo encarregado do Posto S.P.I.

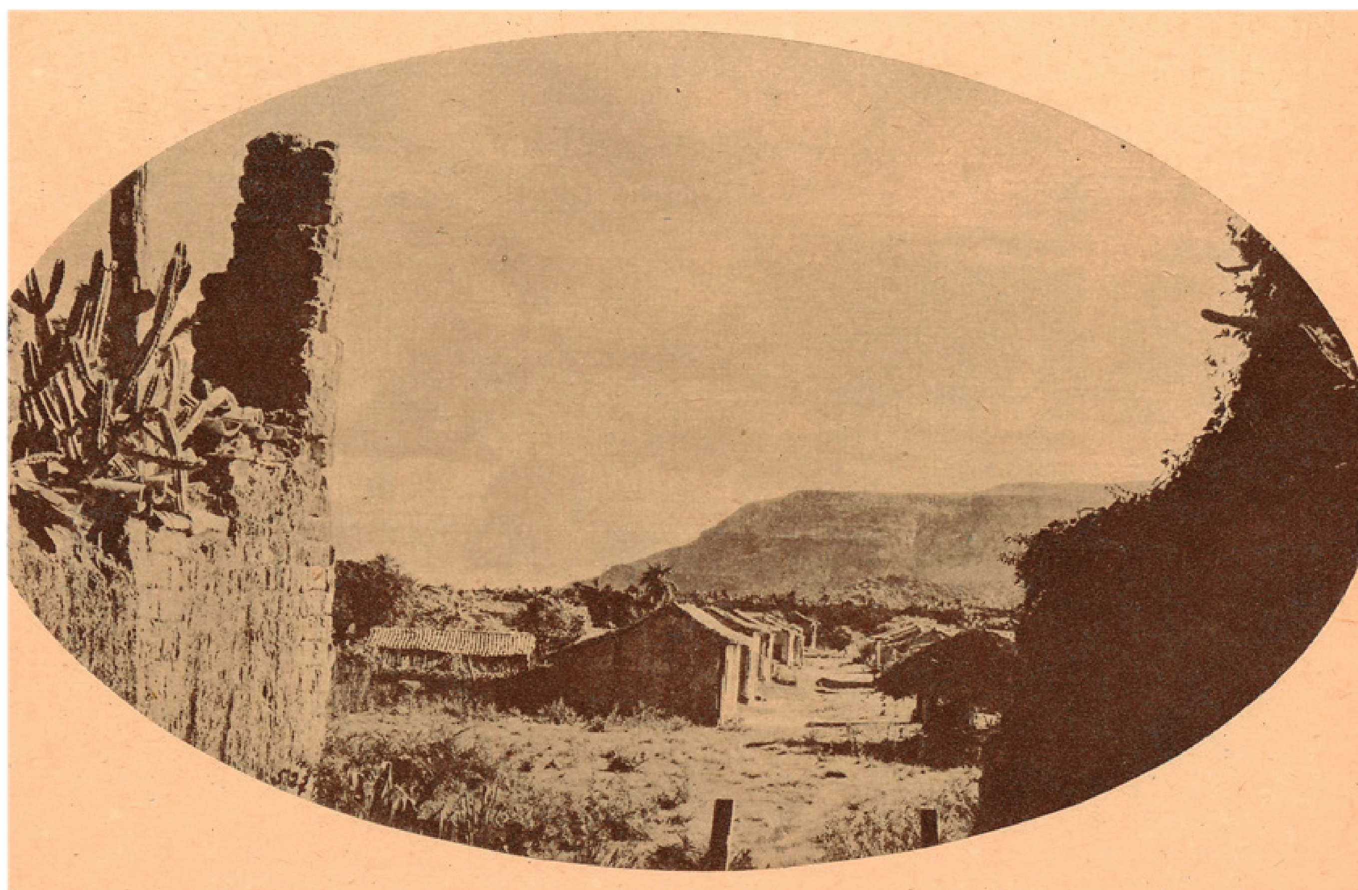
Fotos major Tomás Reis



506 – Subida para o morro Pão de Açúcar. Rio Paraguai.



507 – Fecho dos morros – Carandazal, subida, para o morro Pão de Açúcar. Rio Paraguai.
Fotos José Louro



508 – Vila Bela, ruínas da igreja de Santo Antônio.
Foto de B. Rondon



509 – Vila Bela – Os restos das paredes da antiga Casa da Fundição cobertos de trepadeiras.
Cine major Tomás Reis

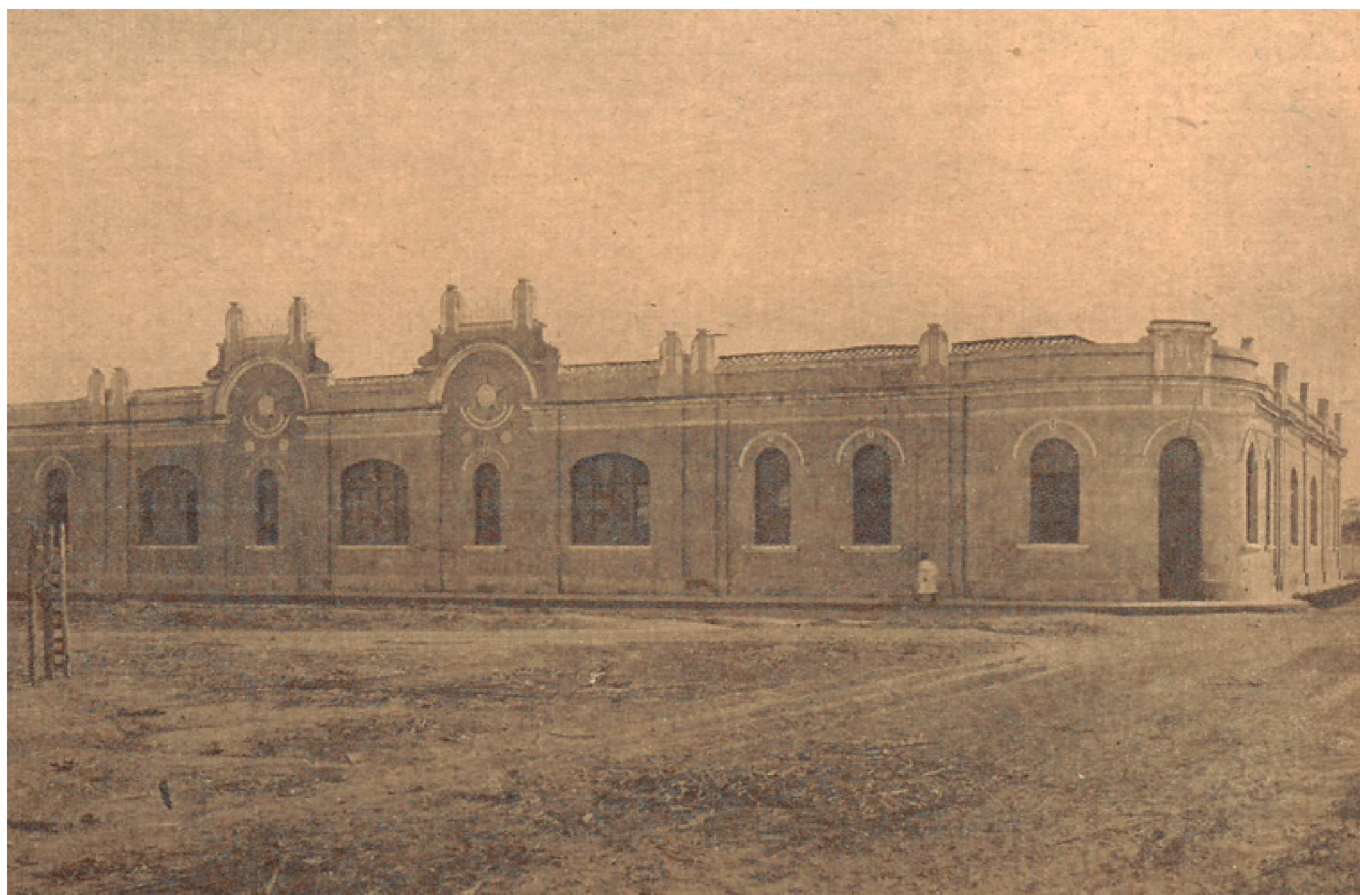


510 – ' Praça Pública em São Luís de Cáceres. Uma nova igreja em construção.



511 – Antigo marco colonial transportado pela Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, da barra do Rio Jauru no Paraguai para São Luís de Cáceres.

Fotos José Louro



512 – Estação atual de São Luís de Cáceres



513 – Alunos e professores de Grupo Escolar de São Luís de Cáceres.
Fotos José Louro



514 – A Brazil Land Cattle and Packing Company. Estabelecimento do Descalvado, rio Paraguai – abaixo de Cáceres.
Foto Brand



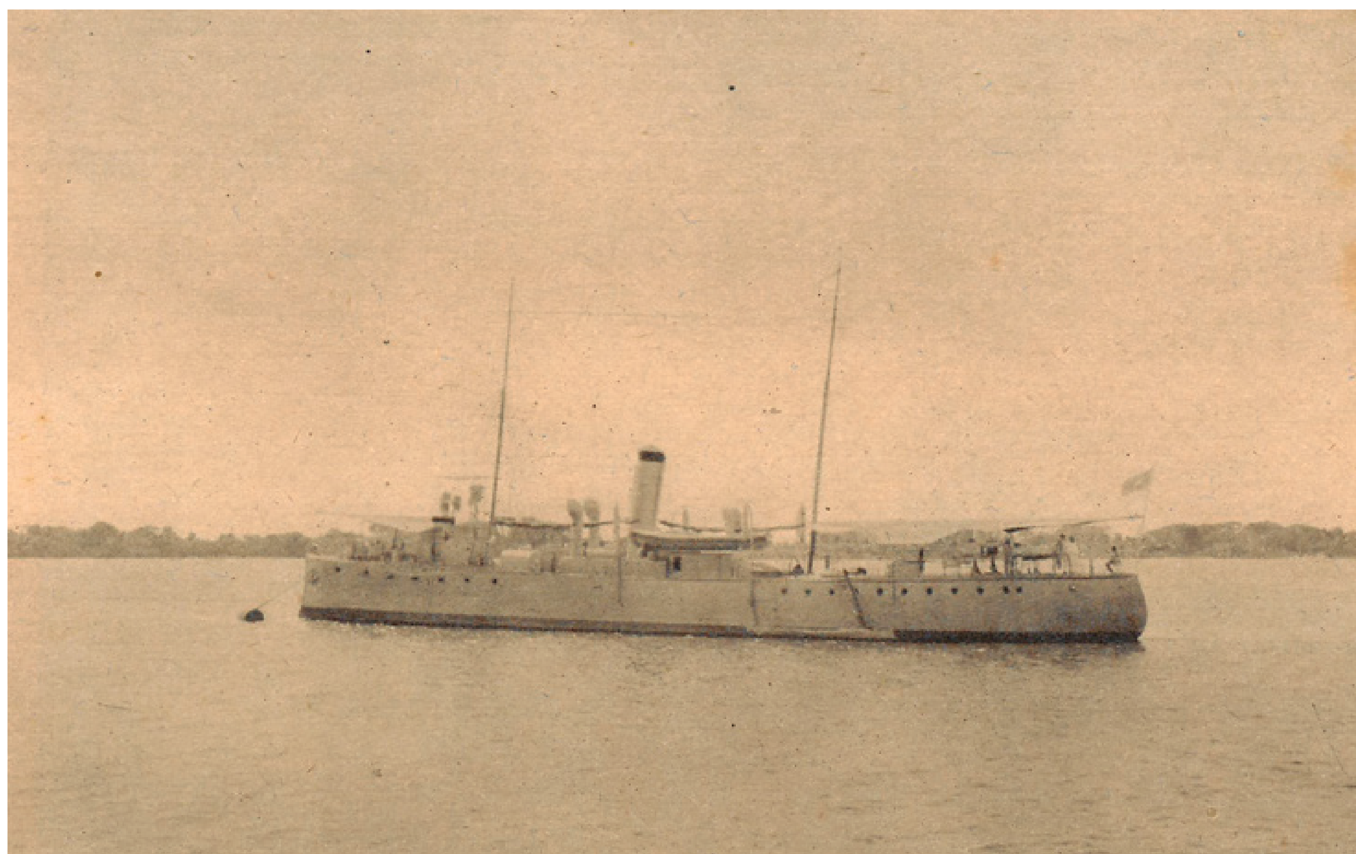
515 – Uma baía do rio Paraguai, porto de Castelo.
Foto Dr. B. Rondon



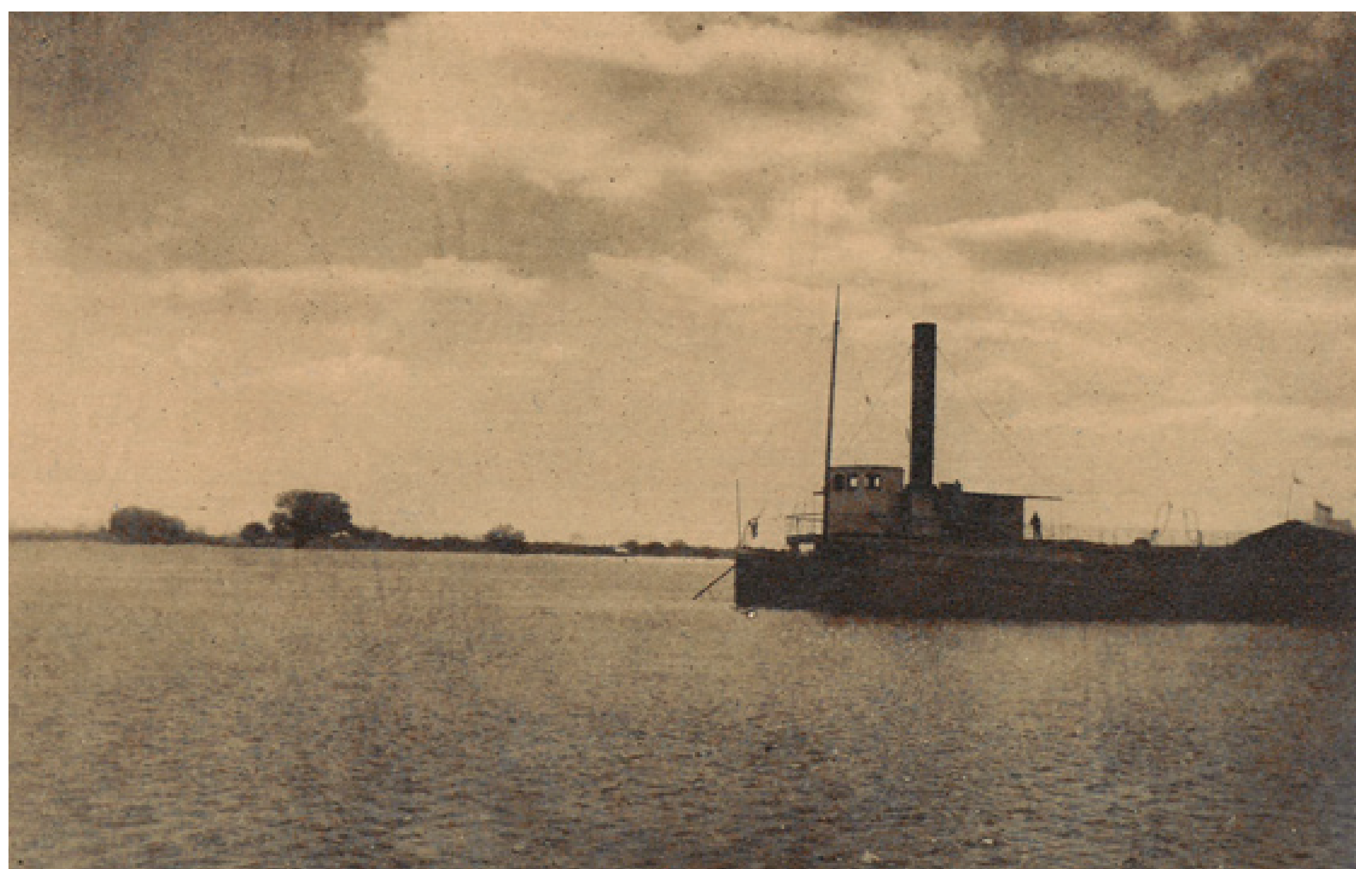
516 – Barra do Paraguai-Mirim.



517 – Canal que liga as baías Uberaba e Gaiva. Centenas e centenas de biguás pousam nas copas das árvores.
Foto Dr. B. Rondon



518 – Em Ladário, o nosso aviso de guerra Oiapoque. *Rio Paraguai.*



519 – Chata paraguaia de transporte no rio Paraguai.
Fotos Dr. B. Rondon



520 – Cidade de Corumbá, sobre o rio Paraguai, ponto de partida para o sertão.



521 – O Porto de Corumbá.
Fotos Dr. B. Rondon



522 – Aquidauana está à margem do rio do mesmo nome; passa-se em balsas para a outra margem do porto.



523 – Esta cozinha servia a todo o acampamento.
Fotos Brand



524 – Um alto no sopé da serra de Maracaju.



525 – Cena de uma corredeira. Serra Aquidauana.
Fotos Brand



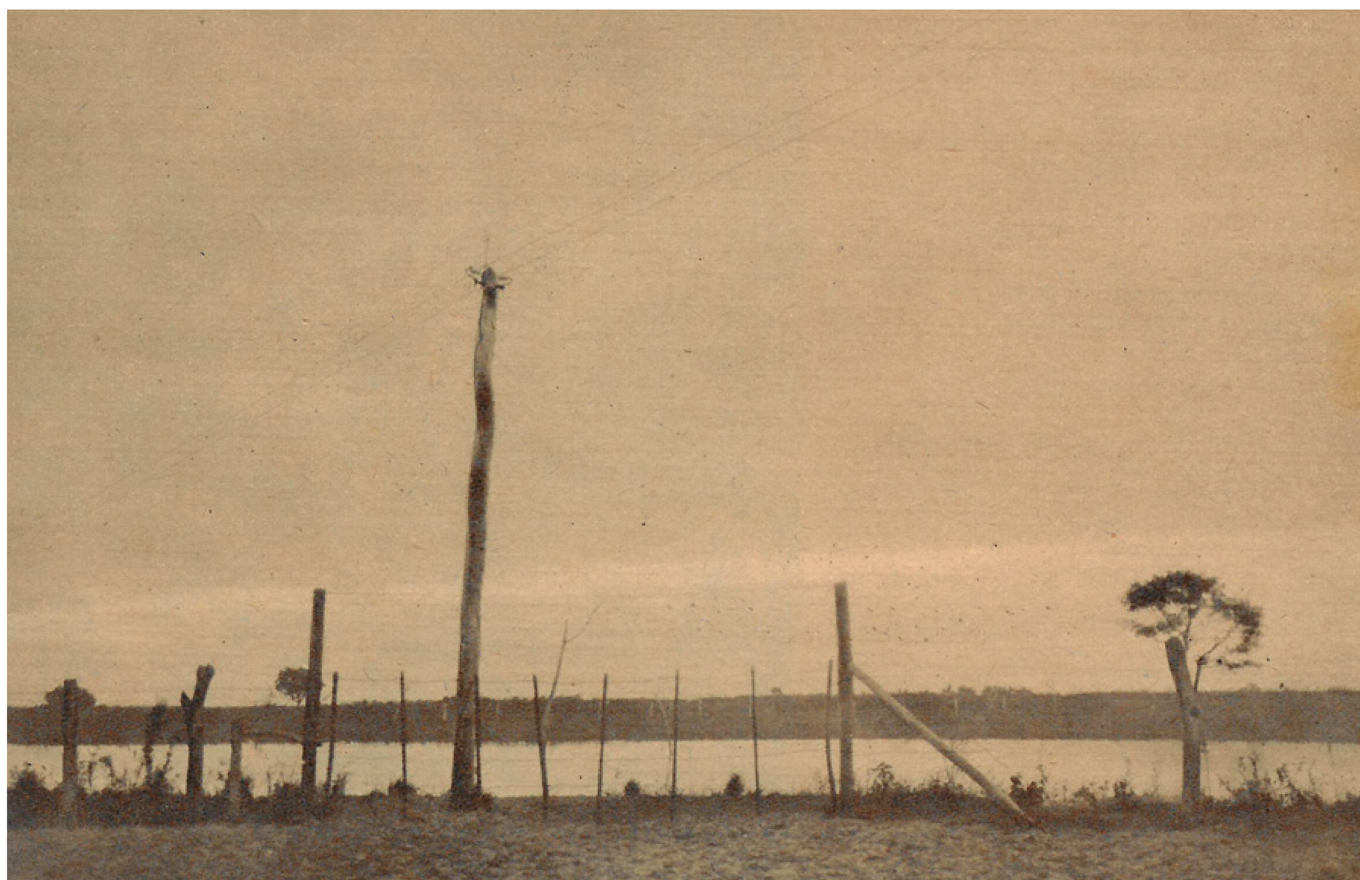
526 – Carro de boi, passando o rio Inhanduí.



527 – Rio Vacaria. Porto do Beltrão.
Fotos Dr. B. Rondon



528 – E. F. Noroeste do Brasil. Estação Carandazal.



529 – E. F. Noroeste do Brasil. Carandazal, reta Pantanal para Porto Esperança.
Fotos Dr. B. Rondon



530 – À margem do Córrego do Ouro. Um acidente durante o serviço de exploração. Rondon, Nicolau e Renato, este deitado depois de ter caído do animal em que vinha montado.



531 – Travessia do córrego do Acogo. Linha Aquiauana.
Fotos Brand

Tribos do sul de Mato Grosso



532 – A aldeia do Ipegue onde vivem índios terenas. Os índios costumavam reunir-se com dois capitães ao lado, para receberem a visita de Rondon.
Foto Brand



533 – Grupo de índios terenas. Estação Taunay. E. F. Noroeste do Brasil.
Foto Dr. B. Rondon



534 – Índios terenas e caiuás da turma de levantamento de postes. Construção da Linha Telegráfica de Ponta Porã.



535 – Índios terenas na contrução da Linha Telegráfica de Ponta Porã.

Fotos Dr. B. Rondon



536 – Grupo de índios terenas durante a medição de suas terras, ao sul de Mato Grosso.



537 – Índios terenas e caiuás na construção da linha telegráfica de Ponta Porã.

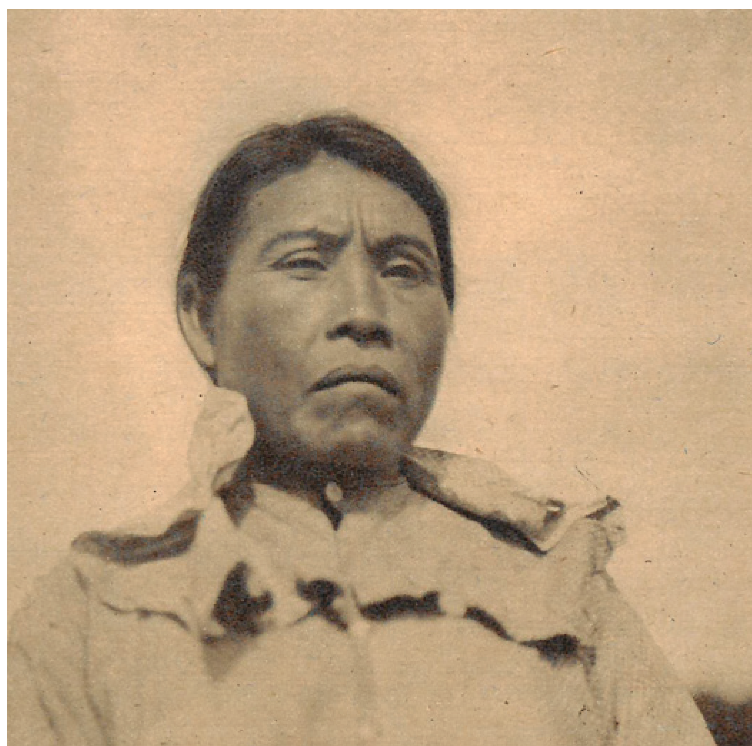


538 – Índias terenas imigradas para Porto Aroeira.



539 – Dois índios terenas dos que combateram na guerra do Paraguai, com uniformes de oficiais, em desuso.

Foto major Tomás Reis



540 – Velha terena. Estação Taunay.



541 – Índia terena com seu filho. Estação Taunay.
Fotos Dr. B. Rondon



542 – Velho terena. Estação Taunay. Sul de Mato Grosso.
Foto Dr. B. Rondon



543 – Posto Presidente Alves de Barros em 1920, restabelecido em 1941 no rio Nabileque.



544 – O gado dos índios no Posto Presidente Alves de Barros.

Fotos José Louro



545 – Índia cadiuveu 1930. Posto de Presidente Alves de Barros.



546 – Pé da mesma índia, interessante pelo enfeite.

Fotos José Louro



347 – Índia cadiuveu.



548 – Mãe cadiuveu com seu filho.
Fotos José Louro



549 – Moça cadiuveu, perfil



550 – e de frente.
Fotos José Louro



551 – Índia caiuá. Porto Café – Entre-Rios



552 – Uma velha caiuá. Porto Café – Entre-Rios.
Fotos Dr. B. Rondon



553 – Tapiri dos índios caiuás. Sul de Mato Grosso.



554 – Índios caiuás. Família do cap. Antoninho.
Fotos Dr. B. Rondon



555 – Teicuê, aldeia velha dos índios caiuás.



556 – Entre os índios caiuás. Posto Teicuê. Indústria do mate.

Fotos José Louro



557 – Serviço de Proteção aos Índios em Teicuê.



558 – A visita do gal. Rondon ao Posto Teicuê.



559 – O gal. Rondon em Teicuê visitando a cultura de Ilex.



560 – Indústria do mate dos caiuás.
Fotos José Louro



561 – Barracão de ervateiros da Cia. de Mate Laranjeiras em Porto Lindo – Rio Iguatemi – Gal. Rondon e ten. Lima Figueiredo, 1930.



562 – Comboios de bovinos da Cia. Mate Laranjeiras.
Fotos José Louro



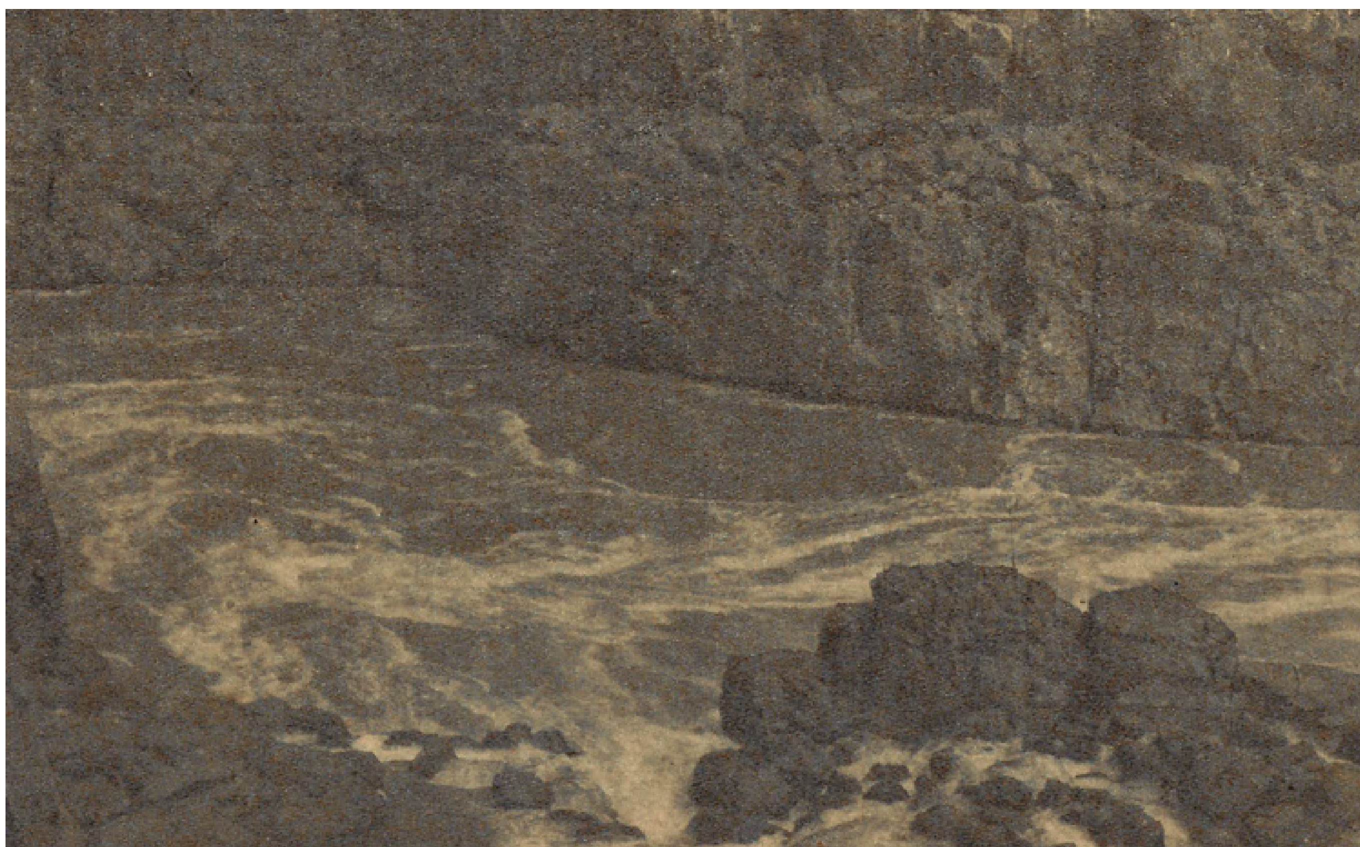
563 – Posto indígena Patrimônio da União, sul de Mato Grosso.



564 – Iguaçu. Salto Floriano.
Fotos Dr. B. Rondon



565 – Saltos Guaíra, vistos do Mirante. Rio Paraná.



566 – Rio Paraná
Fotos José Louro



567 – Saltos de Iguaçu. Salto Véu da Noiva.



568 – Saltos do Iguaçu. Lado esquerdo Salto Floriano, Brasil, lado direito, Garganta do Diabo, Argentina.



569 – Estrada Palmão Mange. Rio Chopin.



570 – Porto Santa Maria, rio Chopim.



571 – Barra Quaraí.



572 – Barra Quaraí.



573 – O cacique Vegmon – caingangue do Paraná – intérprete na pacificação dos caingangues de São Paulo.

Os caingangues

COLABORARAM COM O GENERAL RONDON nesta notável obra de pacificação os seguintes funcionários e militares:

Cap. Manuel Rabelo, agora ministro do Supremo Tribunal Militar e general de divisão do Exército.

Manuel Miranda, Cap. Cândido Sobrinho e Luís Bueno Horta Barbosa, já falecidos.

Oficial administrativo Humberto de Oliveira, atual subsecretário do Conselho Nacional de Proteção aos Índios, auxiliar de Rondon, a quem acompanhou, como seu assistente, nestes trabalhos de pacificação.

Do Relatório de 1911 do Serviço de Proteção aos Índios, instituição criada em 1910, no governo de Dr. Nilo Peçanha, sendo ministro da Agricultura o Sr. Rodolfo de Miranda, extraímos o seguinte tópico, que documenta a campanha admirável da pacificação dos caingangues:

"A Estrada de Ferro Noroeste do Brasil cortou, como é sabido, a região habitada pelos índios caingangues de S. Paulo, determinando assim o encontro de seus trabalhadores com esses índios. As relações que daí resultaram foram da mais franca hostilidade, de parte a parte. Os caingangues defendendo a todo o transe a terra em que sempre viveram, não viam nos trabalhadores daquela estrada senão inimigos e violadores do seu solo; os trabalhadores, por sua vez, desconhecendo as justas razões que assistiam aos índios para assim procederem, respondiam às suas agressões com ataques formidáveis, nos quais abusavam cruelmente da superioridade das armas, chegando ao ponto de efetuar massacres contra os seus quase inermes adversários.

"Esse estado de guerra contínua e implacável não somente deu lugar a perdas de vidas de ambos os lados, como criou ainda um ódio recíproco, que muito devia perturbar qualquer ação pacificadora.

"Foi sob esse ambiente de dificuldades e obstáculos que o Serviço de Proteção aos Índios teve de iniciar-se em S. Paulo, à vista de espectadores, próximos e remotos, que longe estavam de acreditar sequer na eficácia dos seus processos.

"Logo no mês de fevereiro teve a inspetoria conhecimento de um morticínio de selvagens, perfidamente executado por uma turma de trabalhadores capitaneada por um 'bugreiro' contumaz.

"Esse caso, que, aliás, podia, como tantos outros idênticos, ter ficado encoberto pelo silêncio, despertou certa celeuma na imprensa desta Capital e na de S. Paulo e, posto deste modo em desusada evidência, como que estava a desafiar a energia e a capacidade do serviço. Prontas medidas foram toma-

das no sentido de garantir tanto os índios como os trabalhadores e as obras da grande ferrovia Noroeste, evitando ao mesmo tempo as batidas que uns ou os assaltos que outros quisessem pôr em execução. Um contingente de 50 praças, sob o comando de um oficial, foi posto à disposição do inspetor, a fim de garantir o cumprimento de suas determinações, ficando a ordem logo assegurada.

"Em maio, de viagem para Mato Grosso, passou por S. Paulo o diretor do Serviço, coronel Rondon, que naquela capital, fez, com muito sucesso, uma conferência sobre as suas explorações no sertão e combinou com o respectivo inspetor o plano geral da atração e pacificação dos caingangues.

"Para dar começo ao projeto de pacificação formulado pelo próprio coronel Rondon, iniciara-se a abertura de um picadão, através da mata, em direção ao rio Feio. O coronel Rondon, ajudado pela sua longa e incontestável experiência, tinha aconselhado ao inspetor que seguisse rumo com uma turma de praças e três intérpretes caingangues, do Paraná, e que, desde que encontrasse vestígios de índios, assentasse acampamento. Irradiando daí em diversas direções, procuraria a turma descobrir os índios, falando os intérpretes, do cimo das grandes árvores, em altas vozes, para explicar os intuitos dos expedicionários, e tirando em buzinas os toques especiais dos caingangues, de modo que eles compreendessem claramente, e sem nenhuma dúvida, que se tratava de um apelo de paz sincera. Desde que os primeiros índios aceitassem a amizade oferecida, o acampamento da floresta transformar-se-ia em centro de convergência, que à missão pacificadora cumpria dilatar. Tais eram as linhas gerais do plano.

"Como início das operações, estabelecera o inspetor seu acampamento em Hector Legru, à margem da Estrada de Ferro Noroeste, de onde começou a abertura da picada. Depois de percorridos 2 quilômetros, sempre em busca do rio Feio, encontrou o ribeirão dos Patos e transferiu o acampamento para esse ponto, que se tornou desde então a sua base de operações.

"Tendo encetado os trabalhos em fins de junho, ao entrar o mês de outubro estava o inspetor acampado à margem direita do rio Feio, 30 quilômetros distante do Hector Legru. Desse ponto em diante, prosseguiu ainda a picada por 18 quilômetros na mata, encontrando-se então um rancho de índios, que fugiram ao se aproximarem os expedicionários. Foi isto a 28 de novembro de 1911. O inspetor recebeu nesse mesmo dia comunicação de sua dispensa do Serviço, em virtude de requisição do Ministério da Guerra; mas, na esperança de que os índios chegassem à fala, aí passou ainda esse e o dia seguinte, sem ter conseguido essa justa recompensa aos seus dedicados esforços. Convém assinalar aqui que, ao partir o inspetor de Hector Legru, em direção às terras dos caingangues, todos os moradores das margens da linha férrea duvidaram que ele se conservasse na mata a um quilômetro apenas de distância!

"Entretanto, logo aos primeiros dias de abertura da picada, começaram os expedicionários a perceber aproximação dos índios, quer durante as horas de sol, quer, às vezes, de noite. Quando os intérpretes sopravam buzina ou quando, no pouso, punha-se a tocar o gramofone, ouviam-se na mata vozes e ruídos que denunciam a presença de gente.

"A princípio, recusavam os caingangues os brindes que encontravam pelo caminho; mas à vista da insistência com que se procedia a esse respeito, foram pouco a pouco retirando aqueles de que mais se agradavam. Por fim, nos lugares de onde os recolhiam, deixavam sinais reveladores de suas disposições pacíficas.

"Certa vez chegaram a indicar, por meio do entrelaçamento de dois galhos, a direção do sol e a que eles tomavam no momento de passar pela picada que o Serviço abrira, dando assim a indicação do rumo que levavam com o que retribuíam idêntico procedimento do inspetor em relação a eles.

"Eram, portanto, as mais positivas provas de que não pretendiam esses índios hostilizar os expedicionários, o que, aliás, teriam inúmeras vezes praticado, se o quisessem, sem serem descobertos.

"Apesar de tudo isso, em pontos afastados do local em que diretamente se fazia sentir a ação da inspetoria davam-se ataques de trabalhadores a índios e vice-versa, o que claramente mostra que a maior responsabilidade de tais fatos cabe antes ao civilizado do que ao selvícola.

"Em fins de dezembro, não tendo sido ainda nomeado novo inspetor para S. Paulo, resolveu o então subdiretor da segunda subdiretoria examinar de perto as condições do Serviço naquele Estado.

"Chegando ao acampamento do ribeirão dos Patos, organizou uma expedição, tomou a picada do rio Feio e por ela seguiu, passando esse rio, até o rancho indígena descoberto a 28 de novembro.

"Alcançando esse ponto a 26 de dezembro, depois de quatro dias de marcha, propositadamente moroso, nenhuma agressão dos índios sofreu o subdiretor com o seu pessoal. Na volta, depois de 17 quilômetros de caminho, a 1 quilômetro, portanto, do rio Feio, foi a expedição subitamente assaltada, ficando ferido o índio Futoio, intérprete, e escapando de igual sorte o subdiretor, graças ao arção da sela sobre que montava, em cujo revestimento de metal bateu uma flecha que lhe era destinada. Proibiu esse funcionário qualquer represália e, ao mesmo tempo, ordenou aos intérpretes que explicassem a presença da expedição ali.

"Assim se fez, e, ao cabo de algum tempo de espera, uma voz forte respondeu de dentro da mata, em nome de todos, dizendo que não sabiam que os expedicionários eram aqueles amigos que há muito tempo andavam deixando pelas trilhas presentes aos índios; que, antes, os tomaram por inimigos. Pela primeira vez estabeleceu-se um diálogo entre civilizados e esses caingangues paulistas.

"O subdiretor, por intermédio dos intérpretes, pediu-lhes que aparecessem; e eles responderam negativamente: que estavam arrependidos do que haviam feito, mas não apareceriam porque os expedicionários deviam estar zangados com eles. O subdiretor mandou dizer-lhes que não estavam zangados e tinham muita vontade de vê-los, mas eles se excusaram ainda.

"Perguntaram aos da expedição se aquelas mostras de amizade eram mesmo sinceras e, obtendo resposta afirmativa, pediram que lhes deixassem no rio Feio, machados, foices e cobertores. O subdiretor deixou no rio Feio os objetos pedidos e, posto quisesse demorar aí à espera dos caingangues, não o pôde fazer, em atenção ao índio ferido da expedição, o qual necessitava de socorros de medicina, cuja urgência obrigou os expedicionários a uma marcha forçada de 31 quilômetros daí até o acampamento do ribeirão dos Patos.

"Pensa o subdiretor que os índios não o viram com o seu pessoal na viagem de ida; senão, ficariam logo, pelo hábito, sabendo que se tratava das pessoas que desde muito procuravam a amizade deles. Mas vendo-os só, na viagem de volta, não tinham nenhum motivo para tomá-los por amigos, e daí o ataque.

"Como grassasse muito a maleita no ribeirão dos Patos, determinou o subdiretor que se mudasse, provisoriamente, o acampamento para Miguel Calmon, lugar de maiores recursos, até que se organizasse o serviço sob a direção do respectivo chefe.

"Passada a estação doentia, resolveu o novo inspetor, nomeado em janeiro deste ano, restabelecer o acampamento do ribeirão dos Patos e, aí chegando, encontrou vestígios frescos da estada dos índios.

"Reencetados os trabalhos da inspetoria, havendo já no acampamento do ribeirão dos Patos o movimento preparatório de novas expedições, eis que, a 19 de março, vindos da banda do rio Feio, aparecem no alto da picada fronteira, 12 índios inteiramente nus e desarmados. Eram sete homens e cinco mulheres. Recebidos com muitos afagos e logo vestidos, mandou-se aviso ao inspetor, que encontrando-se, então, na capital de S. Paulo, imediatamente se transportou ao acampamento. Esses índios demoraram cinco dias no ribeirão dos Patos, mostrando-se todos, sem intermitência, ordeiros, afetuosos e agradecidos. Ao regressar à mata mostraram desejo de que os acompanhassem alguns funcionários da inspetoria, o que foi prontamente permitido. Seguiram com eles três auxiliares e quatro intérpretes caingangues paranaenses, sendo dois homens e duas mulheres. Chegados a certa distância, partiu na frente uma delegação de três índios, ao passo que os nove restantes acompanhavam o pessoal da inspetoria. Um pouco além do Feio, foram festivamente recebidos e hospedados por um grupo de mais de 100 caingangues entre homens, mulheres e crianças.

"Passaram aí dois dias os empregados do Serviço, os quais, na volta ao acampamento, trouxeram uma nova turma de 17 índios que desejavam passear.

"As relações continuam, desde então, com esse caráter de íntima camaradagem. Já foram eles, uma vez, até a estação de Hector Legru, onde chegaram justamente no momento em que parava um trem de Bauru, com muita gente, sem que isto lhes houvesse causado desgosto ou receio.

"Pediram os caingangues que se fizessem para eles, no rio Feio, casas semelhantes às do ribeirão dos Patos. Sendo a situação aí mais conveniente, não só porque os caingangues não querem deixar aquele rio, como porque isso facilita muito os encargos do Serviço, penso em transferir para esse ponto a fundação da povoação indígena decretada para Itaporanga. Já se estão, em todo o caso, construindo as casinhas pedidas.

"Quanto a Itaporanga, que, aliás, antes da construção da povoação indígena, requeria preliminarmente a de uma estrada de rodagem de dez léguas, com uma despesa que excederia muito às dotações orçamentárias do Serviço, ficará sendo um posto de concentração dos índios.

"Se, porém, for possível transferir esses índios, serão eles removidos para Araribá, a 5 quilômetros da estação de Jacutinga, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, onde, em terras devolutas do Estado, localizou a inspetoria um grande grupo de indivíduos da mesma nação, para os quais já tem plantados 40 alqueires de roças.

"Não terminarei esta exposição dos fatos de S. Paulo sem destacar bem este ponto importantíssimo: que o Serviço acabou com os ataques dos selvagens aos civilizados e destes àqueles, já havendo uma turma de trabalhadores recebido com muito agrado e liberdade um grupo de caingangues, que saíam da mata acompanhados do pessoal da inspetoria. E de tal modo implantou confiança e tranquilidade no seio desses índios, que já se penetra impunemente nos seus mais longínquos domínios. Um auxiliar da inspetoria, seguido apenas de três trabalhadores, atravessou a mata de Hector Legru à foz do Tibiriçá e daí, varando para nordeste, pela selva então vedada ao civilizado, até um ponto acima da estação de Glicério, na Estrada de Ferro Noroeste do Brasil.

"Uma tal conquista é tanto mais assinalável quanto é corrente a má nomeada dos caingangues e conhecida a oposição em certa época feita aos métodos do Serviço. A irredutibilidade daqueles foi propalada largamente e o insucesso deste ferrenhamente vaticinado."

Conselho Nacional de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1942.

Amílcar Armando Botelho de Magalhães.
Coronel secretário do C. N. P. I.

(Publicado no n.º2, de abril de 1943, da revista *América indígena.*)

Os botocudos

. . . .

Os botocudos

EM REDOR DE PALMAS, no Estado do Paraná, viviam desde longa data os botocudos, cuja hostilidade aos civilizados só cessou quando interveio ali a ação do Serviço de Proteção aos Índios.

Vou narrar um episódio da história da pacificação dos botocudos, para acentuar o perigo que ameaça o pessoal do S.P.I, mesmo depois de estabelecidas as relações amistosas entre ele e o gentio.

Os índios têm o caráter desconfiado e sempre se recordam das traições de que foram vítimas, em sucessivas gerações, por parte do civilizado, que tanto abusou de sua boa fé, de seu estado de atraso, para os ludibriar, para os espoliar e para os escravizar, usando de subterfúgios e de maquiavelismos de toda a espécie. Daí o incidente de que é o objeto este capítulo. Antes, porém, de entrarmos propriamente na prometida narração, devemos aqui relembrar que os índios do Paraná desde a zona do rio Iguaçu – afluente da margem esquerda do grande rio Paraná e célebre por conter as monumentais quedas do salto de Santa Maria – até Paranapanema – outro afluente mais a montante – repeliram, em sangrentas refregas, os invasores espanhóis, rechaçando-os sempre com os seus 100.000 guerreiros, sob o comando do valoroso Guairacá. Até hoje vibra de entusiasmo a alma brasileira, ao recordar tão famosos episódios deste valoroso chefe selvícola, cuja advertência a História registrou com orgulho e estupefação:

"Esta terra tem dono!"

Ainda recentemente, foi criada em S. Paulo a Legião Guairacá, cujo distintivo é um pequeno mapa do Brasil, em esmalte, para ser usado na lapela dos homens e como pregador pelas senhoras, tendo gravado aquele formoso grito do indômito cacique!

Mas, façamos ponto na digressão julgada oportuna e interessante, para copiarmos o tópico de um boletim do Serviço de Proteção aos Índios, datado de 31/VIII/42, que fala eloquentemente sobre a triste reminiscência que desejamos gravar nestas notas e assim está redigido."

"III – Navegação dos rios Araguaia e das Mortes."

"Lancha *Fioravante Esperança*."

"O volume II – n.º 1. Mês de abril de 1940, da *Revista do Serviço Público,* em artigo de colaboração sob o título: "O Problema da Civilização dos Índios", contém, entre outras, a seguinte narrativa:

"Os botocudos de Palmas, na região do Contestado, eram bem conhecidos pela audácia com que respondiam aos ataques de que eram vítimas e pela energia com que se opunham à penetração de suas terras. Entre outros, sofreu ataques seus a Comissão Militar Construtora de Estradas Estratégicas de Palmas. Em um deles, no acampamento de Pouso Bonito, mataram-lhe os índios nove pessoas, em 1906. Criado o S.P.I., em 1910, foi-lhe cometido, como urgente, o encargo de atrair (pacificar na lin-

guagem corrente) esses índios. Não vamos descrever as peripécias, verdadeiras operações militares de um gênero novo, em que o "inimigo" é procurado e cercado por todos os lados com brindes e agrados e se aproxima, muita vez depois de ter liquidado alguns dos seus importunos obsequiadores.

"Feita nessas condições a atração dos botocudos, passaram eles a frequentar diariamente o Posto do Rincão do Tigre, de onde as operações de sua atração se tinham irradiado. Ia tudo muito bem, vivendo índios empregados do S.P.I. na maior fraternidade. O encarregado do posto, Fioravante Esperança, era um gaúcho valente como as armas e devotadíssimo aos seus deveres – um verdadeiro Pai para os selvícolas. Mas um dia o posto foi visitado por dois fazendeiros, um dos quais, Cândido Mendes, tomara parte em anteriores ataques aos índios; estes muito fisionomistas, o reconheceram.

"Os visitantes chegaram à hora do almoço e tomaram parte na refeição que estava à mesa. Quem come junto é aliado e irmão – Canquê – na regra social dos botocudos. Portanto, os empregados do posto deviam ser como aquele fazendeiro, inimigos dos índios! E tudo que até então tinham esses empregados feito para agradar aos índios e beneficiá-los, deveria ser traição! Num momento resolveram liquidar o assunto. Ardilosamente desarmaram os visitantes, os quais, pelo que sabiam sobre a pacificação dos seus antigos desafetos, estavam inteiramente tranquilos e não se opuseram ao exame que os índios, com mostras de curiosidade, desejavam fazer nas suas armas.

"Em seguida caíram sobre os visitantes, massacrando-os e também aos empregados do porto. Fioravante, rudemente atacado, defendia-se das cacetadas com os braços robustíssimos, sempre de frente, procurando chamar os índios à razão. Foi recuando até o mastro da bandeira brasileira, que diariamente se hasteava no posto; e aí o seu cadáver foi encontrado mais tarde, tendo no cinto o seu revólver com todas as balas intactas. Caiu fiel à divisa do Serviço de Proteção aos Índios: "Morrer se necessário for; matar, nunca"! No seu último retrato ele figura tendo ao colo um indiozinho, e o seu desconforto e tristeza ao ver-se assim tão injustamente agredido pelos selvícolas a quem tanto se devotara, deve ter sido o mesmo de Júlio César ao ver Bruto entre os seus assaltantes.

"Desse massacre só se salvou o cozinheiro, que de começo assistiu da cozinha, afastado e apatetado pelo inesperado dos acontecimentos, a toda a horrível cena, e muito ágil, ao receber a primeira pancada, saltou para o mato e fugiu. Contra ele os índios atiçaram os cães, muito ensinados, que sempre os acompanhavam, ferocíssimos no cumprir as suas ordens de ataque.

"Ocupados em destruir o que ainda restava do porto, não o perseguiram, certos que as suas feras ensinadas despedaçariam o fugitivo. Mas o cozinheiro havia dado aos cães muito resto de comida e eles lembraram disso, perseguindo-o só na aparência. Foram mais lógicos e mais constantes que os homens! E, graças a isso, o cozinheiro salvou-se, para contar a tragédia e o martírio dos seus companheiros.

"Os fazendeiros sacrificados eram pessoas influentes na política, com numerosos parentes e aderentes, que juravam vingança. Os índios, completada a destruição, internaram-se na mata e se afastaram. O S.P.I., envolvido no mesmo rancor dos civilizados aos índios, viu-se entre dois fogos; de um lado os selvícolas tornados seus inimigos por supô-los irmãos dos civilizados, seus antigos perseguidores, e do outro lado, estes civilizados que pretendiam, por vingança, exterminar os selvícolas, o que Serviço de Proteção aos Índios não podia permitir. Colocados entre a flecha dos aborígines e as carabinas dos capangas alvoroçados, os serventuários do Serviço fizeram frente a ambos; aos civilizados discutindo, ensinando, demonstrando e, como última razão, opondo arma a arma; aos índios, indo novamente ao seu encontro, afrontando, como se deve imaginar, os maiores perigos no imo da mata; e, após longos meses de arriscadíssimas aproximações (não esquecer os cães), conseguindo pacificá-los de novo; mas afastando-os daqueles sítios de tão tristes recordações e tão perigosos. E os botocudos, embora nunca aludissem ao seu terrível engano, parece que houveram dele profundo arrependimento, tão pacíficos e confiantes depois se mostraram.

"Esta Diretoria, como justa homenagem ao heroico Fioravante Esperança resolveu dar o seu nome, para nós sempre aureolado de heroísmo e santidade, à lancha que está sendo construída em S. Paulo, para os transportes fluviais da Inspetoria de Goiás, nos rios Araguaia e das Mortes.

"A nova embarcação lembrará aos serventuários do S.P.I. esse perfeito tipo de servidor da causa indígena, cuja vida e devotamento constituem modelos de imitação para nós todos."

Conselho Nacional de Proteção aos Índios – Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1942.

Amílcar Armando Botelho de Magalhães
Coronel secretário do C. N. P.I

Índice

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGÍNAS	GRUPOS LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINA DAS GRA-VURAS
Anuzê	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Anuzê	Campos Novos Serra do Norte	60, 61, 68 e 69
Arara	Índios do Brasil	13, 14	Chapacura	Arara		Rio Ten. Marques de Sousa	----
Ariqueme	Região Ji-Paraná	128 e 129 131 e 132	Chapacura	Ariqueme		Rio Jamari	173 a 175
Ariti	Índios do Brasil Os Aritis Os nhambiquaras	12 79 a 81 20 e 21	Nu-Aruaque	Ariti		Sacuriú-iná, Saueruiná cabeceiras do rio Juruema.	90 a 175
Barbado	Região Ji-Paraná	131	Alófilo	Vê Umotina		Alto Paraguai	213 a 224
Boca negra	Região Ji-Paraná	130	Urupá	Boca Negra		Rio Preto	----
Bororo	Os Bororos	229 e 230	Bororo	Bororo		Rio São Lourenço, rio das Garças	242 a 301
Botocudo	Os botocudos	349	Jês	Botocudo		Estado do Paraná	----
Cabixi	Os Aritis Região Ji-Paraná	79 129, 130	Urupá	Cabixi		Rio São Miguel, Guaporé	202 e 203
Cadiuveu	----	----	Guaicuru	Guaicuru	Cadiuveu	Rio Paraguai, rio Nabileque	
Caingangue	Os caingangues	341 a 344	Jês	Caingangue		E.F.N.B. Estado de São Paulo	338
Caiuá	----	----	Guarani	Guarani	Caiuá	Rio Ivinheima e rio Dourado	327 a 329
Canoê	Região Ji-Paraná	130 e 131	Alófilo	Canoê		Vale do rio Apidiá	210
Capichanã	Região Ji-Paraná	130	alófilo	Capichanã		Cabeceira do Apiaiá	----
Caripuna	Região Ji-Paraná	128 e 129	Pano	Caripuna		Alto Madeira e Jaci-Paraná	180
Caritiana	Índios do Brasil	12	Alófilo	----	Caritiana	Rio Jamari	----
Caxiniti	Região Ji-Paraná Os aritis	128 79	Nu-Aruaque	Ariti	Caxiniti	Região Ponte de Pedra Rio Sacuriú-iná	121
Cozárini	Os aritis	79, 80 e 81	Nu-Aruaque	Ariti	Cozárini	Rio Cabaçal e Cab. do Juruena.	49, 107
Guató	----	----	Alófilo	Guató		Delta Paraguai-São Lourenço	224

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGÍNAS	GRUPOS LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINA DAS GRAVURAS
Ipoteuate	----	----	Tupi	Tupi	Ipoteuate	Alto Ji-Paraná	150 a 153
Ipurinã	----	----	Tupi	Ipurinã		Rio Maici	192
Iranche	----	----	Aruaque	Aruaque	Iranche	Rio Curuçu-Inazá. (Rio Cravari) afl. do Saueruiná.	123
Jaru	Região Ji-Paraná	127, 129, 131	Urupá	Jaru		Rio Jaru	169
Camaicorê	Os aritis	80	Nu-aruaque	Ariti	Camaiocorê	Antepassados dos aritis Viviam na m.e. do Juruena	----
Mamaindê	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Mamaindê	Rio Cabixi	23 a 33
Maçacá	Região Ji-Paraná	130, 131	Alófilo	Maçacá		Rio Apidiá Pimenta Bueno	205 a 209
Navaitê	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Navaitê	Cab. do rio Roosevelt (rio da Dúvida).	74
Nenê	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Nenê	Rio Juína Rio Juruena	34, 36-37, 51
Nhambiquara	Índios do Brasil Os nhambiquaras	12, 13, 17 a 21	Nhambiquara	Nhambiquara		Vale do Juruena	23 a 76
Oazané	Os aritis	80	Nu-aruaque	Ariti	Oazané	Antepassados dos aritis Viviam na m.e. do Juruema.	----
Pareci	Índios do Brasil	12	Nu-aruaque	Vê Ariti			90 a 123
Parintintim	Região Ji-Paraná	129	Tupi	Parintintim		Rio Maici	197 a 200
Parnauate	Índios do Brasil Região Ji-Paraná	12 127, 128	Tupi	Tupi	Parnauate	Ji-Paraná	144 a 150
Pirarrã	Índios do Brasil Região Ji-Paraná	12 129	Tupi	Tupi	Pirarrã	Baixo Maici	192 a 197
Quaiá	Região Ji-Paraná	131	Alófilo	Quaiá		Rio Apidiá	----
Quepiquiriuate	Índios do Brasil Região Ji-Paraná	12 128 a 130	Tupi-guarani	Quepiquiriuate		Cab. Ji-Paraná	139 a 143
Quiapure	Região Ji-Paraná	130 e 131	Alófilo	Quiapure		Cabeceira rio Verde, afl. do Corumbiara, e Cab. do Mequens, afl. do Guaporé	209

TRIBOS E GRUPOS INDÍGENAS	CAPÍTULOS	PÁGÍNAS	GRUPOS LINGUÍSTICO	TRIBO	GRUPO	REGIÃO	PÁGINA DAS GRAVURAS
Rama-Rama	----	----	Tupi	Tupi	Rama-Rama	Rio Marmelos	168
Salamãe	Região Ji-Paraná	130, 131	Alófilo	Salamãi	Salamãi será Salumá?	Médio Rio Apidiá	210
Salumá	Os Aritís	80	Nu-aruaque	Ariti	Salumá	Antepassados dos aritis Viviam na m.e. do Juruena	----
Tacuatepe	Índios do Brasil Região Ji-Paraná	12 129	Tupi	Tupi	Tacuatepe	Alto Ji-Paraná	134 a 159
Tagnani	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Tagnani	Zona da Est. José Bonifácio. Campos de 14 de Abril.	70, 71, 72
Tauitê	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Tauitê	Campos de 14 de Abril.	56 a 59
Terena	----	----	Aruaque	Chané	Terena	Rio Miranda. Sul de Mato Grosso. Rio Paraguai	317 a 322
Uaimaré	Os aritis	80, 81	Nu-aruaque	Ariti	Uaimaré	Saueruinás (rio Papagaio)	90 a 106 110 a 117 108
Uamandiri	----	----	Nhambiquara	Nhambiquara	Uamandiri	Rio Cabixi, afl. do Guaporé	33
Umotina	Índios do Brasil Região Ji-Paraná	12 131	Alófilo	Umutina		Cab. do rio Paraguai.	213 a 223
Urumi	Região Ji-Paraná	129	Tupi	Urumi		Serra da Providência, cabeceira do rio Tarumã, rio Ji-Paraná	160 a 165
Urupá	Índios do Brasil Região Ji-Paraná	12 128, 129	Urupá	Urupá		Rio Urupá	166 a 167

Abreviaturas:

Afl.	afluente
Cab.	cabeceira
m.d.	margem direita
m.e.	margem esquerda
E.F.N.B	Estrada de Ferro Noroeste do Brasil

GRAVURAS

ESTAÇÕES TELEGRÁFICAS, POSTOS DO S. P. I.

NOMES	POSTOS S. P. I.	ESTAÇÕES TELEGRÁFICAS	PÁGINAS DAS GRAVURAS
Afonso		Estação Telegráfica	119
Ariqueme		Estação Telegráfica	117
Barão de Capanema		Estação Telegráfica	118
Barão de Melgaço		Estação Telegráfica	74
Barra dos Bugres		Estação Telegráfica	225
Campos Novos	Antiga Invernada da C. L. T. E. M. - GR. AM.	Atual Est. Telegr. "Nhambiquara"	65, 66
Caritianas		Estação Telegráfica	177
José Bonifácio		Antiga Est. Telegráfica	59
Juína		Antigo Posto Telefônico e militar durante a construção da Linha Telegráfica.	35
Juruena		Antiga Est. Telegráfica hoje Major Amarante	51
Maici	Posto Parintintim		197
Parecis		Estação Telegráfica	118
Pimenta Bueno		Estação Telegráfica	138
Ponte de Pedra		Estação Telegráfica	89
Presidente Alves de Barros	Posto S. P. I.	Estação Telegráfica	323
Presidente Pena		Estação Telegráfica	137
Rodolfo Miranda	Antiga colônia indígena		139, 173
São Lourenço	Antiga Povoação, hoje Posto S. P. I.		301
Teicuê	Posto S. P. I.		329 a 331
Tenente Lira	Posto S. P. I.		204
Três Buritis	Fazenda, antiga Invernada	Atual Est. Telegr. José Bonifá-cio	63
Três de Maio	Antigo Posto S. P. I.		202
União (Patrimônio da União, sul)	Atual Posto S. P. I.		333
Utiariti	Antigo Núcleo indígena	Estação Telegráfica	109
Vilhena		Estação Telegráfica	120

ASPECTOS E EPISÓDIOS HISTÓRICOS DO SERTÃO

DIVERSOS

ÍNDICE DE TRAÇOS CULTURAIS

ALIMENTAÇÃO

ARTE, ARTEFATOS E OFÍCIOS INDÍGENAS

ARMAS, APARELHOS DE CAÇAS E PESCA.

CALIGRAFIA

CERÂMICA

CONSTRUÇÃO DE CASAS E CANOAS

DIVERSOS

ENFEITES INDÍGENAS OU ÍNDIOS COM ENFEITES
CARATERÍSTICOS VISÍVEIS ARITI

MÚSICA

TECELAGEM, FIAÇÃO E UTENSÍLIOS DE VIME

UTENSÍLIOS DIVERSOS

CERIMÔNIAS COM CARATER ESPORTIVO,
ESPORTES E GINÁSTICA

VOCABULÁRIO DAS PALAVRAS INDÍGENAS USADAS

TRIBO ARITI

Ana-u-iná	Rio Juruena. A tradução pelo gal. Rondon é: "Rio onde o cacique Ana costumava beber água" conforme uma lenda ariti.	47
Caianeteorê	O casamento.	80
Cavaloconotitá	O batizado.	80
Coluizorocê	Nome próprio de um chefe da tribo ariti.	—
Curuçu	Chumbo	
Jatoquê	Lenda da origem do homem	80
Sacuriu-iná	Rio Ponte de Pedra.	87 a 89
Saueruiná	Rio Papagaio	82, 84
Teiru	Lenda do milho	80
Timalatia	Rio Sacre. Timalati-zá significa rio do Sangue na língua ariti, é este nome dado por um erro ao primeiro rio do encontro.	85, 86
Uazacuririgaça	Nome próprio de um chefe da tribo airiti.	94
Ualalocê	Cantos, cerimônias fúnebres.	80
Ulalu	Lenda da mandioca.	80
Uatiá-uiná	Lugar em que se deu combate aos Nhambiquara.	
Utiariti	Significa: Gaviãozinho, sagrado para os aritis.	
Zaiacuti	Escudo de folhagens usados pelos aritis na caça.	106
Zatiamare	Nome próprio de um índio ariti.	117
Zicunati	Jogo de bola com a cabeça, dos aritis.	115
Zocozorezá	Rio Formiga	53
Zalaharuiná	Rio Buriti.	85
Zuiu-iná	Rio Juína, nome ariti e que se traduz, conforme o gal. Rondon: rio do Gavião de Cauda Branca".	34, 35, 36
Zutiá-haruiná	Rio do Sangue, que significa "Rio do Pacu preto, pequeno".	84
Zuzirô-uamolonê	Salto da mulher	86

ARIQUEME

Totó	Bebida fermentada dos ariquemes.	174

BORORO

Aídje	Última festa fúnebre dos bororos, sem que todos pintados de formas diferentes,	292 a 298

	se dirigem para um mato próximo. Ali pintam de barro amarelo os quatro índios que devem descarnar o defunto.	
BORORO		
Aquigo-epa	O tear primitivo deles	264, 265
Aroetorare	Evocador das almas.	289
Bacororo	É uma das entidades mais veneradas no sistema religioso e os índios consideram que depois da morte, o espírito vai habitar com Bocororo.	293
Baíto	Casa situada no meio da aldeia bororo onde se alojam os solteiros e realizam-se as cerimônias da tribo.	278
Bapu	Chocalho – Instrumento, que os celebrantes de cerimônias religiosas ou festivas fazem soar, acompanhando os cânticos. Consiste numa cabaça elipsoidal, com um cabo adaptado em uma das extremidades.	270
Bare	Sacerdote curandeiro ou feiticeiro entre os bororos	274
Bocodori-nogui	Colar de unhas de tatu-canastra.	274
Boe-ennogodau	Enfeite de lábio	274
Boemegera	Chefe bororo	288
Bope	Devindade que os índios bororos consideram entidade maléfica, atribuindo-lhe a disseminação de males e sofrimentos.	230
Búque	Grande rede de pesca. Também significa Tamanduá-bandeira.	257
Buturaguire	Nome próprio de um chefe bororo, que significa "cigarra" inseto hemíptero, que durante o tempo calmoso emite ruídos estridentes e monótonos.	289
Iquê	Rolos de palha de 60 quilos de peso usados no rito Marido, jogo tradicional, que não é acompanhado pela tristeza dos demais cultos fúnebres.	284
Ivoga	Utensílio, usado na tecelagem para dar a compressão do fio contra a teia.	265
Jure	Festa de alegria dos bororos.	267 a 273
Marido	Jogo tradicional com os rolos de Iquê.	284

Nonogo	Pintura do corpo com urucum.	230
Parico	Enfeite de penas para a cabeça.	288
Piududo	Nome individual de um índio. Significa beija-flor (Colibri).	299
Toro	Festa fúnebre dos bororos, solenidade com que manifestam a sua simpatia por algum parente que morre e na qual todos se enfeitam de palhas de uauaçu.	291
BOTOCUDO		
Canquê	Aliado	347
NHAMBIQUARA		
Baquité	Grande cesta pendurada pelos ombros e carregada às costas pelos Nhambiquaras. Grande.	43
TUPI		
Açú		
Ameraba	Nascido na América (tupi-guarani).	
Baepuate	Nome particular de uma aldeia dos Quepiquiriuáte.	
Beiju	Espécie de bolo de mandioca cozido sobre cinza quente, feito pelos índios.	58
Biguá	Ave palmípede.	307
Conguçu	Espécie de onça pintada. Acanga + açu	
Corixa	Canal, por onde se escoam as águas dos lagos por onde as águas dos lagos, brejos ou várzeas para o rio próximo.	
Maloca	Taba selvícola. A palavra vem de maroca.	
Mirim	Pequeno (tupi-guarani).	
Pagé	Sacerdote, curandeiro ou feiticeiro entre os indígenas.	
Tanga	Envoltório, com que os índios velam o corpo, desde o ventre às coxas.	
Tuchaua	Cacique na "língua geral" usada no norte do Brasil.	
Uauaçu	Palmeira. Significa fruta grande.	

GLOSSÁRIO: FAUNA, FLORA E DIVERSOS

AIPIM	Planta brasileira, mandioca doce.	
AMERÍNDIO	Índio da América.	
ANHINGA	(*Plus anhinga*) Ave palmípede	80
ANTA(	Topisete americanus) Tapir. Mamífero da ordem dos perissodáctilos.	183
BARBADO	Pixe silurídeo, de água doce. (*Perinampus perimnampus* e Spix) Também nome vulgar da tribo umotina, dado a eles pelos vizinhos.	239
BEIJO-FLOR	Colibri. Formosa ave brasileira da família dos troquilídeos, que absorve o néctar das flores.	
BIGUÁ	Ave palmípede do Brasil. (*Carbo vigua,* Vieill) da família dos cabonídeos.	307
BIGUAZEIRO	Arvore na qual repousam os biguás.	236
BRASILÍNDIO	Ameríndio do Brasil.	
BRUGREIRO	Homem que persegue e mata os índios.	
BURITI	Palmeira. (*Mauritia vinifera*)	
CABAÇA	Vaso, utensílio feito de casca de várias plantas cururbitáceas, depois de seca, e que serve principalmente para bebidas.	
CABEÇA-SECA	(*Tantalus americanus*) Ave pernalta.	232 a 335
CACHOEIRA	Catarata.	
CACIQUE	Chefe, autoridade superior entre os selvícolas.	
CAPANGA	Valentão ao serviço de alguém para o defender ou vingar.	
CARANDÁ	(*Copernicia cerifera*) Palmeira, cuja importância econômica reside principalmente na camada de cera vegetal que lhe reveste as folhas, e é mais abundante e de melhor qualidade nas mais novas.	302
CAUCHO	(*Castilloa Elastica Artocarpeas*) Árvore de borracha, goma-elástica.	
C. L. T. E. M. - GR.AM. CORIXA	Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas.	236, 237
DOURADO	Grande peixe de água doce (*Bagrus Goliath Kner*).	239
GARÇA	Ave pernalta aquática (*Ardea*).	231 a 233
INHAMBU	Ave galinácea (*Grypturas*).	79/80
JACARÉ	Espécie de crocodilo.	238

JACU	Ave galinácea avermelhada do Brasil (*Penelope cristata*).	80
JARARACUÇU	Cobra venenosa comprida, verde-negra (*Lachesis Atrox*).	
JATOBÁ	Árvores (*Hymenaea stilbocarpa e Hymenaea Courbaril*). cujas cascas resinosas os índios usam na fabricação de canoas leves e muito resistentes.	80
MALOCA	Taba selvícola dos índios	
MANDIOCA	Planta euforbiácea do Brasil cuja raiz, cozida é alimentícia (*Manihot utilíssima*).	
MATE	O famoso mate fornecido pelas folhas e ramozinhos das árvores do gênero Ilex, principalmente do Ilex Paraguariensis.	
MUTUM	Ave galinécea da família Crac Sp.	80
ONÇA PARDA	Puma (*Felix concolor*).	239
ONÇA CANGUÇU ONÇA MALHA LARGA	{ *Jaguar – Variedades de* (Felis uncia).	240, 241
PACU	Peixe de água doce.	
PANTANAL	Campos em grandes extensões cobertos de água, nas enchentes dos rios que os atravessam.	
PINTADO	Peixe de água doce. O mesmo que surubim	239
QUERO-QUERO	Ave pernalta, cujo canto imita a pronúncia daquele nome (*Vanelus cayanensis*).	239
SERINGUEIRA	(*Hevea brasiliensis*) Árvore euforbiácea, da qual se extrai o precioso látex, matéria-prima de borracha.	
SUCURI	Espécie de cobra grande, que atinge até 15 metros de comprimento (*Eunectes murinus*).	238, 256/7
TAPIRI	Rancho, choça à beira dos caminhos no interior do Brasil para abrigo de viandantes. Abrigos ligeiros, cobertos geralmente de folha de palmeiras, usados pelos índios nas caçadas e durante a pesca, longe das aldeias.	
TATU-CANASTRA	Mamífero desdentado do Brasil (*Dasypus gigas*).	
TIMBÓ	Cipó (*Paulhinia pinnata*) usado por várias tribos indígenas, raízes e caules servem depois de esmagadas para pescarias, quando lançadas n'água produzem a intoxicação dos peixes.	
TUCUM	Palmeira (*Astrocaryum tucumã*) cujas fibras, muito resistentes, são utilizadas para tecelagem de redes, cordas etc.	

UACURI	Palmeiras (*Attalea phalerata Mart. E Attalea princeps Mart.*)
UAUAÇU	Palmeiras (*Attalea speciosa e Orbignia Mart*).
UMBAUBA	Arvores. Cecrópias.
UNTAR	Pintar o corpo com urucum.
URUCUM	Substância tintorial extraída de uma polpa avermelhada que reveste as sementes do arbusto (*Bixa Orellana*)
ZAGAIA	Lança curta, usada na caça de onça pelos caboclos de Mato Grosso.

Índios do Brasil do centro, noroeste e sul de Mato Grosso,
de Cândido Mariano da Silva Rondon, foi composto em Garamond,
corpo 13/15, e impresso em papel polen soft 80 g/m², nas oficinas da
Secretaria de Editoração e Publicações do Senado Federal – SEGRAF,
em Brasília. Acabou-se de imprimir em julho de 2019, de
acordo com o programa editorial e projeto gráfico do
Conselho Editorial do Senado Federal.

Entre as tribos e grupos indígenas que figuram nestes três primeiros volumes, encontram-se fotografias de índios que há séculos experimentaram as agruras das invasões estrangeiras e das incursões violentas dos bandeirantes – como é o caso típico dos aritis, descobertos em 1723 e graciosamente cognominados de parecis pelos portugueses, em contradição ao nome que os próprios índios dão à sua nação: "Ariti", conforme verificamos, estudando a sua língua e os seus costumes – assim como também se encontram os que provêm de tribos e grupos dos quais nenhum explorador antes de nós havia obtido sequer um instantâneo, como acontece com os nhambiquaras, cuja existência estava apenas vagamente assinalada, mediante referências resumidíssimas e todavia eivadas de inverdades, como as que lhes fez Karl von den Steinen nas cinco linhas impressas que trancrevemos a fls. 49 de nosso modesto trabalho: "'Etnografia' – Anexo nº 5 – Publicação nº 2 da Comissão de Linhas Telegráficas Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas", no qual tratamos resumidamente dos aritis e dos nhambiquaras (edição há muito inteiramente esgotada).

Alguns dos grupos que as fotografias documentam, foram assinalados em primeira mão pelas nossas expedições e trazidos ao nosso convívio amistoso, no sertão, por processos humanitários, subordinados ao lema que estabelecemos para exprimir as nossas disposições, como civilizados, para com os aborígenes:

"Morrer, se for preciso; matar, nunca!"

Cândido Mariano da Silva Rondon
General, presidente do CNPI –
Conselho Nacional de Proteção aos Índios

Encontre este livro gratuitamente em formato digital acessando: livraria.senado.leg.br


9 788570 189509

SENADO FEDERAL 